MUSEU DE ARTE DO RIO

MUSEU DE ARTE DO RIO

Gestão

OEI

Um museu da Prefeitura do Rio

PREFEITURA RIO | Cultura

Museu de Arte do Rio

Rio de Janeiro

29 DE SETEMBRO DE 2023 – 30 DE MARÇO DE 2025

Ministério da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura
e Instituto Cultural Vale apresentam

FUNK: UM GRITO DE OUSADIA E LIBERDADE

QUEBRA
DISNEY
SOLTA
CRIAS
ANIMELA
CASTRO
FICHER
FUNK
GANGA
REI DO BASS
MIKE

O Instituto Cultural Vale, parceiro do MAR, tem a alegria de apresentar *FUNK: Um grito de ousadia e liberdade*. Esta exposição é um convite a percorrermos a história do Funk, para além de sua sonoridade, embalados pela potência carioca, brasileira, urbana, periférica, em suas múltiplas dimensões: artísticas e sociais.

Como uma instituição que atua para criar oportunidades para os fazedores de cultura do Brasil, valorizar as múltiplas manifestações artísticas e democratizar o acesso à arte, à cultura e à educação, nos conectamos, também em propósito, ao Museu de Arte do Rio e às iniciativas como essa, que valorizam a produção artística nacional e aproximam os diversos públicos da nossa história e potência criativa por meio da celebração do movimento cultural do Funk.

Dos projetos que todo mundo conhece aos que todo mundo precisa conhecer, são mais de 600 projetos criados, apoiados ou patrocinados pelo Instituto Cultural Vale desde 2020 – como a Festa Literária das Periferias, a Flup, que ocupa com arte territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários; o festival Back2Black, também aqui na região portuária, e em Madureira; e tantas outras iniciativas que evidenciam a nossa diversidade e potência criativa.

Desejamos que, ao percorrer estas páginas, você possa recriar memórias, descobrir novas histórias e também cantar e dançar junto com a gente.

Boa experiência!

Instituto Cultural Vale

Quando o Museu de Arte do Rio se propôs a apresentar a exposição FUNK: um grito de ousadia e liberdade, reforçou seu compromisso como um Museu que busca dialogar com diversas linguagens artísticas e com diferentes setores da sociedade. Com FUNK, o MAR entregou ao público uma mostra de arte que se relaciona com o cotidiano da população dos vários territórios do Rio e do Brasil.

A mostra esteve de portas abertas por um ano e seis meses e foi vista por mais de 400 mil pessoas. A partir de uma coletânea de quase 900 obras de cerca de 100 artistas brasileiros e estrangeiros, o Museu de Arte do Rio apresentou ao público o passado e o presente do estilo musical – e de dança – que, apesar de ainda enfrentar preconceitos, é uma manifestação cultural com grande força popular e reconhecimento internacional. As obras narram desde a história dos bailes black até a estética popular dos bailes FUNK com todas as suas nuances, reverberando o sentido coletivo desse movimento que possui desdobramentos musicais, culturais, políticos e econômicos.

Como um grito de liberdade, essa exposição foi pioneira. A escolha por fazê-la, ousada. A mostra reitera a importância da cultura das favelas e das periferias como patrimônio musical e artístico brasileiro. Para além, esse recorte popular ultrapassou nossas fronteiras continentais e desembarcou na França, no primeiro grande projeto de internacionalização das exposições do MAR. É um acontecimento e a oportunidade de provocar reflexões sobre a pluralidade cultural do Rio de Janeiro e do país, a partir do olhar do mais carioca dos museus.

Agora, também te convidamos a conhecer "FUNK: um grito de ousadia e liberdade" através destas páginas.

Rodrigo Rossi
Diretor e Chefe da
Representação da OEI no Brasil

Marcelo Velloso
Diretor-Executivo do
Museu de Arte do Rio

Receber FUNK: um grito de ousadia e liberdade foi uma das experiências mais transformadoras da história recente do MAR. Não só pela potência das obras, dos artistas e das curadorias, mas porque essa exposição teve a audácia de romper com a lógica elitista que ainda habita muitos museus no mundo.

Foram crianças, jovens, famílias inteiras das periferias e favelas do Rio que fizeram do MAR também o seu espaço. O baile de abertura não foi um evento: foi um manifesto. E cada atividade ao longo desse um ano e meio de exposição reafirmou nosso compromisso em fazer da arte uma ponte — nunca um muro.

O MAR ousou ser popular. E, ao fazer isso, mostrou que museu também pode ser lugar de passinho, de batidão, de grito por respeito, de celebração das estéticas e narrativas das maiorias que tantas vezes ficaram de fora dos pavilhões de exposição e das páginas da história oficial.

O Funk não só ocupou o museu. Ele transformou o museu.

Seguimos acreditando na cultura como direito e na arte como ferramenta de transformação. Que esse catálogo leve adiante o eco de um grito que não se cala.

Sandra Sérgio
Diretora-Executiva do
Museu de Arte do Rio (2021–2024)

FUNK: UM GRITO DE OUSADIA E LIBERDADE

Em uma das tardes de reunião com a equipe de curadoria e consultoria sobre essa exposição, Deize Tigrona, uma de nossas consultoras, nos interpela com a observação de que o Funk seria "um grito de ousadia e liberdade". A partir da história que contaremos nesta exposição, essa afirmação se confirmou.

O Rio de Janeiro, ousadamente, abrigou o associativismo de pessoas negras, residentes no centro e nos subúrbios da cidade, que se organizavam para o lazer em clubes e ginásios.
A diversão sempre foi um fator vilipendiado aos negros e negras, pois os afrodescendentes foram marcados pelo trabalho. Além disso, em contexto pós-abolicionista, as pessoas negras tiveram, e ainda têm, seu direito de ir e vir interpelado por abordagens policiais racistas, por olhares e comentários que procuram impedir a circulação em determinados ambientes da elite. Com isso, clubes, ginásios, associações atléticas passam a abrigar as festas negras, que começam com o simples transporte de um equipamento de som para as chamadas festas Hi-Fi e chegam às grandes estruturas, os paredões de som, da atualidade. Assim, do Soul ao Funk, muitas histórias se desenharam, de empoderamento negro, dos protestos e dos gritos por liberdade incorporados em cabelos Black Power, sapatos pisantes e, sobretudo, no extraordinário modo de dançar e reinventar a liberdade nas performances de corpo. Sob o comando de grandes equipes de som, como a Soul Grand Prix, Cash Box, Furacão 2000, entre outras, a população negra e pobre lotava os bailes de clubes da zona norte e do subúrbio da cidade. A influência de James Brown passa, assim, a atravessar o movimento Black, que vê uma juventude enfrentar as estruturas sociais e a ditadura militar com elegância e atitude.

Do soul, surgem mais movimentos, como o Hip-Hop e o Break, ainda com forte influência internacional. Contudo, outra geografia foi se desenhando, entretendo uma grande parte da população carioca que não acessava as áreas elitizadas e que, mesmo assim, produziu uma lógica própria de fazer bailes, com lonas, paredões de caixas de som, projeções audiovisuais e grandes estrelas da música e da dança. A sonoridade trazia uma batida gerada pelo Hip-Hop, influente internacionalmente, a Miami Bass, mas com a ancestralidade africana já vivida pelo Maculelê e pelos toques de Avamunha, vividos nos terreiros do Brasil. A arte do Funk se espalha na moda, na dança, no empoderamento da mulher e na inclusão da comunidade LGBTQIA+. O baile de favela começa com os grandes corredores, de expressão forte de dança e batalha, e se amplia pelas mídias autoproduzidas pela própria comunidade, lançando grandes personalidades, surgidas nas favelas e nos subúrbios, para o cenário nacional e internacional do Funk.

Os artistas reunidos aqui refletem criticamente sobre o mundo em que se inserem, no qual o Funk faz parte inextricável. Encontramos, retratados nas pinturas, fotografias, colagens e vídeos, os universos do Soul, da favela e do Funk, com suas danças, o estilo Black, o descoloramento dos cabelos, a calça da Gang, as mulheres Funkeiras, as lonas das festas, a denúncia da violência, o famoso paredão.

O Funk no MAR é, então, uma exposição que responde ao clamor popular, encontrando neste museu mais uma de suas muitas caixas de ressonância.

Amanda Bonan
Museu de Arte do Rio

Marcelo Campos
Museu de Arte do Rio

A BLACK MUSIC BRASILEIRA NASCEU NOS ANOS 1970 E SEGUE FAZENDO HISTÓRIA GERANDO UMA RESPEITÁVEL ECONOMIA CRIATIVA

Os anos 1970 foram disruptivos em vários aspectos, em especial nos âmbitos da música, da mudança de comportamento da juventude negra e da construção da consciência racial no Brasil. Nesse período, surgiram organizações negras como o IPCN – Instituto de Pesquisas das Culturas Negras no Rio, o MNU – Movimento Negro Unificado em São Paulo e os blocos afro Ilê Aiyê e Olodum na Bahia.

Da chegada da Soul Music de James Brown ao atual batidão do Funk passaram-se mais de 50 anos, período de reunião de muitas histórias, sacrifícios, desafios e conquistas. Podemos afirmar que a Soul Music desempenhou um papel significativo na economia criativa negra, tanto nos Estados Unidos quanto em outras partes do mundo, incluindo no Brasil, onde as raízes da cultura negra são profundas e atingem uma ampla gama de indústrias e setores econômicos, como a indústria musical, a moda e o estilo, a cultura popular e o ativismo e o empoderamento.

É importante destacar a diferença entre o Funk dos anos 1960, originário nos Estados Unidos, e o Funk brasileiro, que começou a ganhar popularidade na década de 1980. O Funk norte-americano evoluiu a partir do Rhythm and Blues (R&B) e da Soul Music e foi influenciado por artistas como James Brown, George Clinton e Sly & Family Stone, entre outros. Já o Funk brasileiro, conhecido por suas batidas pesadas e letras muitas vezes explícitas, com ênfase na dança e na cultura das festas, é um gênero musical que se desenvolveu a partir do Miami Bass, incorporando elementos da música eletrônica e de outros gêneros locais. A partir do final da década de 1970, encerrava-se no Brasil o ciclo da Soul Music com o fim do Movimento Black Rio; no mesmo período, nos Estados Unidos, a Soul Music transformou-se no Funk norte-americano.

A Black Music brasileira engloba gêneros como o Rap, o Funk e o Hip-Hop e desempenha um papel significativo na cultura e na economia do país, manifestando-se na indústria musical – em eventos e shows –, na moda e no estilo, na produção audiovisual, no empreendedorismo musical e nas plataformas de streaming. Essa ampla gama de atividades gera receitas e oportunidades de emprego, enquanto desempenha também um papel cultural e social significativo ao promover a diversidade e a representação negra na sociedade brasileira. A talentosa ativista Funkeira e produtora Taísa Machado, uma das curadoras convidadas da exposição FUNK no MAR, falou em entrevista ao jornal Maré de Notícias: "O Funk é o retrato das periferias urbanas do país. Ele é jovem, ousado e marginalizado. É o palco onde nossas vozes são ouvidas, onde nosso corpo é visto. É onde podemos mostrar nosso talento, ganhar dinheiro e realizar nossos sonhos. O Funk é uma fábrica de sonhos". Concordo plenamente com Taísa quando ela afirma que a indústria musical do Funk no Brasil pode ser vista como parte da economia criativa, pois envolve a criação e a distribuição de bens e serviços baseados na criatividade e na cultura, gerando empregos e oportunidades econômicas em diversos setores relacionados à música e à cultura do Funk.

A exposição FUNK no MAR é uma ação importante contra o apagamento da história do povo negro neste país, envolvendo a promoção da igualdade racial, o reconhecimento e a celebração das contribuições da comunidade negra em todas as áreas da sociedade e a conscientização sobre questões relacionadas ao racismo e à discriminação racial. Isso inclui a implementação de políticas públicas que promovam a igualdade racial, a valorização da cultura afro-brasileira e a educação antirracista.

Sigamos nas ondas sonoras da Black Music!

Dom Filó

FUNK, O RITMO DA CIDADE

Ritmo:

1 – movimento regular e periódico no curso de qualquer processo; cadência.

2 – sucessão de tempos fortes e fracos que se alternam com intervalos regulares.

O terreiro ensina que o ritmo é soberano. "Todo trabalho, todas as coisas, todos os sons, tudo é ritmo", e, por isso, nós exaltamos primeiro o todo poderoso movimento.

Se o ogã não toca, Ògún não dança, então, quando pensamos em Deus, pensamos em música. No som maciço do tambor, no Congo de Ouro, no choro cantado pelo berimbau, no grave estendido do Miami Bass, nos samples picotados do Gemini PDM 7008, na valentia do atabaque soando os quatros tempos do Maculelê. O encontro entre o ancestral e a máquina na frequência cardíaca do coração elevado à máxima potência, 150 BPM.

Tudo é ritmo, e o som da favela é a pulsação da cidade, que dança mesmo quando se recusa a apreciar a música. Vem das periferias, dos becos e das vielas a melodia que desenha o swing no andar, a ginga, a beleza. Parado na esquina, batendo na palma da mão, o carioca inventa a cidade, debocha dela, assusta, transforma.

É debaixo de uma lona de circo, no espaço sagrado do baile, que os corpos se acendem, a onda nasce da parede de som e arrepia a pele, estala a alegria que vive nas pernas e faz o passinho ser foda. O Funk é o som, o baile é o palco e a favela é o lugar.

O Funk ressoa um nós coletivo, e à violência policial nós respondemos com hits, entramos pelos alto-falantes e viajamos no tempo unindo passado e presente, amor e ódio, denúncia e orgulho, tesão e sonhos.

"É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado". A linguagem que nós criamos movimenta o cotidiano, o ombrinho e muito dinheiro. O mototáxi, a cabeleireira, o barraqueiro, o(a) artista, a economia criativa se fortalecem a partir de um beat e segue o baile criando modas e tendências.

O rebolado é o som que sai do quadril, o reflexo de bolinha é o movimento da beleza, o cordão de ouro é a prova de que nada pode nos parar.

Nós somos o Funk, o som das massas, muito nervoso.

Esta exposição é uma homenagem ao poder transformador da cultura popular, à criatividade inesgotável das favelas e à música que uniu gerações de cariocas. Explore, celebre e absorva a essência do Funk carioca enquanto mergulhamos nas profundezas de suas batidas, seus ritmos e sua cultura vibrante.

Taísa Machado

14 RIO, UMA CIDADE DANÇANTE
30 MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS: ESTADOS UNIDOS E BRASIL
38 A ERA JAMES BROWN
44 SOUL COMO PONTO DE PARTIDA
54 COMO DANÇA UM BLACK
60 MUNDO DISCO
66 FESTAS DE PERIFERIAS: BAILES, FESTAS BLACK, FESTAS CHARME
72 RITMOS DO FUNK
78 TAMBORZÃO
82 O FUNK NA DÉCADA DE 1990: DOS BRIGÕES AOS REBOLÕES
90 BAILE DE FAVELA
102 MULHERES NO FUNK
110 DA DANÇA DA BUNDINHA AO PASSINHO
114 DJS E MCS
118 MODA E COMPORTAMENTO
128 CORPO E SENSUALIDADE: CONTRA A HIPOCRISIA
132 PROTAGONISMO LGBTQIAP+
140 FUNK CONTRA A VIOLÊNCIA
148 FUNK COMO LAZER DOS TRABALHADORES
154 TRABALHADORES DO FUNK
160 FUNK POR TODA PARTE
168 A ERA DAS GRANDES ESTRUTURAS
170 ÍNDICE DE OBRAS
180 TEXTOS TRADUZIDOS

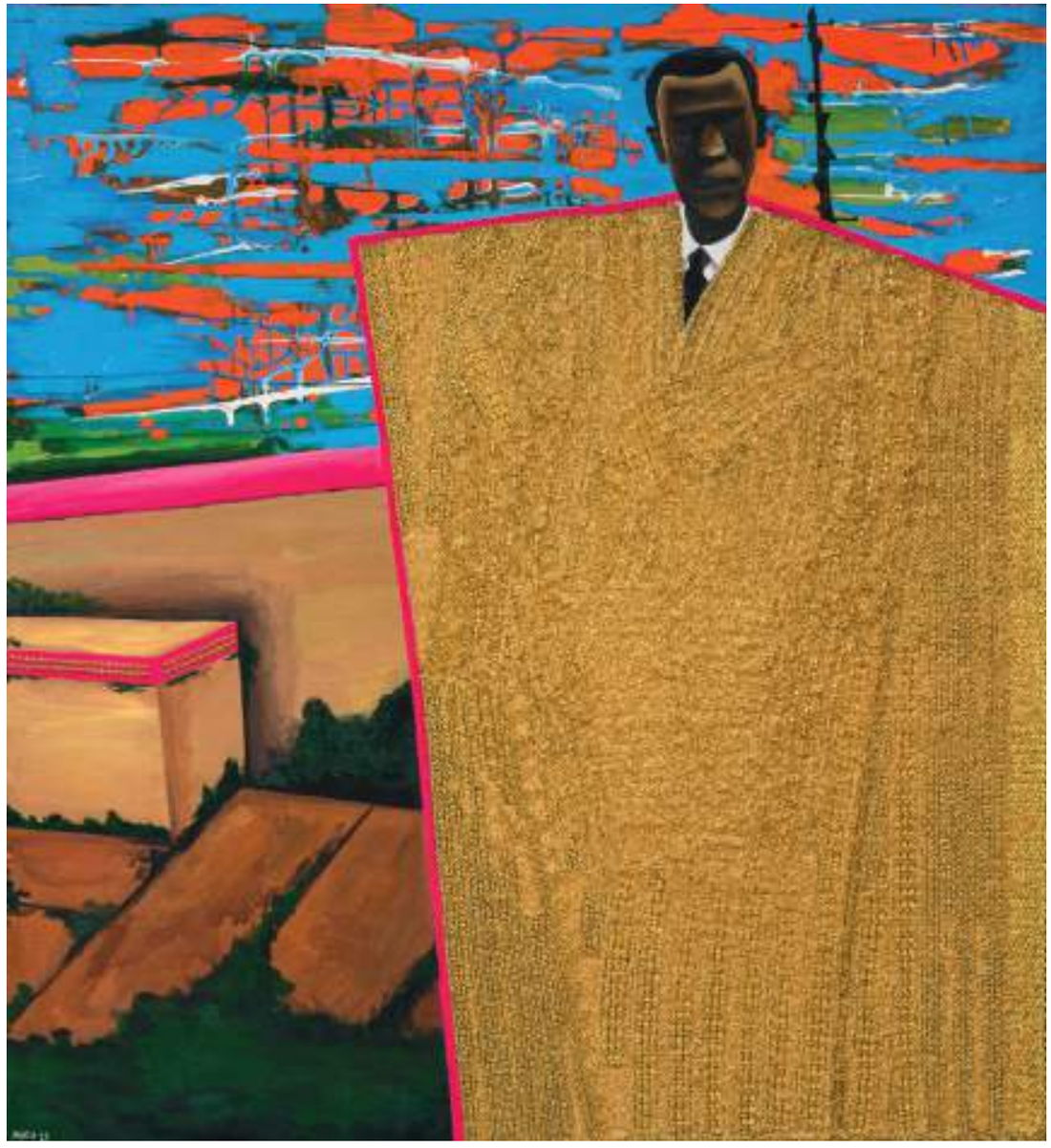
RIO, UMA CIDADE DANÇANTE

Em 1906, o poeta e cronista Olavo Bilac escreveu que "o Rio de Janeiro é a cidade que dança". A afirmação continua atual quase 120 anos depois, e encontramos nela a evidência de que o fenômeno experimentado hoje nos bailes Funk tem origem antiga e está nas bases da cultura carioca. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, uma diversidade de clubes e sociedades dançantes foi fundada e formada, em sua maioria, por associações de trabalhadores de baixa renda. Bilac chamava a atenção justamente para o fato de que, entre os trabalhadores afrodescendentes, a "febre" da dança era mais forte e de que, nos bairros com maior presença de trabalhadores negros, com pouco dinheiro e pouca estrutura, como a Cidade Nova, surgiam novos e surpreendentes ritmos.

O escritor observava ainda que "Botafogo não dança como o Catumbi, a Tijuca não dança como a Saúde", apontando peculiaridades e singularidades como aquelas que demarcamos hoje ao diferenciar o Baile do Egito (no Chapadão) do Baile de Paris (no Jacaré), localizados na Zona Norte carioca. Além de assegurar os direitos recreativos dos trabalhadores, os bailes de ontem e de hoje constituem as múltiplas identidades cariocas e nossa diversidade cultural. Musicalidades próprias surgem nesses lugares de diversão, que são também espaços de autoidentificação, pertencimento e construção de sentidos comunitários.

Autoria não identificada
Almira Castilho e Jackson do Pandeiro dançando em programa de Carnaval comandado por Paulo Gracindo na Rádio Nacional

Manuela Navas
Metáforas do ser | vivendo de dança e sonho e dança



Maria de Lourdes Santiago
Sem título

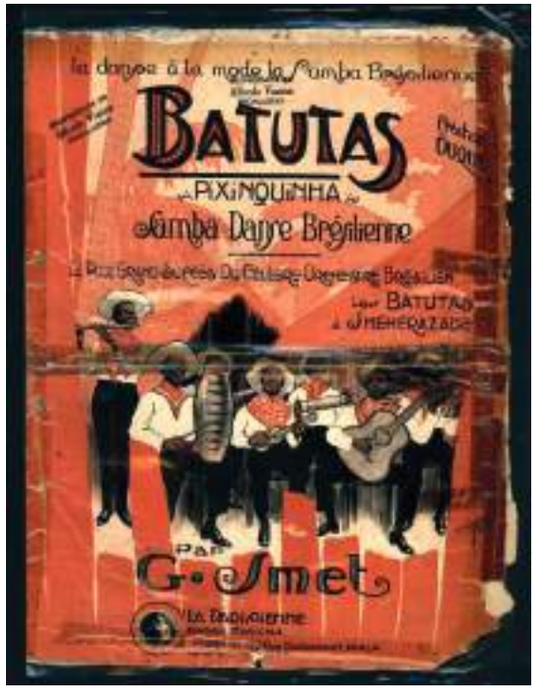
Arjan Martins
Sem título

Audição de música negra

ORQUESTRAS NEGRAS

No final do século XIX, nasceu o Choro, criado por conjuntos que uniam instrumentos europeus e africanos e traziam elementos da dança de salão europeia. Tendo como berço as biroscas da Cidade Nova e os quintais do subúrbio carioca, ainda nos anos finais do Império, o ritmo se popularizou nos salões de dança da alta sociedade. Criou-se, assim, o cenário ideal para o surgimento do grupo Oito Batutas, em 1918, composto exclusivamente por homens negros: na formação original havia Pixinguinha na flauta; Donga, Raul Palmieri e China nos violões; Jacob Palmieri no pandeiro; Luís de Oliveira na bandola e no reco-reco; Nelson Alves no cavaquinho; e José Alves no bandolim e no ganzá. A orquestra tornou-se atração na sala de espera do Cine Palais logo que os cinemas reabriram após a pandemia da Gripe Espanhola. Eles foram os primeiros a levar a música popular brasileira ao exterior, apresentando-se em Buenos Aires e Paris em 1922, onde foram recebidos com entusiasmo depois da excursão pelo Brasil. Na capital francesa, tiveram contato com orquestras negras e grupos de Jazz estadunidenses que os influenciaram profundamente – influenciando, sobretudo, as composições de Pixinguinha nos anos seguintes.

O Malho
"Choro" ao 13 de maio



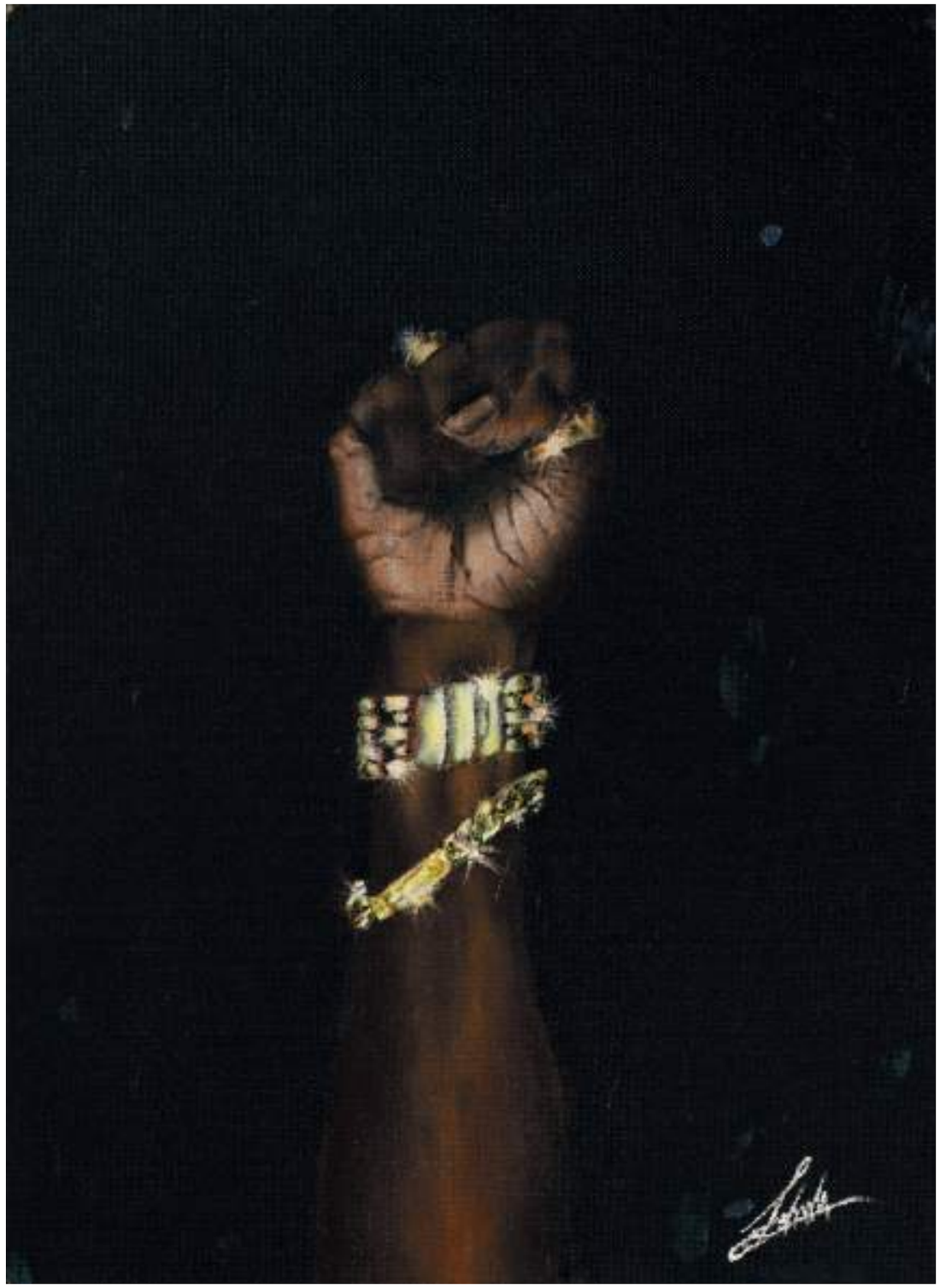
La Parisienne Éditions Musicales
Batutas: Pixinguinha: Samba danse brésilienne

Autoria não identificada
Grupo do Caxangá

O Mercurio
Choro no Sacco do Alferes

MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS: ESTADOS UNIDOS E BRASIL

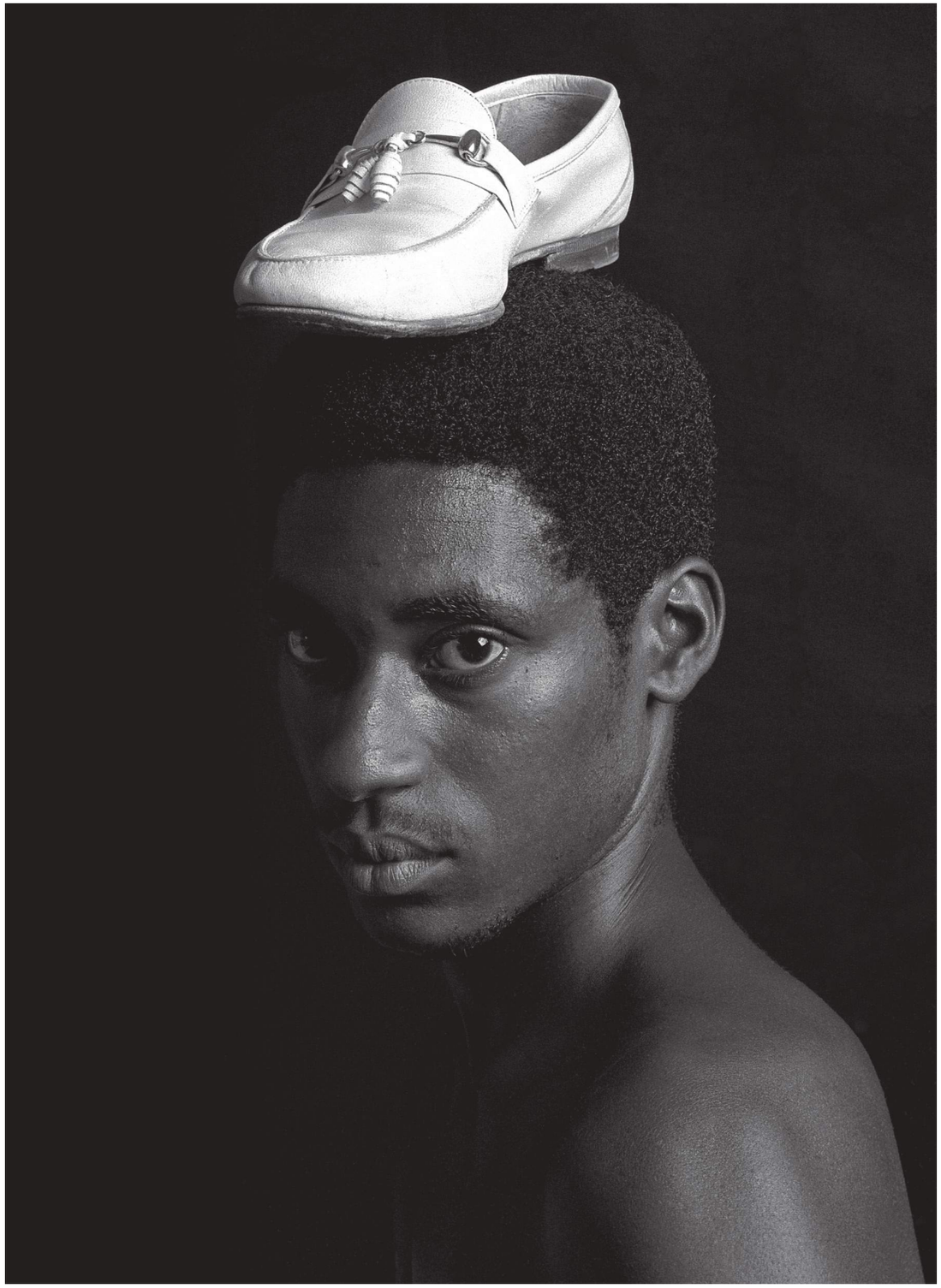
A década de 1960 é marcada pelos movimentos de reivindicação dos direitos civis nos Estados Unidos, sendo o movimento Black Power um dos mais significativos. Ele eclodiu como reação às leis estaduais e locais que impunham a segregação racial: a determinação de banheiros e bebedouros para brancos e para negros; os vagões ou os assentos específicos em transportes públicos para pessoas negras; as escolas separadas para brancos e para negros etc. Nesse contexto, surgiu, em 1966, na Califórnia, o Partido dos Panteras Negras para Autodefesa, que prestava serviços comunitários e lutava contra a injustiça e a violência sofrida pela população negra. O icônico cabelo Black Power, que sinaliza a aceitação e a exaltação do cabelo afro natural, popularizou-se e tornou-se o principal símbolo do movimento, assim como o gesto de erguer o punho cerrado, imortalizado em uma das cenas mais notáveis da cultura visual dos anos 1960, quando os atletas negros estadunidenses Tommie Smith e John Carlos o reproduziram ao subirem no pódio durante os Jogos Olímpicos de 1968 no México, sendo, em seguida, expulsos da equipe como consequência do ato. No Brasil, o movimento negro teve ampla reverberação cultural, manifestando-se direta ou indiretamente nos bailes Soul, no processo de valorização das raízes africanas pelo samba e pelo carnaval, no surgimento dos blocos afro em Salvador, como o Ile Aiyê em 1974, na fundação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras em 1975, ocupando um lugar de referência na pesquisa da luta antirracista, e na criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978. Mas o país estava, entre 1964 e 1985, sob a ditadura militar, que freava a difusão de qualquer ideal democrático, sobretudo quando se tratava das questões raciais. O regime militar tomou o movimento negro como antipatriótico (em razão de sua inspiração estadunidense) e como uma ameaça comunista, buscando silenciá-lo o tempo todo.



Gabriel Labarba
Prosperar e resistir

ARETHA

na luta contra o racismo
Amigos Negros
PRETOS, MULATOS, MESTIÇOS...
QUEM É O NEGRO NO BRASIL?



Bauer Sá
White Shoe

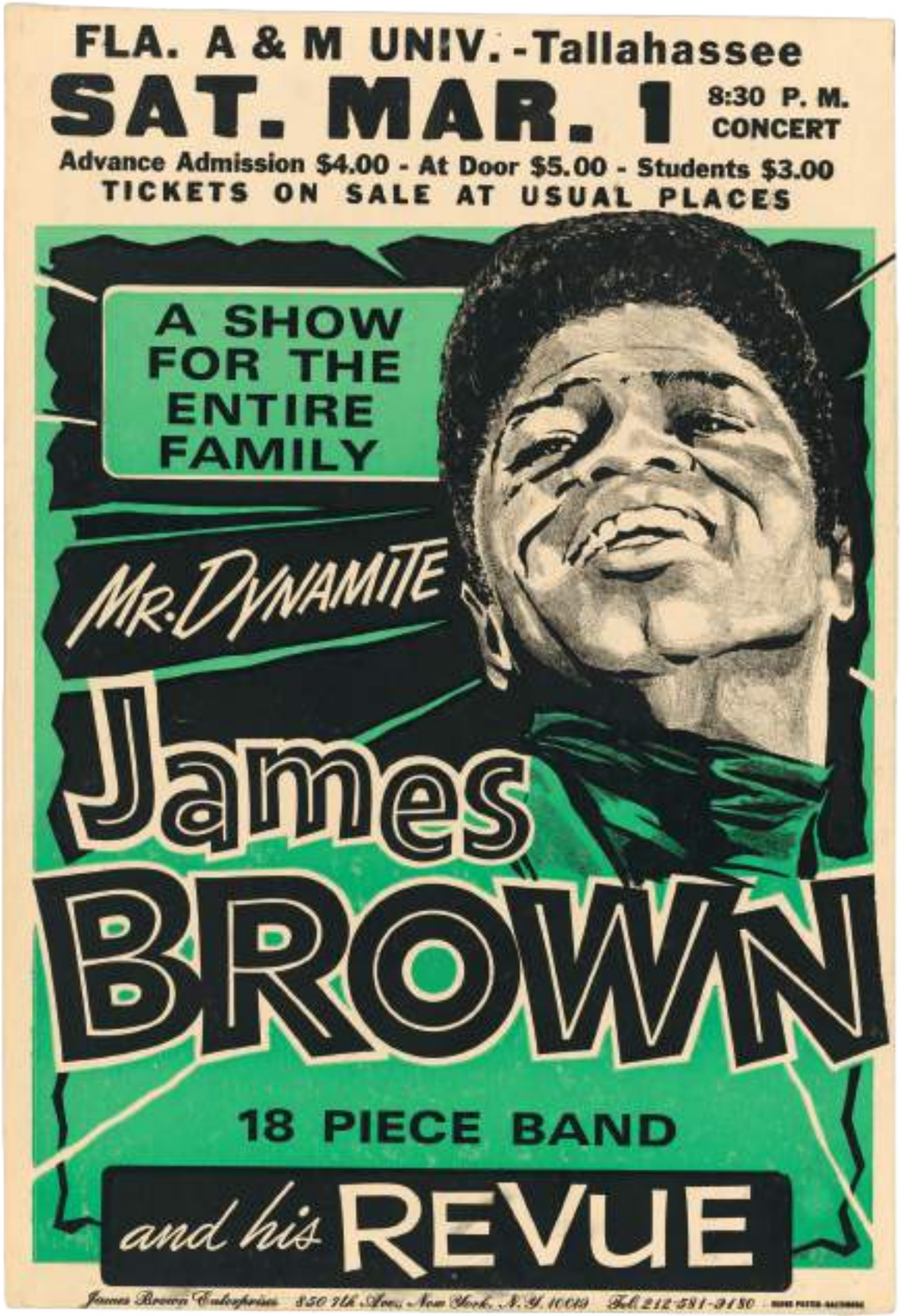
FESTAS HI-FI

Fazem parte da identidade cultural do subúrbio carioca as festas Hi-Fi, que são eventos sociais presentes, pelo menos, desde a década de 1950 e que a partir dos anos 1970 foram embalados por ritmos como o Soul e o Funk. Seu nome está associado à popularização de aparelhos domésticos de áudio que prometiam entregar sons de alta-fidelidade (High Fidelity). O surgimento das festas Hi-Fi, nos Estados Unidos, foi, na verdade, resultado de eventos publicitários. Os vendedores dos novos aparelhos de som eram incitados a produzir eventos demonstrativos em suas casas, nos subúrbios estadunidenses, convidando a vizinhança a testemunhar a capacidade técnica dos aparelhos. Os vizinhos do vendedor eram convidados a levar seus próprios discos de vinil para perceberem as diferenças entre os novos aparelhos de áudio Hi-Fi e os antigos, como o gramofone. Esses pequenos eventos comerciais, em que costumavam também ser distribuídos lanches e refrescos para os participantes, podem ter influenciado a denominação do que conhecemos, aqui, como festa Hi-Fi ou festa americana, cujos participantes levam comidas e bebidas e dançam ao som das últimas novidades da música estadunidense no interior de suas casas, em playgrounds de prédios do subúrbio carioca e, às vezes, até mesmo nas ruas, em frente às residências. Se, em um primeiro momento, essas festas informais, animadas com o uso de um toca-discos e um conjunto de vinis, contrastavam com os bailes que ocorriam em clubes ao som de orquestras ao vivo, mais tarde, elas ganharam a cena, pois cresceram tanto que precisaram sair do ambiente doméstico e ocupar os clubes suburbanos. Esses clubes e bailes, antes sonorizados por grupos ao vivo, passaram a receber sonorização mecânica, abrindo um novo capítulo na história dos eventos dançantes.

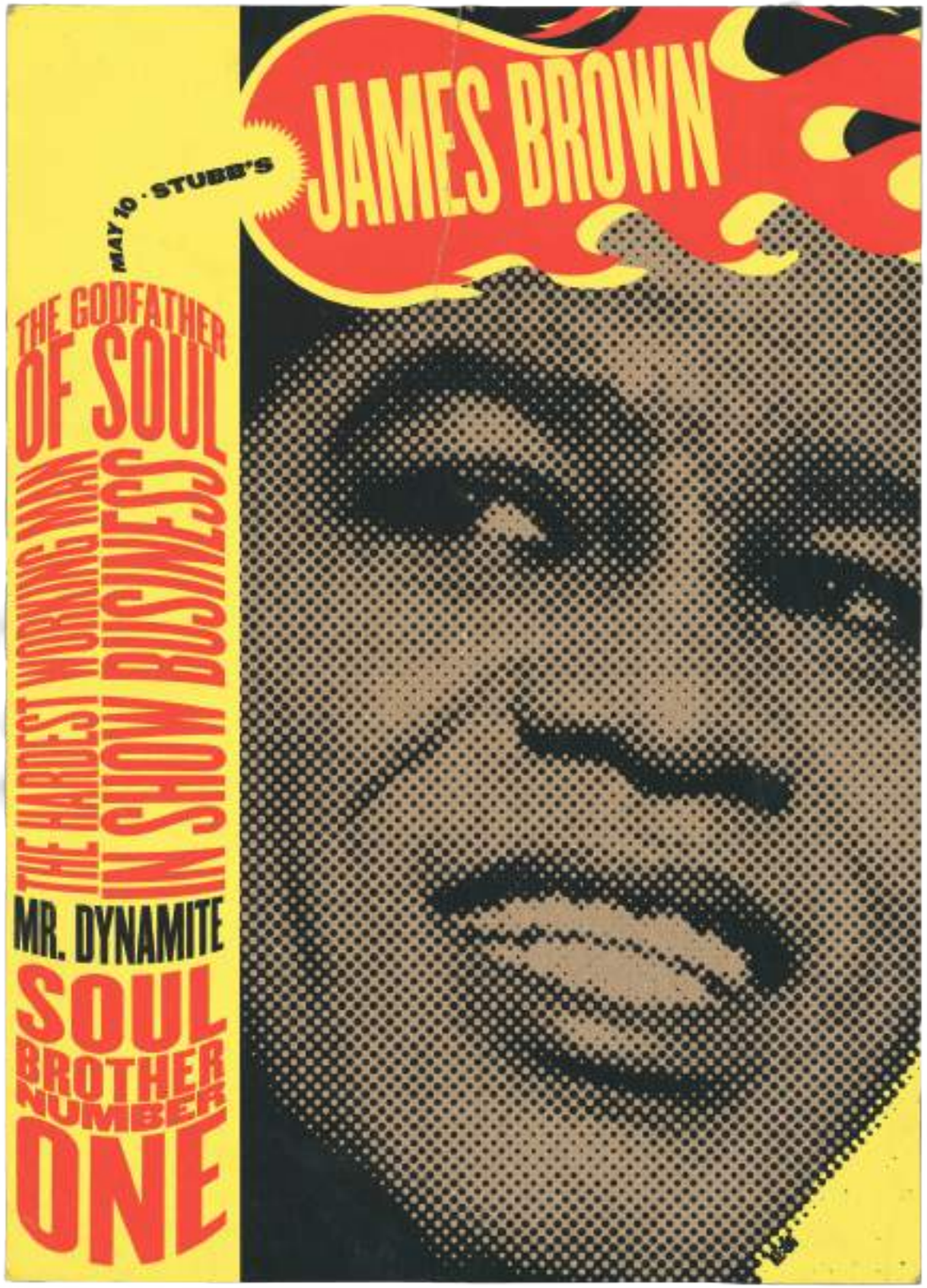
A ERA JAMES BROWN

Nascido em 1933, o cantor estadunidense James Brown atingiu o sucesso na década de 1950 e tornou-se um dos maiores ícones do Soul, chamando atenção pela sua voz potente, pela maneira como incorporava ao Soul elementos da música Gospel (também de raiz afro-americana) e pelo seu modo peculiar de dançar: jogava-se no chão de pernas abertas, fazendo o movimento de espacate, e voltava à posição inicial com muita facilidade, em um piscar de olhos, como uma marionete. O estilo de suas roupas, sua dança e seu canto inspiraram muitas gerações, em especial, os jovens negros dos anos 1960 e 1970, lá e cá. O cantor esteve no Brasil quatro vezes, em 1973, 1988, 1994 e 1996. Em sua primeira passagem por aqui, foi recepcionado no aeroporto pelo cantor Wilson Simonal. Nessa ocasião, apresentou-se no Theatro Municipal de São Paulo e no Canecão, no Rio de Janeiro, que mais tarde abrigaria o Baile da Pesada, um dos principais divulgadores do Soul por aqui. Exaltando a negritude em suas canções e em sua estética, Brown foi influência direta para o movimento negro.

Marcel Diogo
Carinhosa-Cafuné James



Globe Poster Printing Company
Cartaz publicitário de uma apresentação de James Brown na Florida A&M University



Stubb's BBQ
Menu do Stubb's BBQ anunciando um show de James Brown

MARIA FUMAÇA
MUSEU DE ARTES DO RIO
BAILE SOUL 77
NEGRO É LINDO
SEXTA
29
SET.
SOUL GRAND PRIX
CASH BOX
A COVA
FURACÃO 2000
LUIZINHO DISK JOKEY SOUL
BLACK CHILDREN
BLACK POWER
PETRU'S
DYNAMIC SOUL
VIRGEAURE
VIP'S
BOOT POWER
CÉLULA NEGRA
GERAÇÃO BLACK
AFRICANA SOUL
HOMEM ÁRVORE
GIVIDADOS
GEDDON KING COMBO
NEGUINHO DYNAMIC
JORNAL

SOUL COMO PONTO DE PARTIDA

Antes de falarmos sobre aquilo que conhecemos hoje como Funk, não podemos deixar de lembrar da importância da onda Soul e dos bailes Black do passado. Se o Soul foi a trilha sonora da população negra que lutava pelos direitos civis nos Estados Unidos entre os anos 1960 e 1970, aqui no Brasil ele chegou durante o regime militar, tendo de driblar a perseguição das autoridades que viam, no Movimento Negro, o poder de mobilizar as massas e temiam uma suposta ameaça à ordem, que seria representada pelos ideais do movimento.

Bailes como A Noite do Shaft (mais tarde, Soul Grand Prix), Cashbox, Santos Brazilian Soul (mais tarde, Mr. Funky Santos), Black Power, A Cova, Furacão 2000, Uma Mente numa Boa, Dynamic Soul, Modelo, JB Soul, Tropa Bagunça, Apoluisom, Vip, Alma Negra, Petrus, Revolução da Mente e Baile da Pesada foram os principais difusores do Soul no Brasil, sendo lugares de lazer para trabalhadores suburbanos e, ao mesmo tempo, de conscientização e representatividade negra. Predominava a influência estrangeira na música, na moda e no vocabulário. A Noite do Shaft, que acontecia no Renascença Clube (no Andaraí), teve seu nome inspirado no filme *Shaft* (1971), do diretor Gordon Parks, um dos maiores exemplos do blaxploitation – nome dado ao movimento cinematográfico iniciado na década de 1970, nos Estados Unidos, caracterizado por filmes protagonizados ou dirigidos por pessoas negras.

Paty Wolff
Nina Simone ou a liberdade é minha

Blecaute
Colored Only

A RODA

De Samba, de Capoeira, de Jongo, de Ciranda, de Baião, de Maculelê, de Rima, de Slam de poesia, de religiões de matrizes africanas, de Taba...
A roda remete à nossa ancestralidade, a um momento de alegria, de danças, de confraternização. No entanto, ela é também um lugar de disputa, um campo de batalha, de tomada de decisões. Em uma noite de um sábado qualquer do ano de 1976, o Grêmio Social Esportivo de Rocha Miranda, instalado na Avenida dos Italianos, 282, no bairro de Rocha Miranda, com suas cores vermelho, azul e branco, também conhecido como o Palácio do Soul, recebe mais um encontro de equipes de som, a noite do pisante mais estiloso e do melhor dançarino de roda.

No salão, estão as equipes Cash Box, A Cova, Soul Grand Prix, Petrus, Furacão 2000, Black Power e os convidados Big Boy e Monsieur Limá (atrações da noite). Os equipamentos ocupam o palco, as arquibancadas e as paredes laterais. Com suas potentes caixas de som, a noite promete, afinal o pisante mais estiloso e o melhor dançarino receberão uma caderneta de poupança no valor de 500 cruzeiros como prêmio.

Na praça de Rocha Miranda, centenas de jovens se concentram, vindos de todos os cantos do subúrbio do recém-criado estado do Rio de Janeiro; eles ensaiam coreografias, mostram novos passos e comentam sobre suas equipes e discotecários favoritos. Com frequência, são revistados pela Invernada de Olaria, policiais que param os carros Veraneio pretos e brancos, descem e se dirigem aos jovens, sempre de forma intimidadora, revistam, embaraçam os cabelos (antes alinhados), apreendem os garfos feitos de madeira e de raios de bicicleta, entram no carro e vão embora.

Na porta do Grêmio uma longa fila é feita na bilheteria, mostrando a grandeza daquela noite. Aos poucos, o salão vai sendo ocupado, enquanto a primeira equipe toca e faz o aquecimento. Logo o espaço está lotado. Na frente das equipes, barreiras humanas de jovens pretos se formam, com suas jaquetas jeans, camisetas ou seus coletes pintados com o nome e o símbolo da equipe que participam.

Já são 22h e, agora, o salão encontra-se completamente lotado. Uma massa humana tenta se locomover, outra tenta encontrar um lugar para dançar — coisa quase impossível. Chegar ao bar ou ao banheiro também não são tarefas fáceis. No centro do salão, ali sim, é possível dançar, é no centro do salão que os mestres formam as rodas. É um espaço disputado por exímios dançarinos: Ligeirinho, Piolho, Jornal, Lurdinha, Rejane 2000, Ângelo Branco e tantos outros.

A roda é uma verdadeira arena, ali a disputa se dá e, nesta noite, os pisantes estão brilhando pois há a promessa do prêmio de 500 cruzeiros. A roda é uma arena mágica. Ali, o mestre escolhe quem será o próximo a ocupar o centro e mostrar seus passos, sua coreografia. Bengalas, chapéu de abas largas, óculos escuros, túnicas coloridas, casacas, um cachimbo para dar um charme, calças coladas nas pernas com bocas apertadas que dão destaque ao pisante.

Estamos em um festival de grandes equipes, a pista ferve, alguém pisa no pé de alguém, rola um início de tumulto, o discotecário pega o microfone e diz: “Calma rapaziada. Aqui é na paz, ao invés de brigar cola com a mina do lado”. E o baile segue. Ao som dos primeiros acordes de “Miss Funky Fox”, ouve-se gritos no salão, o mestre fecha a roda com todos de mãos dadas e, depois, abre a roda, que está posicionada no centro do salão. Piolho, com suas pernas hábeis e com seu jogo de cintura espetacular, dança esplendorosamente. Naquele momento, o discotecário acerta e o espírito do Soul ancestral passa pela roda e incorpora-se no salão.

This is Soul, this is Black Rio.

Sir Dema

Afonso Pimenta
Adailson Pereira da SIlva no Baile Soul do DCE (Diretório Central dos Estudantes)

Januário Garcia
Dom Filó e Equipe Soul Grand Prix

Januário Garcia
Dom Filó e Equipe Soul Grand Prix

Afonso Pimenta
Fernando Black, dançarino do Soul

Januário Garcia
Dom Filó e Equipe Soul Grand Prix

Afonso Pimenta
Negão do Açougue, dançarino do Soul

Leid Ane
Triplice interior

Blecaute
Festa de Preto é pra se libertar

Blecaute
Filhos de um Deus que dança

COMO DANÇA UM BLACK

O penteado Black, as roupas, a linguagem e os símbolos, além de aparecerem nos bailes, projetaram-se midiaticamente (em capas de discos, aparições na TV, fotografias em jornais e revistas) por meio de cantores de outros ritmos, como o samba, ou de jogadores de futebol de grandes clubes e, até mesmo, da seleção brasileira, atingindo, finalmente, a juventude negra que vivia nas periferias. São sambistas, como Leci Brandão, Jorge Aragão, Roberto Ribeiro, João Nogueira, Arlindo Cruz, Marquinhos de Oswaldo Cruz e Marquinho Sathan; ícones da MPB, como Wilson Simonal, Gilberto Gil e Jorge Ben Jor; nomes mais ligados à música Black, como Sandra de Sá, Tim Maia e Tony Tornado; futebolistas de sucesso que apareceram a partir da década de 1970, como Jairzinho, Júnior do Flamengo, Paulo Cézar Caju, Zé Maria, Marco Antônio Feliciano. Lembrar desses nomes, mesmo daqueles não diretamente ligados ao Soul e aos bailes, atentando-se para o visual que mantinham entre os anos 1970 e 1980, ajuda-nos a enxergar o impacto e a reverberação do movimento Black. A escritora Grada Kilomba afirma que o cabelo é o mais importante instrumento da consciência política entre africanas e africanos em diáspora, sendo símbolo do engajamento da luta antirracista e da descolonização dos corpos dominados na diáspora. A isso, podemos somar a importância dada pelos Blacks ao sapato, chamado de cavalo de aço, com saltos grossos e altos. O uso de calçados tão chamativos era uma espécie de revanche para o que ocorreu no passado com as pessoas escravizadas, que eram proibidas de usar sapatos. O cabelo Black e os calçados eram tidos como um grito de liberdade e uma afirmação de identidade, símbolos da recuperação da autoestima e da valorização da negritude.

Lucas Almeida
Cassiano - Faixa 6

Como dança um black

No começo, corpo e espírito.

Aquela saudade de casa, da Terra-Mãe...

Na força das histórias repassadas pela voz do Griô, os cantos que expurgavam, mas também louvavam os Deuses, e o ritmado de suas danças que marcavam o renascer negro ao final de cada dia.

Os cantos e o ritmo eram presentes nas diversas atividades: na lavagem das roupas, no cozinhar, na colheita, na lida e na dança. A capoeira cumpriu um papel primordial como instrumento de resistência e identidade.

Toques, cantoria, ladainhas e ginga, unidos.

Mestres Pastinha e Bimba estão no panteão da cultura afro-brasileira, de uma cultura que foi das senzalas para os morros, em um enfrentamento social insistente, até que alcançasse seu tombamento.

Na Bahia, com a influência das religiões de matrizes africanas e uma população negra oriunda de inúmeras partes da África, foi possível reunir ricos traços culturais, lapidando parte robusta de nossa cultura. Jongo, Coco, Maracatu, Congado, Tambor de Crioula, Baião e tantas outras representações culturais afro-brasileiras foram geradas a partir dessas interseções, em processos culturais e históricos brasileiros.

Em um mesmo contexto periférico e discriminatório, o Samba, que tem sua gênese na Bahia de Todos os Santos, cresce e floresce nos terreiros de candomblé do Rio de Janeiro, nas regiões do Estácio, da Praça XI e da Pequena África, no início do século XX, tendo como pilares figuras como Pixinguinha, Donga, Tia Ciata, Heitor dos Prazeres, só para citar alguns.

Assim como todas as representações afro-brasileiras, o Samba foi legitimado através de muitas lutas... Lutas essas observadas também no caminho de outras representações culturais negras, brasileiras e mundiais, como o Rap, o Soul e o Funk.

O Samba abriu portas para novas discussões, mas enfrentou um período de chumbo a partir do golpe militar e um período nebuloso durante o regime militar. Em paralelo, a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental Negro (TEN) reforçaram um novo momento na briga pelos direitos da população negra e na reafirmação identitária, ambas necessárias.

Antes disso, no início da década de 1950, bandas e orquestras surgiram, tendo como ponta de lança a Orquestra Afro-Brasileira, regida pelo maestro Abigail Moura, que despontou trazendo uma sonoridade baseada na mescla dos toques para os orixás com os instrumentos oriundos da cultura ocidental, como o saxofone e o clarinete. Outro maestro negro de extrema relevância e que nos deixa um legado primoroso para a música brasileira atende pelo nome de José Prates. Seu trabalho de arranjos com a Companhia de Dança Brasiliana rodou por mais de 80 países, apresentando espetáculos baseados na cultura afro-brasileira.

O trabalho de Prates se tornou cult posteriormente, quando Jorge Ben Jor inseriu frases da canção "Nãnã Imborô", presente no álbum Tam...Tam... Tam!, de 1958, em sua canção "Mas que Nada", de 1963.

Realizando uma ponte atemporal, reconhecemos a Orkestra Rumpilezz do maestro baiano Letieres Leite como descendente direta da estética sonora dos arranjos baseados na percussão e nos sopros, criados por Abigail e Prates.

Assim como o Blues e o Jazz norte-americanos, o Samba atravessou um século de mutações, fusões e experimentos, sendo o catalisador de mudanças e quebras de paradigma sociais, culturais e mercadológicos.

Com a necessidade de apontar para outras questões, surgiu uma nova estética comportamental, visual e sonora com novas palavras de ordem, autoestima em voga. *"Say it Loud – I'm Black and I'm Proud"* cantava James Brown no final dos anos 1960, ecoando nas palavras de "Sou negro", de Tony Tornado em 1970, e de "Uma vida", de Dom Salvador e seu grupo Abolição em 1971.

Chega o momento do ápice do orgulho negro com *"Black Is Beautiful"* e com o Movimento Black Rio! Uma avalanche de pessoas que se encontravam para dançar em bailes espalhados pela Zona Norte do Rio de Janeiro. O "marco zero" é um baile ocorrido no Clube Astória em novembro de 1969.

A partir daí, o movimento "ganhou corpo", invadiu as rádios, e as gravadoras começaram a entender que aquele som cheio de groove, vindo dos EUA, tinha "lenha pra queimar". Em um curto período, apareceram nomes como Banda Black Rio, Tim Maia, Carlos Dafé, União Black, Copa 7, Gerson King Combo, Cassiano, Os Diagonais, Wilson Simonal, Hyldon, e as equipes de som Soul Grand Prix, Dynamic Soul, Furacão 2000, Black Power, Modelo, que arrastavam milhares de pessoas para os clubes das zonas Norte e Oeste do Rio. Considerado Patrimônio Imaterial Brasileiro, o Movimento Black Rio completou 50 anos em 2019.

Ao olharmos cuidadosamente, podemos identificar uma série de desdobramentos culturais e sociais advindos do movimento, que, da mesma forma surpreendente que surgiu, viu o mercado recalcular sua rota ao trazer a Disco Music para ser o novo filão da indústria musical.

De forma camaleônica e com o advento tecnológico, novos formatos apareceram. Disco Funk, Electro Funk e Miami Bass vieram sacudir a música Black e abrir caminho para as melôs e montagens, uma realidade que começa a moldar e pavimentar o caminho aberto para o Funk carioca.

Marcello Bogo "DJ MBgroove"

Maria Lidia Magliani
Dançantes

Lucas Almeida
Sem título

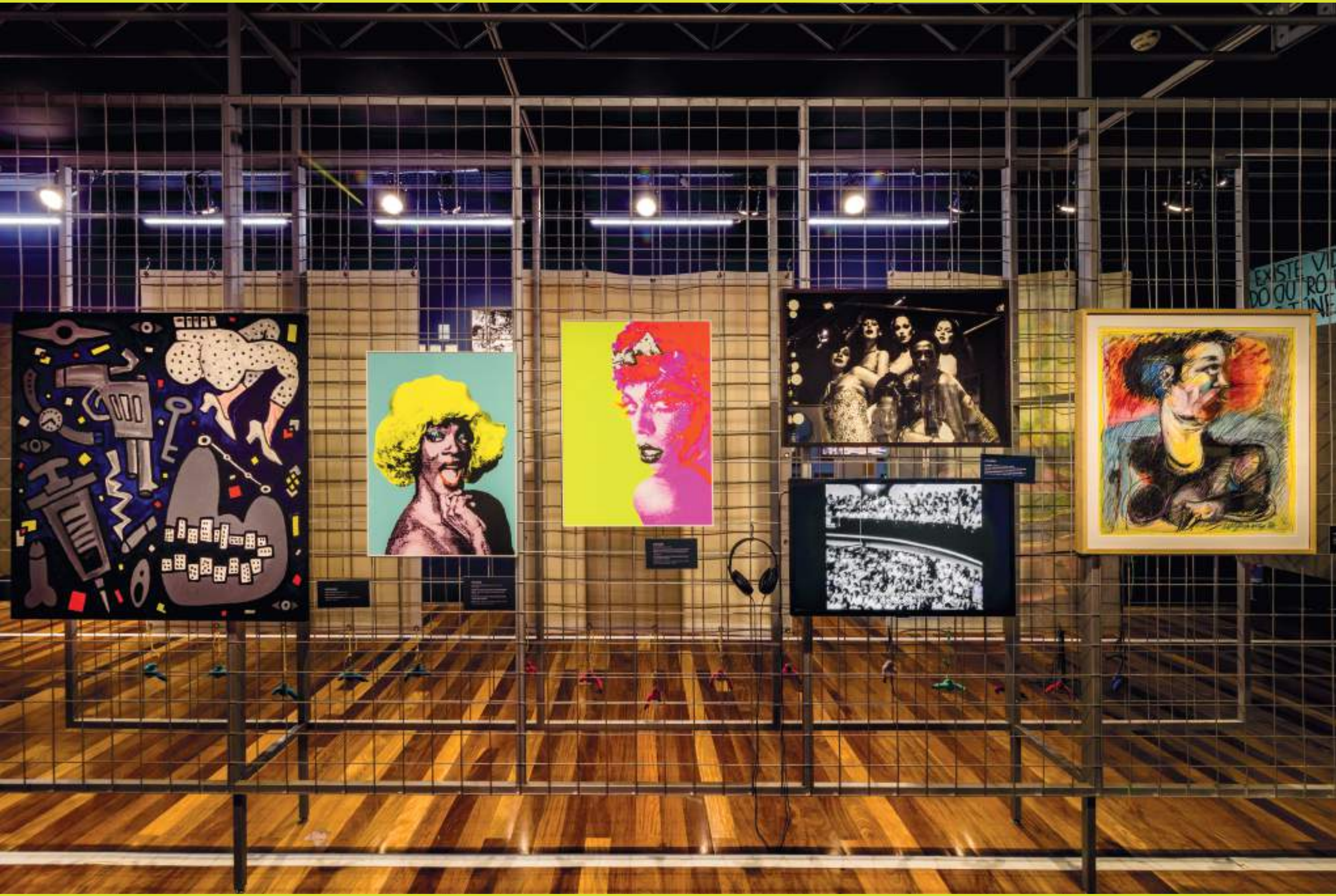
André Vargas
É por isso que eu vivo no clube do Soul (frente)

MUNDO DISCO

O final da década de 1970 é marcado pelo sucesso do gênero musical Discoteca, que foi muito bem representado pela novela *Dancin' Days*, pelo grupo As Frenéticas e pelo filme estadunidense Os Embalos de Sábado à Noite. Com a nova onda Disco, o Soul perdeu espaço nas pistas e no mercado fonográfico, sendo ofuscado por um movimento mais mercadológico e majoritariamente branco.

A Discoteca teve o apoio da grande mídia e se desdobrou em produtos televisivos. Além da já mencionada novela *Dancin' Days*, o ritmo embalou a trilha sonora de Te Contei?, também no final dos anos 1970. Enquanto isso, o movimento Black era estereotipado pela TV, principalmente em programas de comédia. Esse cenário se mostrou favorável ao poder ditatorial que ainda estava em vigor naquele momento e há anos vinha tentando silenciar o movimento Black.

Victor Arruda
Uma noite no Rio



Autoria não identificada
As Frenéticas (capa de disco)

Rafael Bqueer
Jorge Lafond

Rafael Bqueer
Paulette

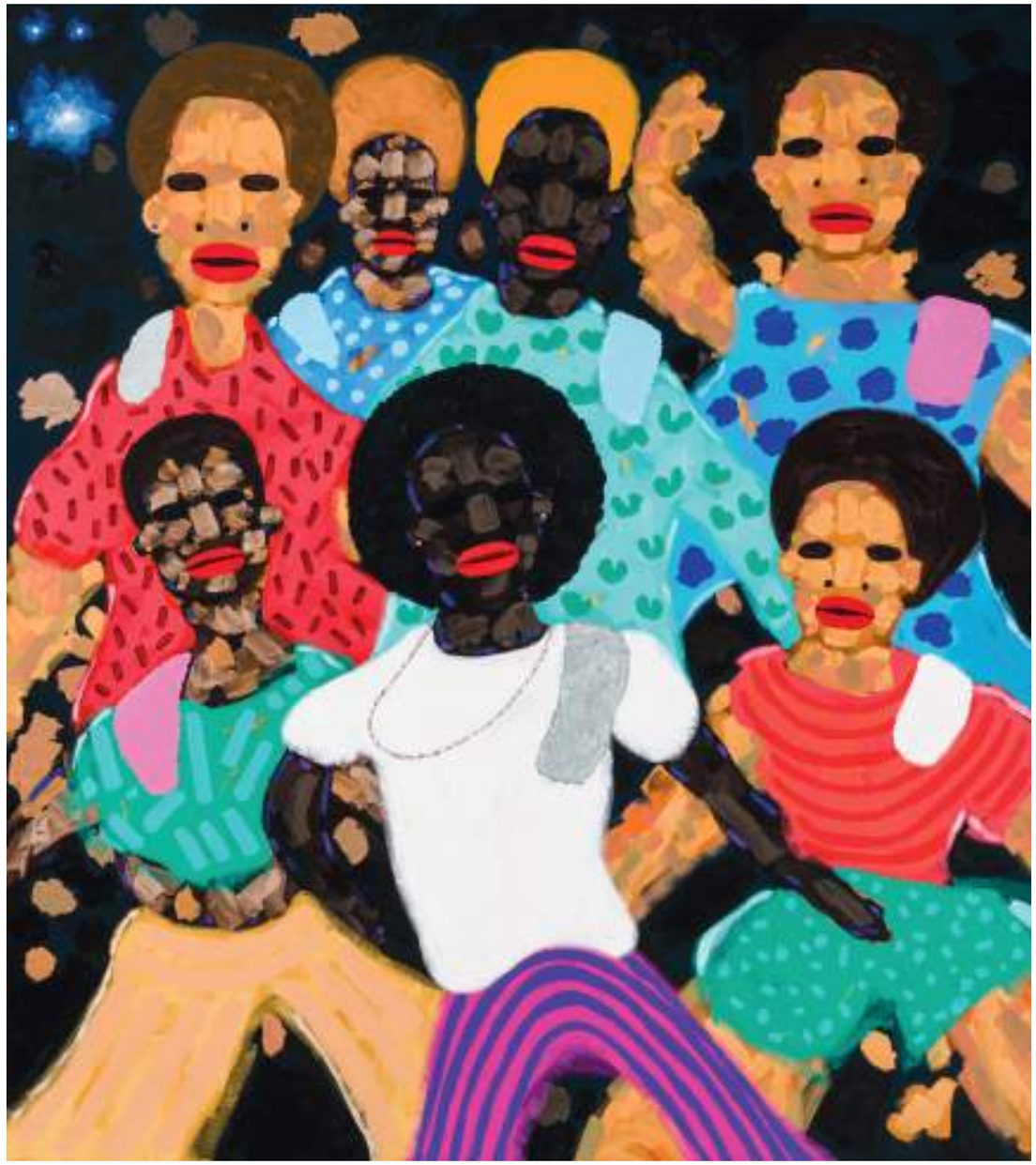
Ivan Cardoso
As Frenéticas

FESTAS DE PERIFERIAS: BAILES, FESTAS BLACK, FESTAS CHARME

O sucesso dos Bailes Black contribuiu para que um novo capítulo se iniciasse com a era das equipes de som. Os bailes se expandiram cada vez mais pelo subúrbio, ocupando clubes e quadras de escolas de samba graças à atuação de equipes como a Soul Grand Prix, a primeira a entrar no mercado fonográfico, que lançou seu primeiro LP, um sucesso comercial, em 1976, e a Furacão 2000, que na mesma época surfava na onda Soul e lançava seus primeiros discos. As equipes de som geralmente colocavam um DJ principal no comando do toca-discos e auxiliares responsáveis pelos amplificadores e pickups. Além de armar a aparelhagem de som e compor uma discoteca, elas também produziam um esquema de iluminação profissional nos ambientes que recebiam as festas.

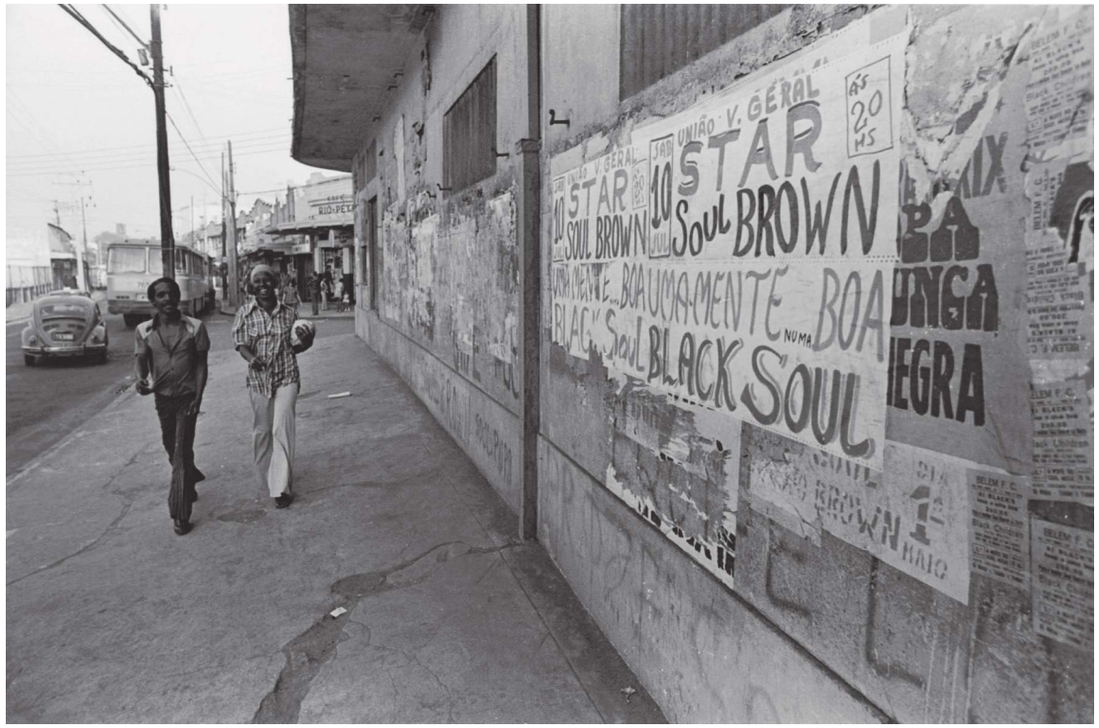
Os clubes e quadras de escolas de samba ocupados pelos Bailes Black se situavam, em sua maioria, na rota da linha ferroviária: Grêmio de Rocha Miranda (conhecido como Palácio do Soul), Olaria Atlético Clube, Madureira Esporte Clube, Cascadura Clube, Guadalupe Country Clube, Botafoguinho (Guadalupe), Renascença Clube (Andaraí), Cassino Bangu, entre outros. O Sport Club Mackenzie, no Méier, sediou o primeiro Baile Charme do Rio. Em seguida surgiu o Baile da quadra da Portela, antes mesmo do Baile do Viaduto de Madureira. Também foram marcantes os Bailes Charme do Disco Voador, em Marechal Hermes.

É preciso deixar de lado a ideia da festa como algo fútil ou mero divertimento. O historiador carioca Luiz Antonio Simas costuma dizer que não festejamos porque a vida é fácil, mas justamente porque a vida é dura. Nesse sentido, os bailes são lugares de merecido lazer para a classe trabalhadora e, muitas vezes, de empoderamento e conscientização. Esse espírito se desdobra nos dias atuais em Bailes Charme e festas voltadas para o público LGBTQIAP+ e afrocentrado.

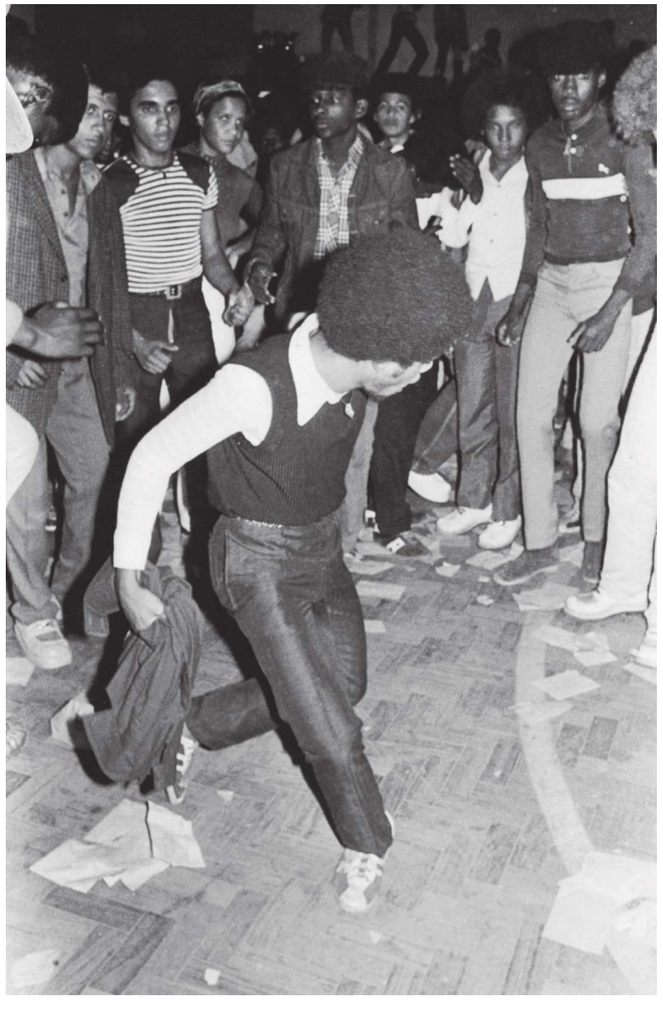


Rafael Baron
Se liga no flow

SOUL



Almir Veiga
Movimento Black Rio



Almir Veiga
Movimento Black Rio

Thales Leite
Colégio F. C. (Coleginho)

Almir Veiga
Movimento Black Rio

Almir Veiga
Movimento Black Rio

RITMOS DO FUNK

O que hoje conhecemos como Funk carioca construiu suas próprias características ao longo de um processo que se iniciou nos anos 1980. Quando o ritmo começou a chamar atenção, ainda era marcado pela influência estrangeira, sobretudo do Electro Funk (que tem origem na música "Planet Rock", de Afrika Bambaataa) e do Miami Bass, ambos subgêneros do Hip-Hop desenvolvidos com a incorporação da bateria eletrônica Roland TR-808, criada em 1982. O primeiro LP de Funk nacional, chamado Funk Brasil, foi produzido por DJ Marlboro e nasceu em 1989, iniciando um capítulo importante na história do ritmo: a partir de então, os MCs cantaram letras em português, dando os primeiros traços nacionais ao Funk.

Beatriz Gimenes
Karen Santos (esquerda) e Jack Karen (direita) na abertura de *FUNK* no MAR

"Precisamos de uma revolução no Funk carioca. Precisamos falar do que está acontecendo na comunidade, em como sair dessa situação. Ainda dá para dançar, mas é preciso mandar a mensagem"

[Afrika Bambaataa – entrevista à revista Rolling Stone (19/07/2013)]

"Planet Rock" – o divisor de águas na criação do ritmo Funk carioca.

O ano é 1982 e o DJ e produtor Afrika Bambaataa, com o seu grupo Soul Sonic Force, lança "Planet Rock", creditada como uma das primeiras canções de Hip-Hop mais influentes de todos os tempos. Em vez de fazer Rap a partir das levadas das Funk Bands dos anos 1970, como faziam os primeiros artistas, como The Sugarhill Gang e Grandmaster Flash and the Furious Five, Bambaataa criou uma sonoridade 100% eletrônica sampleando Kraftwerk (influente grupo alemão de música eletrônica, formado por Ralf Hütter e Florian Schneider, em 1970, em Düsseldorf), especificamente o sucesso de "Trans Europa Express", faixa-título do sexto álbum da banda, lançado em 1976, e Yellow Magic Orchestra, uma banda japonesa de música eletrônica, formada na cidade de Tóquio, em 1978, por Haruomi Hosono, Yukihiro Takahashi e Ryuichi Sakamoto.

Usando os recursos da Roland TR-808, bateria eletrônica apresentada pelo DJ e produtor Arthur Baker (produtor da banda New Order, uma das mais famosas bandas inglesas de Rock e música eletrônica formada em Manchester, no ano de 1980, e muito cogitada nas pistas de dança do planeta) em seu estúdio, Afrika Bambaataa intensificou os graves das percussões e trouxe ao mundo, com o auxílio do produtor, a música "Planet Rock". Com ela, nasceu o estilo Electro Funk.

Vale destacar que "Planet Rock" inovou a cultura Hip-Hop (difundindo-a em todo o planeta) e a música eletrônica de diversas maneiras: uma das formas mais notáveis foi com o uso de batidas Roland 808 na música Rap. Isso inspirou muitos futuros músicos, dos Beastie Boys a Kanye West, o qual batizou seu álbum, de 2008, de 808s & Heartbreak, em homenagem aos sons de bateria agora amplamente utilizados.

Com o declínio do Movimento Black Rio – movimento baseado na contracultura, que surgiu nos anos 1970 no Rio de Janeiro, inicialmente inspirado pela revolução da Funk Music afro-americana motivada por James Brown, que misturava os ritmos de lá com os da Black Music brasileira, como Funk, Soul, Jazz, Samba e Forró – nos anos 1980, após ser perseguido pelas divisões de inteligência subordinadas ao regime militar – que acreditava ser ele um movimento cultural inspirado nos movimentos dos direitos civis dos Estados Unidos –, surge novamente sob as influências afro-americanas o gênero Electro Funk, de Afrika Bambaataa, por meio do clássico "Planet Rock".

Antes de tudo, cabe ressaltar que tanto a música como o gênero se tornaram as matérias-primas para o surgimento de ritmos eletrônicos que embalaram as pistas de dança dos anos 1980, como o House, de Chicago, o Techno, de Detroit, o Latin Freestyle, de Nova York (conhecido no Brasil como Funk Melody) e o Miami Bass, de Miami. Os dois últimos gêneros foram incorporados à cultura que surgiria no final 1980 no Rio de Janeiro: o Funk carioca.

Em 1982, o DJ Marcão, da equipe de som Cash Box, lançou em primeira mão "Planet Rock", de Afrika Bambaataa e Soul Sonic Force, na rádio Tropical FM e abriu as portas para uma nova geração pós-Black Rio no novo cenário dos bailes de subúrbio.

Sem dúvidas, "Planet Rock" é o marco zero do Funk e da música eletrônica. "Eu já tocava Kraftwerk nos bailes, mas não tinha o mesmo peso de 'Planet Rock'", afirmou DJ Marlboro em entrevista ao jornal O Globo (12/09/2012).

De "Planet Rock" ao que entendemos como Funk carioca, muitas foram as variações e experimentações sonoras, que ocorriam nos bailes das quadras, dos clubes recreativos e das favelas, além dos programas de rádio (AM e FM) promovidos pelas equipes de som da época.

Enquanto isso, o Electro Funk, apelidado carinhosamente de Balanço, assumiu as pistas dos bailes até a chegada do Latin Freestyle em 1983, que foi batizado carinhosamente de Funk Melody. E por falar em Melody, tanto o Electro Funk quanto o Latin Freestyle receberam o apelido de melôs (uma abreviação de melodia em bom português). Exemplos deles são: "Light Years Away", do grupo Warp 9, que se transformou em "Melô da Macumba", e "How Can We Be Wrong", de Trinere, que se transformou em "Melô do Anjinho".

Finalmente surge de Miami a cola que faltava para unir todas essas experimentações que vieram a definir a identidade do Funk carioca: o Miami Bass, um subgênero do Hip-Hop. Nascido no ano de 1989, o Miami Bass, ou Booty Bass, era baseado nas linhas de grooves gerados pela bateria eletrônica Roland TR-808, por samples, pelos sintetizadores fortes e, na época, pelas letras explícitas que marcaram o estilo musical. Esse gênero foi a arte que faltava para o nascimento do Funk carioca, já que os contextos das batidas e dos

movimentos corporais de Miami eram muito próximos das características daqui – duas cidades litorâneas banhadas pelo calor do sol.

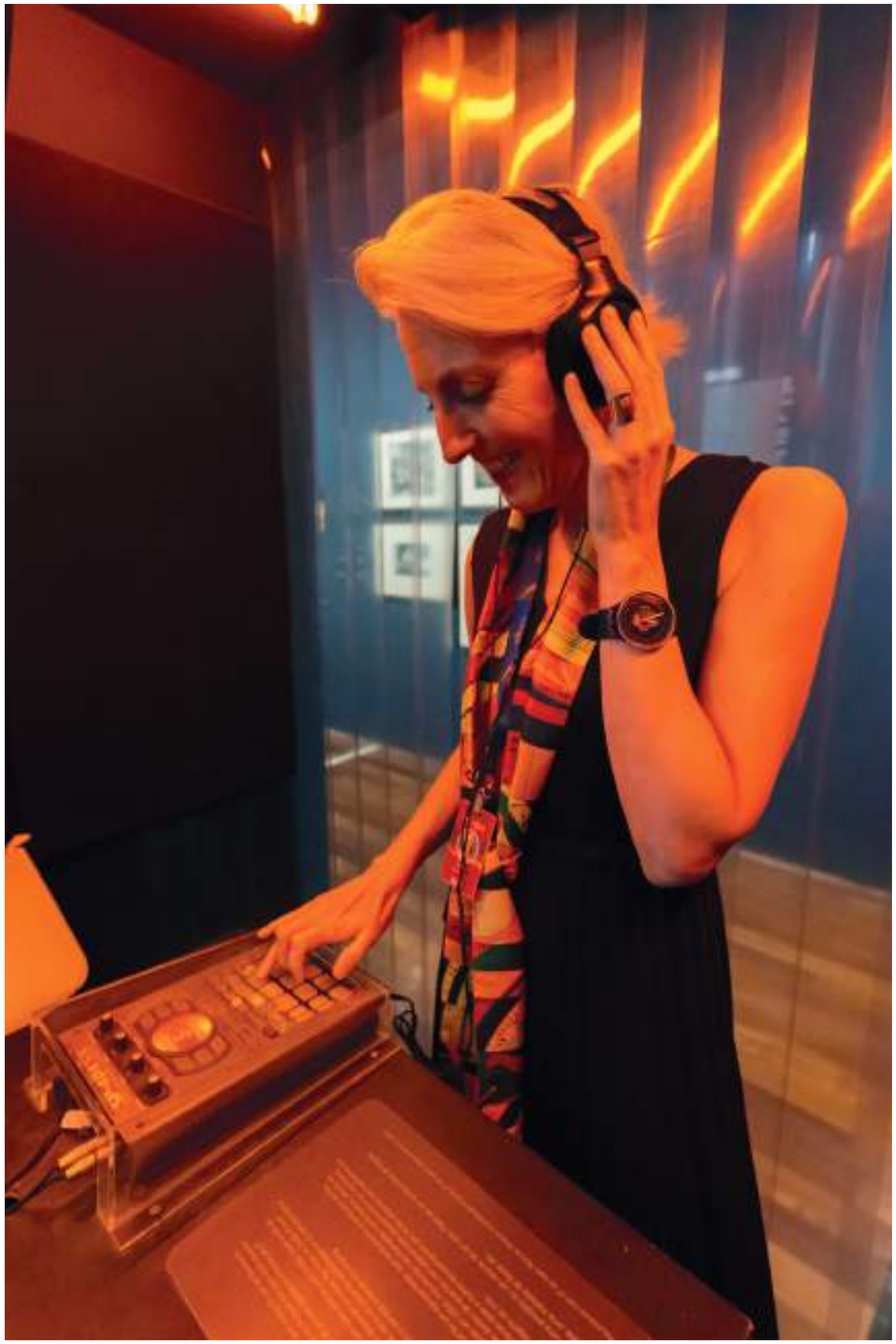
É assim que Fernando Luís Mattos da Matta, mais conhecido como DJ Marlboro, torna-se o principal responsável pelo nascimento do gênero que ficou conhecido como Funk carioca. Foi Marlboro quem introduziu a bateria eletrônica no gênero musical, tecnologia essa que é a principal marca do ritmo até os dias atuais. Em setembro de 1989, ele lançou o LP Funk Brasil, pela gravadora PolyGram. Além de ser a peça fundamental para o Funk feito aqui, o disco, cujos artistas eram, em sua maioria, os DJs dos bailes que parodiavam alguns hits internacionais dos bailes de subúrbio, é também a Pedra de Roseta dessa cultura que hoje se traduz em muitos estilos e formas de dança.

Aliás, o Funk carioca e o Hip-Hop, além de partilharem universos musicais e contextos sociais, partilham também as nomenclaturas de identificações: MC (Mestre de Cerimônias) e DJ (Disc Jockey).

Hit Me!

DJ TR

Gabriel Nuffer/One9 Content
O jogador Luiz Henrique visitando a exposição



Janaylson Dias
Convidados do G20 visitando a exposição

Beatriz Gimenes
Abertura de *FUNK* no MAR

O Funk é um dos gêneros musicais mais tocados e mais consumidos no mundo. Como Música Eletrônica de Pista (MEP), esse gênero musical é composto por ostinatos rítmicos e melódicos, em que o batidão do Tamborzão, os beats frenéticos e os sampleados ousados promovem esquemas de transgressão, libertação e emancipação. O Funk amplifica a diversidade sonora da quebrada e a pluralidade corpórea diaspórica em ato de construção e reconstrução de memórias individuais e coletivas para o combate ao racismo, ao machismo e, mais recentemente, à LGBTQIAPN+fobia. Estética, sonoridade e política antirracista são os caminhos que trilham as pistas em que o gênero musical é ativado, em especial, o Baile Funk, movimento das favelas e comunidades. Entre Funk Melody, Proibidão, Brega, Ostentação, esse gênero, feito por Funkeiras e Funkeiros, é criado e recriado, batendo de frente com o padrão da sociedade branca-heteropatriarcal-burguesa-cristã, pois, quando o som de preto e de favelado toca, ninguém fica parado.

Leonardo Moraes

TAMBORZÃO

O processo de nacionalização do Funk se consolida com a chegada da base rítmica conhecida como Tamborzão no início dos anos 2000. DJs do Rio de Janeiro passaram a incorporar batidas e instrumentos de percussão presentes na Capoeira, no Maculelê e nas religiões de matriz africana (principalmente na Umbanda, como o toque Congo de Ouro) às bases do Volt Mix, criando um ritmo novo e tipicamente brasileiro. Tornou-se comum o uso de samples de instrumentos como berimbau, conga e atabaque. Desde então o Funk se diversificou e novas batidas e ritmos surgiram: Proibidão, Funk Ostentação, novas gerações do Funk Melody, o 150 BPM, e outros – inclusive, surgiram subgêneros em outras regiões do Brasil.

Tainan Cabral
Arrebatabaque

MACAQUINHOS

Os macacos presentes nas obras são, originalmente, ornamentos das bolsas da marca Kipling, presentes na moda e no comportamento das favelas e periferias.

A referência à marca simboliza a diversão, a irreverência e a aventura - e, para Tainan Cabral, remonta às memórias de sua infância, bem como ao desejo de portar um ícone muito cobiçado pelos crias de sua geração.

O público populariza o uso e o consumo da marca por meio de aquisições e circulações de réplicas da original.

É uma alegoria que tem força estética no trabalho do artista, que dá caminho e materialidade às pesquisas, ao estudo das cores, das formas e dos símbolos dos territórios periféricos e suburbanos, que se repetem e se multiplicam no dia a dia.

O FUNK NA DÉCADA DE 1990: DOS BRIGÕES AOS REBOLÕES

A batida de maior sucesso nos anos 1990 foi a Volt Mix, uma derivação do Miami Bass, criada nos Estados Unidos pelo DJ Battery Brain em 1988, que, aqui, embalou os campeonatos de galera. Podemos identificá-la em sucessos como "Rap da felicidade" (MCs Cidinho & Doca), "Rap do Salgueiro" (Claudinho & Buchecha), "Rap do Silva" (MC Bob Rum) e "Rap das armas" (MCs Junior e Leonardo). Na mesma época, a sensualidade na dança, nas roupas e o duplo sentido das letras eram influenciados pelo sucesso do Axé Music e do Pagode baiano, ritmos que eram aceitos pela grande mídia. A década de 1990 também foi marcada pelos Funks conscientes, que pediam paz nos bailes e falavam sobre os problemas da favela, e pelo Funk Melody, com letras românticas que também ajudaram a abafar a imagem do baile como um lugar violento, que fora provocada pelos antigos bailes de Corredor. Aliás, os bailes de Corredor receberam esse nome porque os jovens frequentadores se dividiam em grupos para se enfrentarem durante as festas e, muitas vezes, também fora delas, por se reconhecerem como grupos rivais.

Emílio Domingos
Baile de Corredor (Passinho + Passista) [Frames]

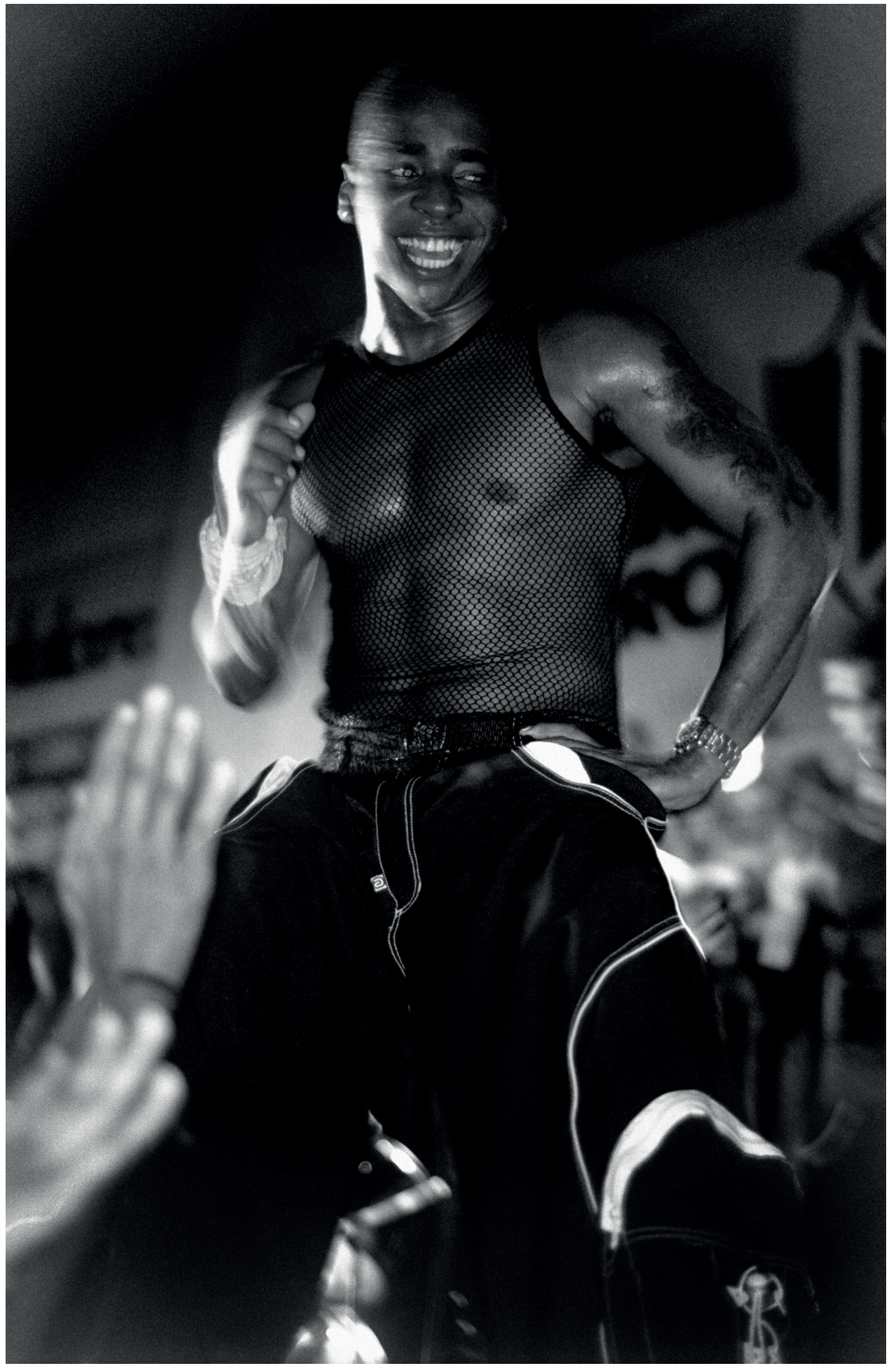
O funk na década de 1990: dos brigões aos rebolões

Roberto Monteiro
INCORPORADO

Daniela Dacorso
Bondinho no Boréu

A REPRESSÃO AO FUNK

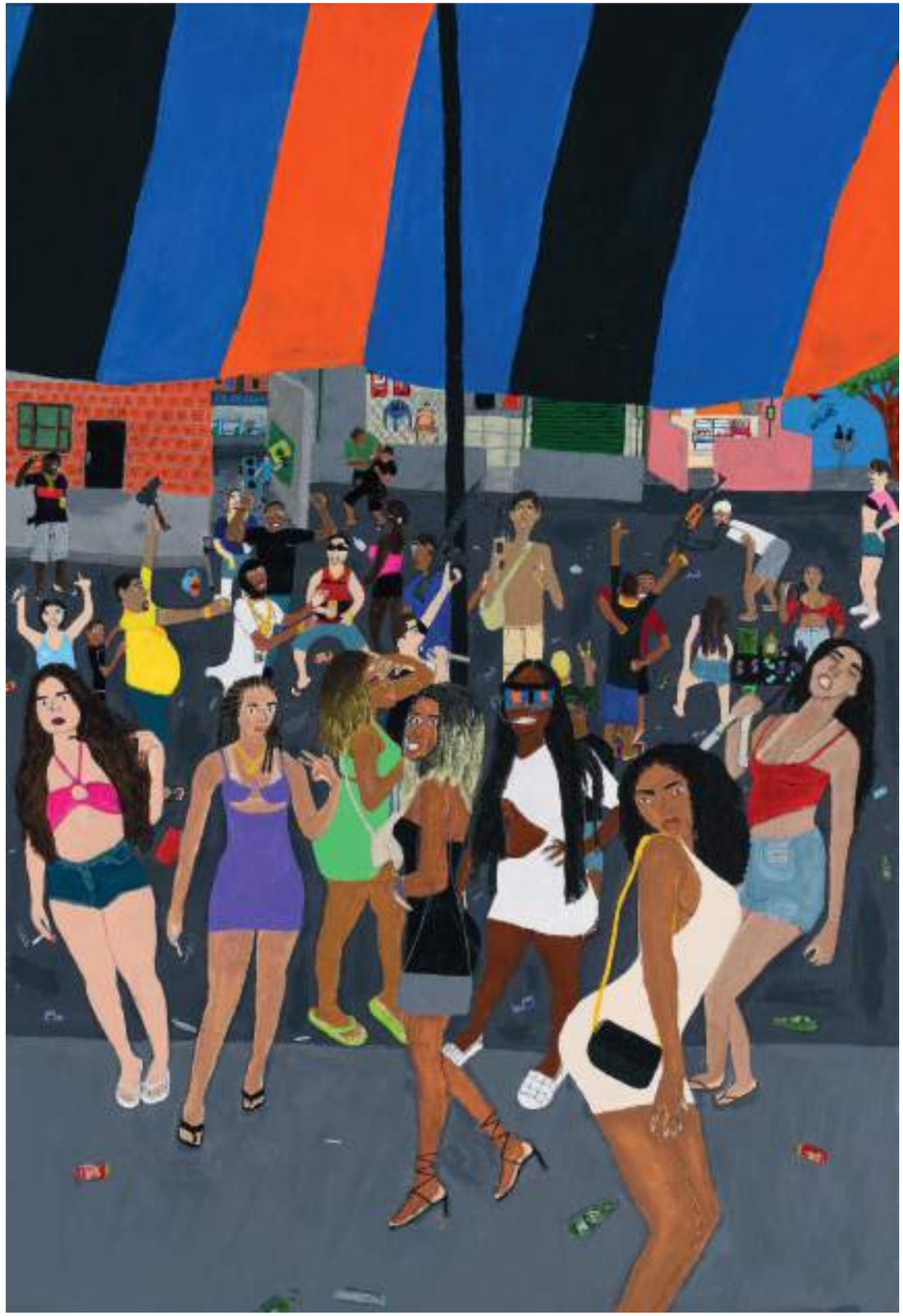
Por ser um fenômeno que, a princípio, alcançou quase que exclusivamente os jovens das favelas e periferias, o Funk pouco apareceu nas mídias até 1992. Quando começou a ganhar mais espaço, a maior parte das menções a ele estava em cadernos policiais. Um marco desse período foi um suposto arrastão ocorrido na praia do Arpoador em 18 de outubro de 1992, em um domingo de sol. A mídia noticiou o tumulto na praia com muito exagero, atribuindo a confusão a jovens frequentadores de bailes Funk. Foi justamente quando o Funk começou a se expandir para fora das favelas e periferias, ganhando visibilidade para além dos locais onde ocorriam os bailes, que medidas repressivas se tornaram mais frequentes. No final da década de 1990, o Funk já era um fenômeno conhecido pelas classes média e alta e pelo poder público. No entanto, seguia sendo discriminado e, em muitas ocasiões, criminalizado. No livro "O Funk na batida: baile, rua e parlamento", o autor Danilo Cymrot pontua que a criminalização do Funk não ocorreu do mesmo modo que a da Capoeira no final do século XIX, quando ela foi, de fato, proibida. A repressão ao Funk e ao Funkeiro começou a partir do momento que o estilo foi injustamente enquadrado em crimes que já existiam, como o tráfico de drogas, a apologia ao crime – é preciso levar em consideração que a apologia é considerada um conceito aberto, que dá margem a muitas interpretações – ou os delitos menores. Por essa razão, os bailes passaram a ser interditados, tendo como justificativa a poluição sonora e a realização de eventos ao ar livre sem a devida autorização do poder público.



Daniela Dacorso
Cerol na mão (Bonde do Tigrão na Oeste)

BAILE DE FAVELA

Apesar de ocorrerem bailes Funk em clubes do asfalto, o centro cultural do movimento é o baile de favela. Em vez de sempre ocorrer o deslocamento de moradores da favela para os clubes fora dela – como acontecia com os bailes Black, a Discoteca e o Charme –, as próprias favelas encontram nos bailes Funk uma das principais formas de lazer para seus habitantes. A favela foi, algumas vezes, tema de letras, como no "Rap da felicidade", de Cidinho & Doca, e no "Rap do Salgueiro", de Claudinho & Buchecha, mas, mesmo quando não é exaltado explicitamente nas músicas, o território é o principal motor para a construção do Funk e do Baile Funk e um espaço de integração entre Funkeiros.



Malvo
Faixa rosa

Baile de favela

Caio Luiz
É o mundo

Janaina Vieira
Construções

O Funk é uma cultura favelada e, por isso, ele é tão resistente e potente.

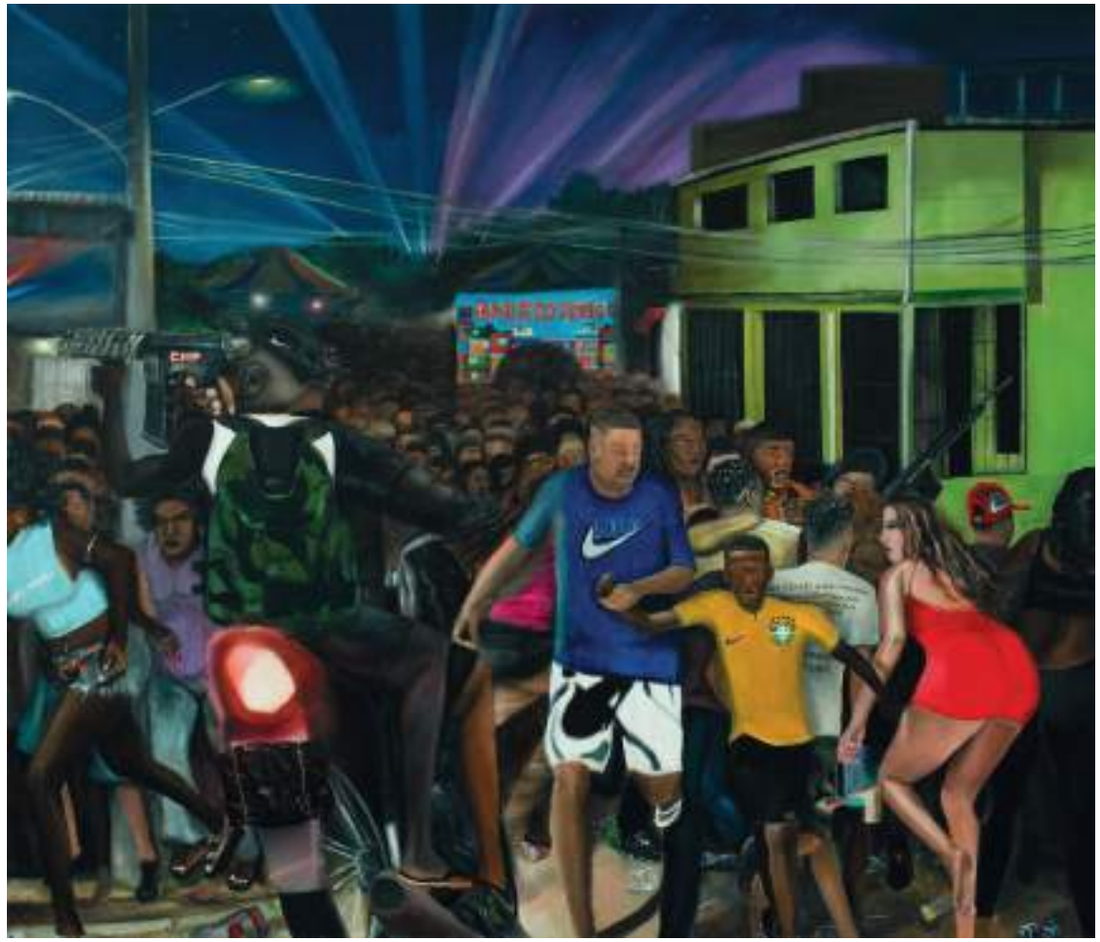
Mesmo o Funk chegando a lugares inacreditáveis, há ainda o preconceito com o gênero. Uns dizem que é por conta das letras, da dança que sexualiza o ritmo, das letras fortes que retratam as vivências na favela, o chamado Proibidão! Mas, por sua resistência, é inegável que o Funk é um movimento social e político que chega ao asfalto, de modo ecoante, pelas vozes de artistas favelados, antes silenciados pela sociedade. Alguns artistas que lutam pelo gênero chegaram a ser presos por cantar o Proibidão.

Eu levei tapa na cara de polícia por estar indo num baile de favela, e hoje o Funk é levado pro asfalto e pro mundo por sua resistência e pela sociedade que enxerga o Funk como um capital sem igual. Hoje o Funk faz parte das artes plásticas. Hoje o Funk alimenta as plataformas digitais, o mercado fonográfico.

O Funk movimenta o mundo.

Deize Tigrona

Matheus Abu
Catete Ouro



Jota
Choro e correria

MULHERES NO FUNK

O sucesso do Funk Melody nos anos 1990 contribuiu para dissociar a imagem dos bailes da violência e atrair mais mulheres para as pistas. Os palcos, no entanto, ainda eram territórios masculinos. A primeira mulher lançada como cantora no universo do Funk foi MC Cacau. Suas músicas românticas foram bem recebidas, mas seu cachê era o menor naquele meio dominado por homens.

Pouco depois, sugiram nomes que ajudaram a alavancar o protagonismo feminino, como Tati Quebra Barraco, Deize Tigrona e Gaiola das Popozudas (que tinha Valesca à frente como vocalista), com letras de duplo sentido, muitas vezes de cunho erótico explícito, celebrando a liberdade sexual da mulher. E foram justamente elas as primeiras a levar o Funk para o exterior, fazendo-o alcançar sucesso internacional. O legado dessas pioneiras foi levado adiante, e mulheres ganharam cada vez mais visibilidade no Funk, cantando sobre seus corpos, suas vivências, seus desejos e suas lutas, como é o caso atual de MC Carol, que declara ser "100% feminista" em uma de suas letras.

SEJA REBOLANDO A RABA, SEJA CANTANDO "CAI DE BOCA NO MEU B*C3T@O", SEJA SENDO PROTAGONISTAS DE UMA EXPOSIÇÃO, AS FUNKEIRAS FAZEM "BARULHO" POR TODAS AS MULHERES

As Funkeiras incomodam!

Sim, incomodam parte da sociedade machista que busca reprimir as mulheres corajosas que usam suas vozes e seus corpos para romper com as opressões a que são submetidas.

Incomodam, porque assumem o papel de donas da sua história e expressam temáticas pertinentes para a realidade delas e de suas companheiras.

Para quem insiste em ver o mundo sob o véu cinza do machismo, a manifestação das Funkeiras é como uma cor bem forte que impacta, uma luz brilhante que quase cega. Elas são potência, são vigor. Elas gritam, cantam e rebolam pela liberdade e pelo respeito.

Por isso, fica aqui o convite: retire o véu e enxergue as Funkeiras sem vendas limitantes.

Seja rebolando a raba, seja cantando "cai de boca no meu b*c3t@o", seja sendo protagonistas de uma exposição, elas fazem "barulho" por todas as mulheres.

Tamiris Coutinho

Rodolfo Viana
Anitta no Rei do Bacalhau

Daniela Dacorso
AfroFunk, Taísa Machado

Daniela Dacorso
Gaiola das Popozudas

Marcela Cantuaria
Deize Tigrona

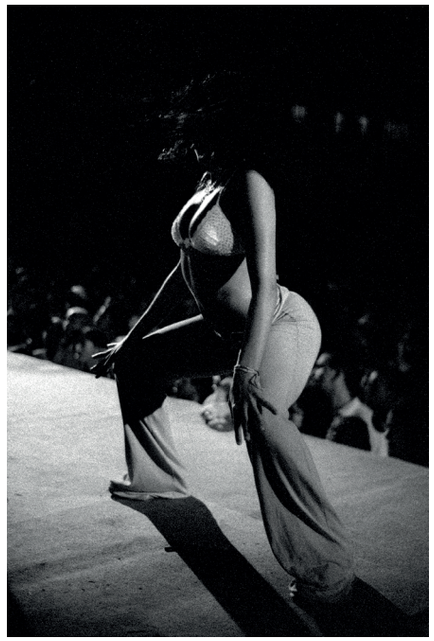
Panmela Castro
MC Carol de Niterói, série Vigília

DEVASSA
SKOL
ANTARCTICA

DA DANÇA DA BUNDINHA AO PASSINHO

O Funk sempre teve o corpo e a dança como elementos centrais e, além dos passos mais espontâneos, improvisados nos bailes, os Funkeiros costumam lançar tendências e coreografias por meio de suas músicas. Vale lembrar a "Dança da bundinha" (MCs Xande e Cabeça), o "Cerol na mão (Bonde do Tigrão) e os diferentes passinhos lançados pelos Os Hawaianos.

Aos poucos, as danças ficaram mais complexas: o quadradinho evoluiu para o quadradinho de quatro, que cresceu e virou o quadradinho de oito e teve ainda o quadradinho borboleta – popularizados pelo Bonde das Maravilhas –, sendo cada um mais desafiador que o outro. Também é provocador o convite a dançar o "Créu" na velocidade 5. No entanto, a cena que tem ganhado mais destaque nos últimos anos é a do passinho. Sua história começa no Jacarezinho, quando dançarinos se reuniam em rodas para mostrar suas coreografias, gerando um clima de competição, que fez surgir a famosa Batalha do Passinho. Os dançarinos ajudaram a transformar uma dança livre em um estilo, com passos originais e sequências que absorvem influências do Frevo, da Capoeira, do Kuduro e do Hip-Hop. As redes sociais tiveram papel fundamental no fortalecimento do movimento: foi nas comunidades do Orkut que os dançarinos compartilharam seus primeiros vídeos publicados no YouTube e tornaram conhecidos seus nomes e suas coreografias.



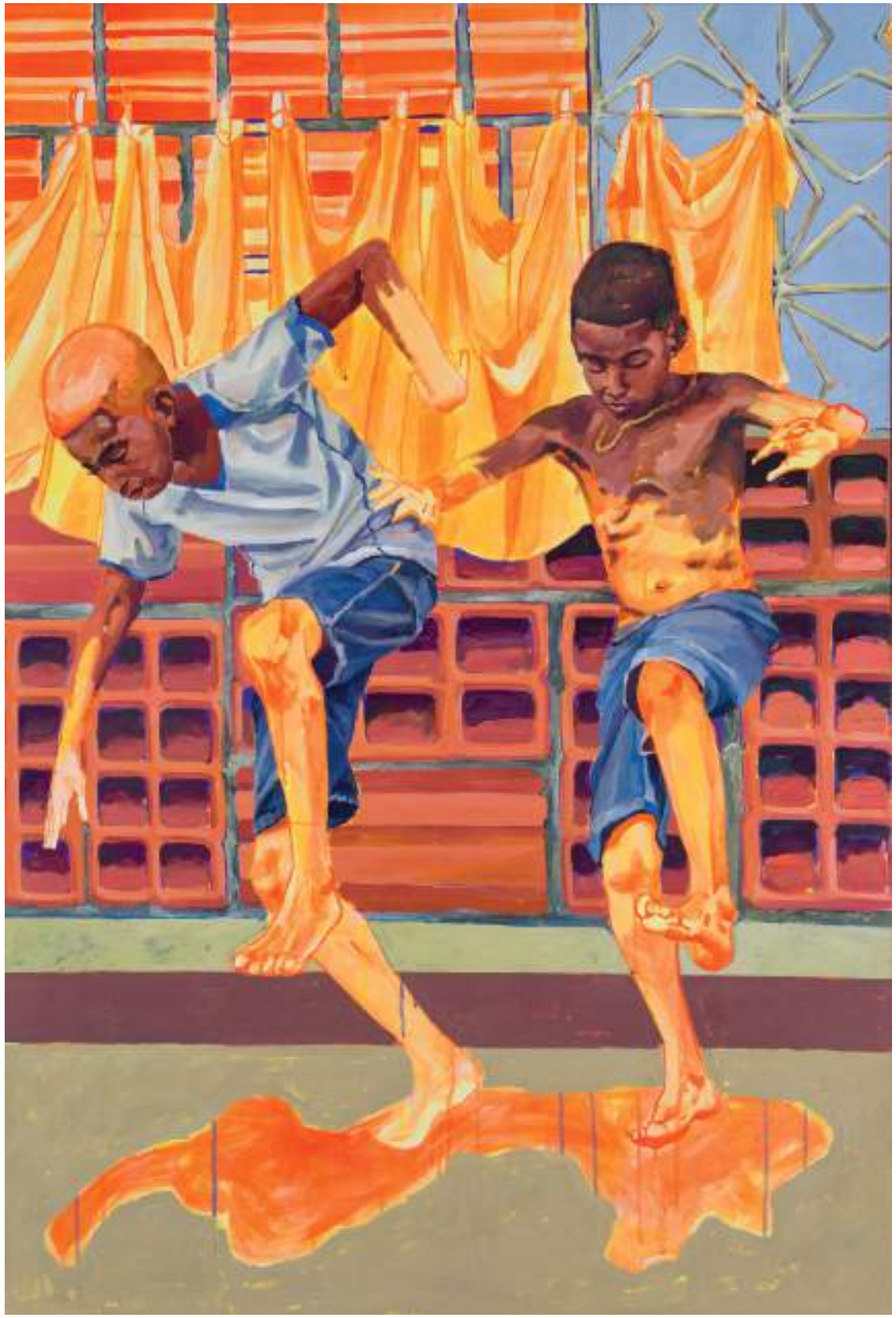
Daniela Darcoso
Danadinha

O Papo Reto do Passinho é virtuosismo e criatividade de movimentos. Como diz Dom Filó, "o Tamborzão é o primeiro wi-fi do mundo". Já o passinho é uma das vertentes de dança que, hoje, liga e faz a conexão com diversos tambores do mundo. E, para além do som, essa dança conecta pessoas e outros estilos de dança à sua própria manha, que traz pro corpo uma linguagem própria da favela, que é direta, forte e cheia de irreverência.

Celly IDD

Felipe Combo
Brota Cria (Dança) [Frames]

Daniela Darcoso
Três meninas na VM, da série Totoma!



Bruno Lyfe
Tá OK

Thaís Basilio
Boladona

Igor Nunes
Bom dia Bb

DJS E MCS

As equipes de som encarregadas dos bailes, do Soul ao Funk, têm como figura principal o DJ (abreviação de Disc Jockey), responsável não apenas por selecionar e reproduzir o repertório que anima as festas, mas também por produzir, mixar e emplacar hits. Sua história esbarra na história do rádio, que surgiu na década de 1920. Poderíamos dizer que os locutores daquela época, que entretinham os ouvintes entre uma música e outra, foram os primeiros DJs. Contudo, foi o surgimento de novos aparatos tecnológicos, na década de 1970, que impulsionou o movimento. Nesse período, os primeiros DJs brasileiros tiveram de enfrentar a falta de equipamentos necessários, devido à sua indisponibilidade no mercado ou ao seu alto custo. Alguns apostavam em gambiarras para criar sua aparelhagem, como a utilização da chave de três posições de telefone (uma peça de instalação de uma companhia telefônica da época) e a "marmitinha", um audio mixer feito com uma marmita de alumínio.

Já a figura do MC, em um primeiro momento associada à cultura Hip-Hop, surgiu na Jamaica. Só mais tarde o DJ Kool Herc, que era jamaicano, introduziu-a no Bronx, bairro majoritariamente negro e hispânico de Nova York. Kool Herc foi o responsável pelo surgimento das festas ao ar livre (block parties), que eram um antigo costume jamaicano, em 1967, nas ruas do Bronx, com uma estrutura que pode lembrar os trios elétricos baianos. A introdução do MC no mundo do Hip-Hop e dos bailes ocorreu quando Kool Herc convidou Coke La Rock (hoje considerado o primeiro MC / rapper do Hip-Hop) para animar os bailes do seu sound system, chamado Herculoids. Portanto, ao contrário do que muitos pensam, a aparição do MC antecede o surgimento do rap no Bronx. Sua difusão nos bailes vem da percepção da dificuldade que é discotecar e animar o público ao mesmo tempo. Então, os mestres de cerimônias, ou controladores de microfones, geralmente conhecidos frequentadores das festas, eram contratados devido a sua facilidade para entreter o público com frases e gírias locais.

Negast
O Hype

O PAPEL DO DJ

No movimento Funk, o DJ desempenha um papel de muita relevância. Em algumas épocas da história, ele assumiu o protagonismo do movimento.

No universo do gênero, o DJ faz muito mais do que acompanhar os MCs nos shows. Ele é quem comanda o baile, traz novidades musicais, lança tendências e elementos sonoros, cria novas formas de mixar as músicas, comunica-se com o público e assume, muitas vezes, o papel de showman. A mudança dos beats, a criação de vertentes mais "aceleradas" e a pesquisa musical sempre atualizada são habilidades presentes em um DJ de Funk.

As técnicas de mixagem, montagens, melôs, remixes de músicas de outros estilos, misturas com o Arrocha, Rave e o Brega são frutos da pesquisa musical de muitos DJs. No Funk, a originalidade na técnica garante destaque e a grande maioria se arrisca na produção dos próprios beats que tocam nos bailes. Na história do gênero, diversos DJs tiveram grande importância na popularização e consolidação do estilo, como é o caso do DJ Marlboro, que lançou o vinil Funk Brasil em 1989. Há também o DJ Cabide, que se destaca como um dos criadores do beat Tamborzão, popularizado a partir dos anos 2000. O Tamborzão é um beat que combina o Miami Bass com tambores de religiões de matrizes africanas e traz o beatbox marcando o ritmo. Atualmente, temos nomes como o do DJ Polyvox, um dos criadores do ritmo 150 BPM, e o do DJ Renan Valle, ambos do Complexo da Maré. Outros nomes como os do DJ Zullu e do DJ Ramon Sucesso sobressaíram-se pela performance, originalidade em mixar e dinâmica dos seus sets. Em São Paulo, temos o DJ R7 como um dos criadores do beat de Funk que se popularizou pelo resto do país. Da nova geração, destaca-se o DJ K, que, recentemente, lançou um álbum com uma nova criação dos fluxos de SP, apresentando o gênero Bruxaria. O álbum, intitulado Pânico no Submundo, chamou atenção da imprensa musical internacional recebendo boas críticas.

O Funk é um ecossistema cultural em que todos os elementos se alinham e trabalham juntos em prol do crescimento. Os dançarinos têm grande papel na popularização e criação de passinhos e danças que ganham as redes sociais. Os MCs se destacam por conta da letra e da criação de hits que marcam gerações. Já os DJs representam uma base fundamental de criação sonora e da popularização dos bailes, trazem um fluxo constante de novidades e mantêm o estilo sempre renovado e à frente de seu tempo.

Glau Tavares

Daniela Dacorso
Guerreiro de fé nunca gela (Menor do Chapa no Turano)

MODA E COMPORTAMENTO

A economia movimentada pelo Funk se desdobra no consumo de produtos, principalmente de roupas de marcas, como Bad Boy, HBS, Cyclone, Kenner, Oakley, muitas vezes celebradas em letras de músicas, como na inesquecível "Calça da Gang", do DJ Saddam, que afirma: "Calça da Gang, toda mulher quer, uns 200 reais pra deixar a bunda em pé".

O "Rap da diferença", grande sucesso dos anos 1990, dos MCs Markinhos & Dollores, descreve como os Funkeiros iam aos bailes: "Eu sou funkeiro ando de chapéu / Cabelo enrolado, cordãozinho e anel / Me visto no estilo internacional / Reebok ou de Nike, sempre abalo geral / Bermudão da Cyclone, marca original / Meu cap importado é tradicional / Se ligue nos tecidos do Funkeiro nacional / A moda Rio-Funk melhorou o meu astral". Desde então, a moda Funk foi se modificando, assim como a música. Entre as mulheres, o conjunto shortinho e top nunca falta no guarda-roupa, mas divide espaço com saias curtas, vestidos curtos, justos e decotados, bodies - que são mais confortáveis para dançar e ir até o chão - e peças com muito brilho: paetês, canutilhos e pedrarias. Algumas aderem ao salto alto, enquanto outras preferem rasteirinhas ou até os confortáveis tênis para facilitar na hora da dança. Acessórios não podem faltar: pingentes dourados ou cheios de cores, cordões, brincos, pulseiras, frequentemente, influenciados pelo estilo Hip-Hop.

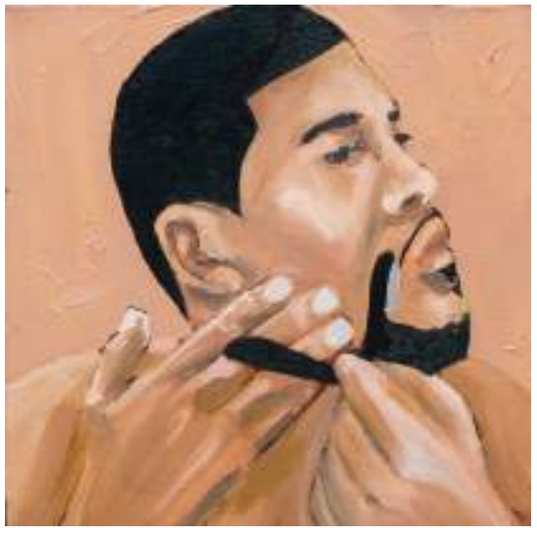
Victor Fidelis
Blondor

@ARTEDEFT
PODER

Luna Bastos
Visão de futuro

Gabriel Labarba
Pretinha, seu baby hair é arte

Gabriel Labarba
Nego, seu disfarce
é arte



Guilherme Sofe
Maldito homem que confia no homem

Juan Calvet
Da série "Das quadras para as ruas, Lacoste é sua polo preferida desde 1933"

Juan Calvet
Da série "Das quadras para as ruas, Lacoste é sua polo preferida desde 1933"

Juan Calvet
Da série "Das quadras para as ruas, Lacoste é sua polo preferida desde 1933"

Juan Calvet
Da série "Das quadras para as ruas, Lacoste é sua polo preferida desde 1933"

CORPO E SENSUALIDADE: CONTRA A HIPOCRISIA

Os gritos de liberdade e ousadia também são representados pelas danças, pela moda e pelo comportamento. Na década de 2000, vimos o sucesso das mulheres frutas, como o da dançarina Mulher Melancia, que impressionou o público com a execução da velocidade 5 na dança do Créu. Já na década de 2010, o Bonde das Maravilhas lançou coreografias ousadas que viralizaram na internet. Rebolar a bunda é também um ato político, uma maneira de demonstrar domínio sobre o próprio corpo e de se conectar com a ancestralidade africana – uma prova disso é que movimentos similares de dança podem ser encontrados em diferentes culturas negras em diáspora. Se, ao longo da história da colonização, mulheres negras foram sexualmente exploradas e tiveram seus corpos exibidos como espetáculo, as mulheres de hoje, que se sentem confortáveis balançando ou exibindo suas bundas, exprimem o pertencimento de seus corpos e seu poder de decisão sobre eles.

Márcia Falcão
Pesadona

Emerson Rocha
Domingo II

Melissa de Oliveira
Quebra [Frames]

Bárbara Wagner e Benjamin de Burca
Swinguerra [Frames]

PROTAGONISMO LGBTQIAP+

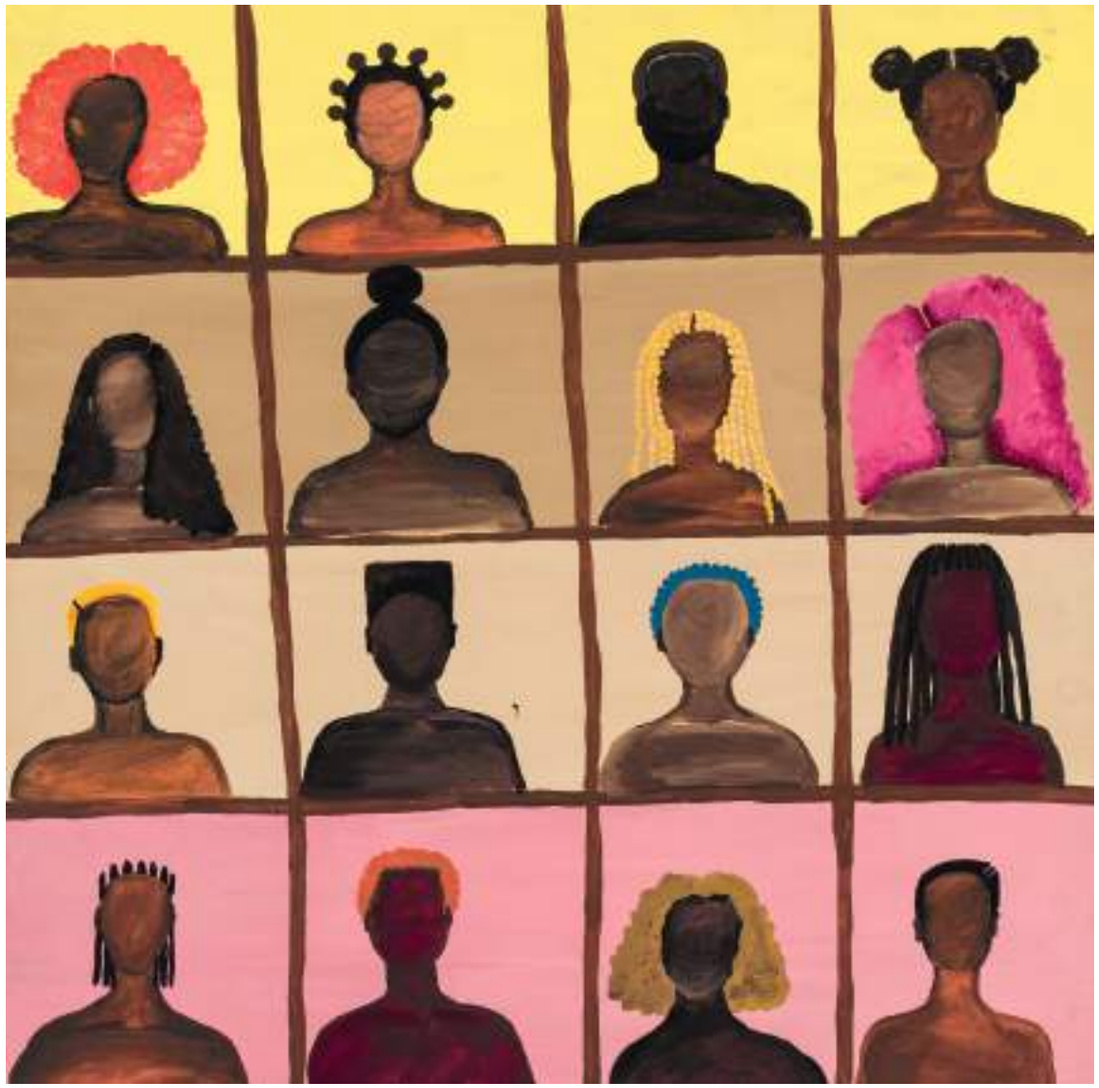
Hoje, testemunhamos a presença e o sucesso de pessoas LGBTQIAP+ no Funk, como Pepita, MC Xuxú, MC Trans, MC Garota X, Mulher Abacaxi e Bonde das Bonecas. O primeiro ícone desse movimento foi a dançarina Lacraia, que teve grande sucesso no início da década de 2000 ao formar uma dupla com MC Serginho. A participação da dupla no programa televisivo Domingo Legal, em 2003, rendeu liderança de audiência. Por muito tempo houve ressalvas quanto à presença de pessoas LGBTQIAP+ no Funk, e a menção delas nas letras de músicas oscilava entre o escárnio e a celebração. Mas o recente fortalecimento dos movimentos identitários reverberou no universo do Funk, criando um território mais inclusivo e um lugar de empoderamento para diferentes identidades.

Thiago Ortiz
Pombagira Lacraia

LACRAIA

Uma travesti, cria do Jacarezinho, foi um dos maiores ícones do Funk carioca na década de 2000. A dançarina Lacraia atingiu o sucesso nacional ao formar uma dupla com o MC Serginho. Antes disso, ela trabalhou como camareira, cabeleireira, maquiadora e drag queen. Em um período em que o ambiente cultural e a sociedade eram muito mais hostis com pessoas LGBTQIAPN+, sobretudo com travestis e transexuais, Lacraia, em sua parceria com MC Serginho, emplacou hits, como “Vai, Lacraia” e “Eguinha Pocotó”, ambos em 2002, chegando a bater recordes de audiência em suas aparições em programas de TV de grandes emissoras. A dançarina faleceu aos 33 anos, em 2011, vítima de pneumonia, mas abriu portas e deixou um legado que é seguido por novos nomes da cena LGBTQIAPN+.

Ju Angelino
POC ART/Vai Lacraia!



Zayre Ferro
Por onde andei

Zayre Ferro
Maria Rosa, travesti da minha paixão

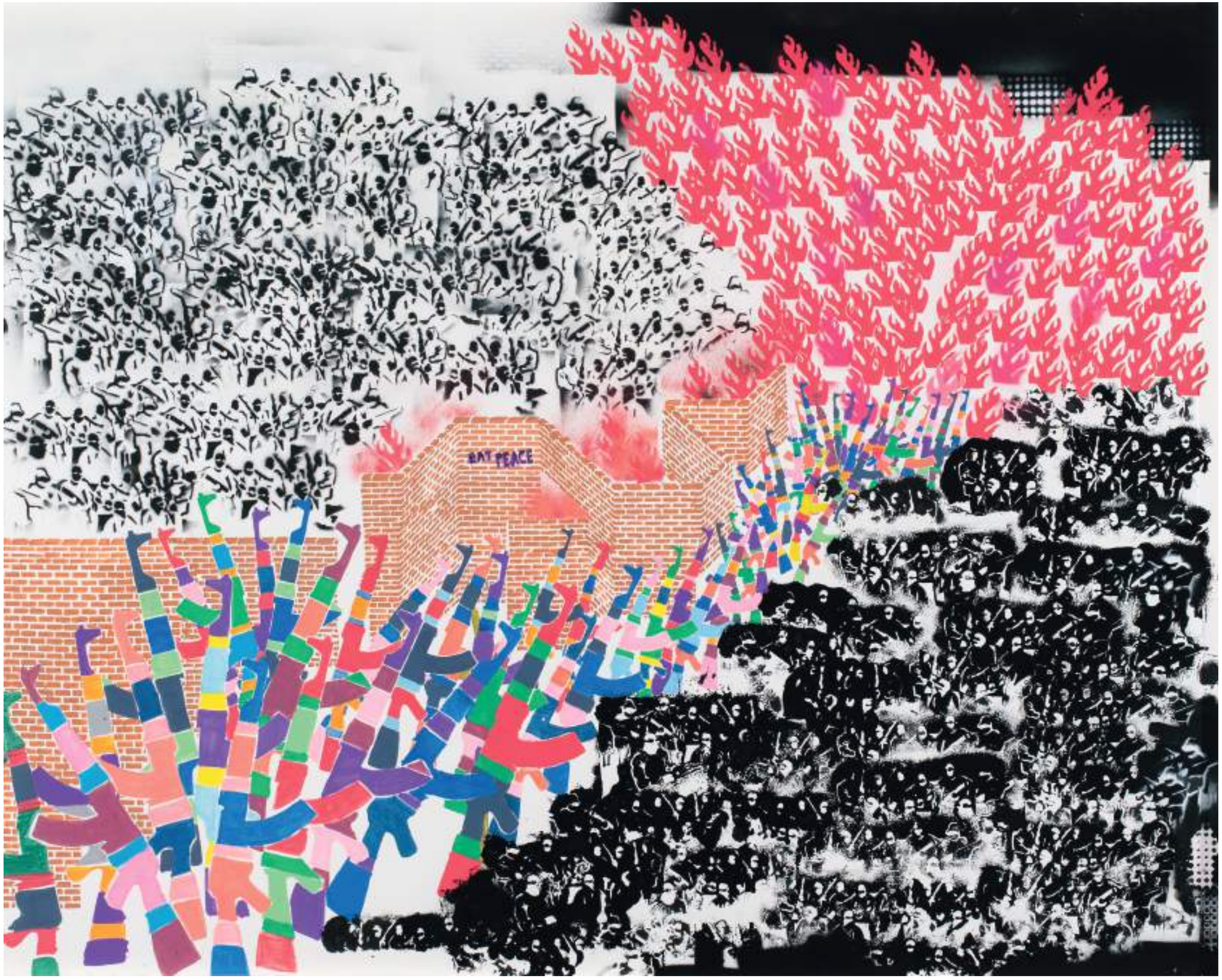
FUNK CONTRA A VIOLÊNCIA

Se a mídia e a sociedade conservadora, a partir dos anos 1990, elegeram a imagem do Funkeiro como uma figura ameaçadora, essa identidade foi contornada por letras de músicas que pedem paz nos bailes, que denunciam a violência nas favelas, as injustiças e as mazelas da população periférica, como fica evidente pelo "Rap da felicidade", de Cidinho e Doca, e pelo "Rap do Silva", de MC Bob Rum, ambos daquele período. Alguns nomes da nova geração têm resgatado o Funk consciente que emergiu nos anos 1990 com uma nova roupagem baseada no Trap, como MC Cabelinho, que na música "Reflexo" questiona: "Quem te enganou que o favelado tá seguro dentro da sua própria casa?" e "Quem me garante que uma bala perdida na hora do tiroteio nunca vai me achar?". Já em "Maré", ele interpreta alguém que entrou para o tráfico de drogas por falta de oportunidades, dizendo: "Me aprofundei no crime muito cedo / Mesmo sabendo que tinha perigo / Infelizmente não teve outro jeito / Eu precisava alimentar meu filho". MC Carol, em diálogo com o Rap, lançou "Delação premiada", que denuncia a violência policial nas favelas, lembrando casos como o do pedreiro Amarildo e o do dançarino DG. Carol canta em tom de denúncia: "Na televisão a verdade não importa / É negro, favelado, então tava de pistola" e "Bandido rico e poderoso tem cela separada / Tratamento VIP e delação premiada".

Allan Pinheiro
Porta 002

BAILES E GOVERNANÇAS

Tal como ocorre com o financiamento de escolas de Samba por bicheiros, o financiamento dos bailes Funk por traficantes de drogas, desde que o ritmo se popularizou, é uma maneira de conquistar o respeito e o apoio da comunidade. Isso faz com que algumas pessoas, de forma equivocada, associem o Funk diretamente com o tráfico, ignorando as complexidades que existem tanto na identidade do Funkeiro como na do traficante. Cito um exemplo que demonstra a dificuldade da questão: com o avanço do neopentecostalismo nas comunidades cariocas, que enfrentam a vulnerabilidade e o abandono pelo poder público, é comum traficantes criarem redes de apoio para igrejas, financiarem as pinturas dos muros com as mensagens bíblicas e serem vistos escutando ou cantando música Gospel. Nem por isso o Gospel é rotulado como "música de bandido", ao contrário do que acontece com o Funk.



Guga Ferraz
Eat Peace

INOCENTE

Novíssimo Edgar
Quase sem título

EXPOSIÇÃO AO RISCO E À VIOLÊNCIA

Atos que são chamados de "vandalismo" pela mídia muitas vezes são motivados pela vontade de zoação e pelo prazer de causar desconforto no outro, pela necessidade de provar, por exemplo, que uma praia da Zona Sul não é propriedade de quem mora lá. Outro ponto que pode ser adicionado a essa discussão é o gosto pelo risco e pela competição. Era o caso, por exemplo, dos surfistas ferroviários. Colocar-se em perigo de maneira exibicionista acaba por expressar o sentimento de exclusão social e de indiferença perante apuros, uma vez que são atos praticados por sujeitos que, diariamente, são submetidos aos riscos da violência urbana.

Allan Weber
Sem título

FUNK COMO LAZER DOS TRABALHADORES

O Baile Funk costuma ser uma das poucas opções de lazer para a juventude que habita as favelas e periferias, diante da ausência de ações sistemáticas do poder público em relação à cultura nesses territórios. Depois de longas e cansativas jornadas de trabalho, na maioria das vezes em locais distantes de sua moradia, o que demanda a locomoção em transportes públicos lotados, os trabalhadores encontram em sua própria comunidade uma forma de diversão. Trata-se do Baile Funk. Ele se torna uma um lugar de possibilidade para encontros amorosos, pegação, dança e socialização entre amigos.

Leoa
Estouro

Albarte
MGH ZN RJ, da série Onde tudo acontece

Priscila Rooxo
Antes do baile

Priscila Rooxo
Protagonizando a cena

Priscila Rooxo
Depois do baile

TRABALHADORES DO FUNK

O Funk é diversão para quem frequenta os bailes. Mas para muitos é sinônimo de trabalho: DJs, MCs, dançarinos, comerciantes, catadores, mototáxis, e aqueles que estão nos bastidores das festas – como as equipes que montam os palcos, a iluminação e a aparelhagem de som –, além de barbeiros, manicures, nail designers, costureiras, estilistas e funcionárias das lojas de roupas que produzem o visual de quem participa dos bailes, seja no palco, seja na pista. Trata-se, portanto, de uma economia que começa antes dos bailes e que está envolvida com a macroeconomia do Funk.

Uma pesquisa inédita até 2009, divulgada pela Fundação Getulio Vargas (FGV), apontava que o Funk já movimentava mais de 127 milhões de reais por ano no estado do Rio de Janeiro. Atualmente, o canal brasileiro no YouTube com maior número de inscritos é o do produtor musical KondZilla, e o Funk é o ritmo musical brasileiro mais ouvido no exterior pelas plataformas de streaming.

O ritmo também serviu como oportunidade para que artistas originários de favelas e do subúrbio conquistassem uma forma de sustento e, em alguns casos, bastante sucesso financeiro. Muitos Funkeiros e Funkeiras eram originalmente empacotadores(as) de supermercado, empregadas domésticas, office boys, merendeiras que, por meio da música, puderam mudar de vida.

Guilherme Kid
Paredão

Daniela Darcoso
Boladinho nos Prazeres, montagem de parede de som no Morro dos Prazeres

Daniela Darcoso
Montagem de parede de som no Morro dos Prazeres, Santa Teresa

O FUNK INVENTA O FUTURO

Falar em vanguarda preta é um paradoxo, diz o poeta e teórico afro-americano Fred Moten. Isso porque a vanguarda é uma coisa preta e a pretitude é uma coisa vanguardista. Há décadas os artistas do Funk vêm desenvolvendo um pensamento artístico de experimentação radical, mas suas inovações musicais costumam ser abafadas, postas em segundo plano. O estatuto da arte é dominado e tão bem cercado pela elite branca que faz com que o Funk ainda seja visto, muitas vezes, apenas por seu valor social, apagando assim toda a criatividade disruptiva das favelas e periferias.

Sem ter acesso ao ensino musical formal, os DJs e produtores musicais do Funk trabalharam em equipamentos eletrônicos para inventar seus próprios métodos e procedimentos criativos. Tudo vira música na teia de ritmos afro-eletrônicos do Funk: sons dos tiros, das garrafas de refrigerante, dos gemidos, das personagens de videogame, da respiração dos MCs. Nos bailes de favela, ouvimos os sons de uma música que está inventando o futuro – o futuro da música, da festa, da comunidade.

GG Albuquerque

FUNK POR TODA PARTE

Em 1997, mestre Jorjão, da Unidos do Viradouro, foi o primeiro mestre de bateria de uma escola de samba a incluir uma paradinha com o ritmo do Funk no samba-enredo. Desde então, essa prática se difundiu entre as escolas de samba, mas não apenas entre nelas. Tornou-se comum a mixagem do Funk com outros ritmos, até mesmo com a música clássica, o que prova que a tradição e a novidade, o erudito e o popular, podem conviver e se aproximar, produzindo experiências sonoras únicas.

Outras misturas fizeram surgir subgêneros regionais, como o Brega Funk no Recife, que recebeu influências do Funk carioca e do Eletrobrega – ritmo de grande popularidade no Nordeste desde a década de 2010. Já nas pistas de Curitiba, no Sul do país, popularizou-se o Eletro Funk, que, como o nome sugere, une o Funk com a música eletrônica de influência internacional.

E por falar em influência internacional, não somos apenas nós que incorporamos ritmos que vêm de fora à nossa música. O Funk daqui passou a ser cada vez mais exportado e a influenciar a música feita em outros países. Até mesmo artistas internacionais de longa trajetória, como Madonna, já se renderam ao ritmo carioca e o incluíram em suas músicas e videoclipes. Curiosamente, foi uma estrela internacional, Beyoncé, a primeira a levar o Funk para o palco do Rock in Rio, um dos maiores festivais de música do Brasil, no ano de 2013, com sua apresentação ao som do “Passinho do volante” (MC Federado & Os Leleks). Menos de dez anos depois, foi a vez do Funk chegar ao Halftime Show do Super Bowl 2023, estrelado por Rihanna, por meio de uma mixagem de uma música da cantora feita pelo produtor musical baiano Klean que foi utilizada no espetáculo. Grandes palcos nacionais e internacionais têm se aberto para o Funk nos últimos dez anos, sobretudo com o sucesso de cantoras como Anitta e Ludmilla.

Contudo, não podemos nos esquecer que esses caminhos foram abertos por nomes como Deize Tigrona, a primeira a levar o Funk para o exterior, chegando a fazer uma série de shows na Europa em meados da década de 2000, depois que o seu hit “Injeção” foi sampleado pela cantora inglesa M.I.A. em 2005.

ISSO NÃO É UM FUZIL

Produzida em solo afro-latino e indígena, esta obra passeia por metáforas plurais que se encontram em uma espécie de Opaxorô (instrumento utilizado por Oxalá, que representa a oralidade e o fundamento para manter a cultura viva).

Além do axé conseguimos absorver um sarcasmo que aponta para "A traição das imagens", de René Magritte, obra de 1929. Porém, Novíssimo Edgar vai ainda mais longe, pois assimila a história da arte e a relaciona com a contemporaneidade dos guarda-chuvas usados no Baile Funk de São Paulo, ou de qualquer outra coisa que seja usada nas periferias brasileiras, onde uma boneca, um skate, uma furadeira ou um simples guarda-chuva pode ser confundido com um fuzil, mesmo que não haja troca de tiros ou operação policial acontecendo. O problema é a miopia social intrínseca no despreparo da polícia do país.

Novíssimo Edgar deixa gritante o alerta de caça e caçador ao utilizar as logomarcas de grifes que são alteradas para simbolizar miras e armas, de modo a criar uma pequena hipermetropia em cima de imagens aparentemente dicotômicas, pois o que segura todo esse cajado, toda essa coluna suspensa, que gera uma tensão entre a queda e o flutuar, é um fuzil em miniatura. Tudo isso para não nos deixar esquecer o mal que nos sustenta e para lembrar que o Opaxorô representa a própria oralidade (do Iorubá – cetro que fala), significando, ainda, a tradição. Essa tradição que irá governar o mundo pela transmissão, pela voz, pelo corpo e pela sabedoria dos antepassados não é um fuzil, isto é Funk.

Novíssimo Edgar
Isso não é um fuzil

Pedro Marighella
Templo

A ERA DAS GRANDES ESTRUTURAS

Foram várias as tentativas de disciplinar o Funk, mas o movimento só cresceu. Atualmente, vivemos a era dos bailes com grandes estruturas que, além de movimentar a economia local, atraem multidões de diferentes territórios – inclusive celebridades e pessoas de classe média alta. O Baile da Disney (na Vila do João), por exemplo, não leva o nome do maior parque de diversão do mundo por acaso. Sua estrutura é digna de grandes festivais e, hoje, é o maior baile do Rio. Entre as atrações do baile, constam não apenas DJs e MCs, mas também grupos e cantores de Pagode e de outros ritmos, dando a possibilidade aos moradores da favela de terem acesso, em seu próprio território, a nomes de sucesso da música brasileira. Já o extinto Baile da Gaiola (na Penha) chegou a atrair 25 mil pessoas em um único evento, com 16 horas de duração. O baile também ficou conhecido por ter sido o principal difusor do 150 BPM no Brasil.

PV Dias
Aparelhagem azulada e violácea

Allan Weber
Sem título da série "Dia de baile"

Allan Weber
Sem título da série "Dia de baile"

Allan Weber
Sem título da série "Dia de baile"

Affonso Dalua
Baile da Nova Holanda II

Affonso Dalua
Baile do Parque União

FUNK É MÍDIA

Não demorou muito para que os bailes deixassem de ser os limites do Funk. O som se propagou pouco a pouco com o auxílio das rádios e dos programas de TV e com o lançamento de CDs e DVDs. Sua popularidade alcançou cada canto do Brasil, fazendo surgir até mesmo subgêneros regionais, como o Brega Funk, em Recife, e o Funk Ostentação, em São Paulo.

O Funk entrou para a trilha sonora de novelas, filmes e séries. "Baile de favela", do paulistano MC João, tocou na Olimpíada de Tóquio, em 2021, embalando a apresentação da ginasta Rebeca Andrade. O ritmo passou a ser praticamente obrigatório para animar festas de aniversário e de casamento e tornou-se o gênero musical brasileiro mais ouvido em países estrangeiros. É evidente que essa difusão foi resultado da popularização da internet, que, seguramente, teve um papel fundamental nesse processo. Se a distribuição online de músicas em MP3 (e, mais recentemente, pelo streaming) fez o Funk ecoar em todo o país e fora dele, os videoclipes e as gravações de apresentações ao vivo, disponíveis em plataformas como o YouTube, consolidaram a imagem do Funk e do Funkeiro.

As mídias, mais do que meras intermediárias, moldam o Funk de acordo com suas especificidades. Elas atuam na adaptação do vocabulário para as rádios e a TV aberta e na divulgação das danças e das mixagens por meio, por exemplo, do TikTok. O Funk está por toda parte e em constante transformação, demonstrando ser tão diverso em seu estilo como é em seu alcance.

Elvis Almeida
Na Gaiola

Zé Tepedino
Véspera de feriado

ÍNDICE DE OBRAS

Adelino de Araújo

João da Baiana dançando com Ângela Maria ao som do saxofone de Pixinguinha, 1955 [João da Baiana Dancing with Ângela Maria to the Sound of Pixinguinha's Saxophone]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Pixinguinha / Acervo Instituto Moreira Salles [Pixinguinha Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Ademar Veneziano

Tony Tornado e Trio Ternura / V Festival Internacional da Canção Popular, 1970 [Tony Tornado and Trio Ternura / 5th International Popular Song Festival]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Affonso Dalua

1.Baile do Parque União, 2021 [Baile of Parque União]. Fotografia Digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital Photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. QUEENB É O P.U., 2019 [QUEENB IS THE P.U., 2019]. Fotografia Digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital Photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Baile da Nova Holanda, 2023 [Baile of Nova Holanda]. Fotografia Digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital Photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. Baile da Nova Holanda, 2023 [Baile of Nova Holanda]. Fotografia Digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital Photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Afonso Pimenta

1. Adailson Pereira da Silva no Baile Soul do Diretório Central dos Estudantes, 1985 [Adailson Pereira da Silva at Soul Party in Student's Central Unity, 1985]. Impressão em Fine Art Hahnemühle Photo Rag Ultra Smooth 305 gsm [Printed in Fine Art Hahnemühle Photo Rag Ultra Smooth 305 gsm]. Coleção Retratistas do Morro [Retratistas do Morro's Collection].

2. Negão do Açougue, dançarino do Soul, 1987 [Meat Store's Nigger, Soul dancer]. Fine Art Hahnemühle Photo Rag Ultra Smooth 305 gsm [Printed in Fine Art Hahnemühle Photo Rag Ultra Smooth 305 gsm]. Coleção Retratistas do Morro. [Retratistas do Morro's Collection].

3. Fernando Black, dançarino do Soul, 1987 [Fernando Black, Soul dancer]. Fine Art Hahnemühle Photo Rag Ultra Smooth 305 gsm [Printed in Fine Art Hahnemühle Photo Rag Ultra Smooth 305 gsm]. Coleção Retratistas do Morro [Retratistas do Morro's Collection].

Alê Siqueira e Edivaldo Bolagi

Matrizes, 2023 [Matrices]. Vídeo [Video]. 04:52". Coleção dos artistas. [Artists' Collection].

Allan Pinheiro

1. Traseira 001 – série fragmentos da história recente do brasil e da américa latina, 2022 [Back 001 – series fragments of the recent history of brazil and latin america]. Peça de viatura desmontada [Dismantled police car part]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Porta 001 – série fragmentos da história recente do brasil e da américa latina, 2022 [Door 001 – fragments of the recent history of brazil and latin america series]. Peça de viatura desmontada [Dismantled police car part]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Porta 002 – série fragmentos da história recente do brasil e da américa latina, 2022 [Door 002 – series fragments of the recent history of brazil and latin america, 2022]. Peça de viatura desmontada [Dismantled police car part]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Albarte

MGH ZN RJ, da série Onde tudo acontece, 2021 [MGH ZN RJ, from the series Where Everything Happens]. Tinta a óleo sobre madeira [Oil paint on wood]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Alfredo Rizzutti

O cantor americano de Funk James Brown é recebido pelo artista Wilson Simonal e por bailarinas durante visita à capital fluminense, 1973 [American funk singer James Brown is welcomed by the artist Wilson Simonal and by dancers during a Visit to the capital of Rio de Janeiro]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Alfredo Rizutti / Estadão Conteúdo [Alfredo Rizutti Collection / Estadão Conteúdo].

Allan Weber

1. Muita Luta, 2021 [Lots of Fighting]. Cordão banhado a ouro 18k e pedras [18k gold plated chain and stones]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Sem título, da série Dia de Baile, 2023 [Untitled, from the series Day of Baile]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Sem título, da série Dia de Baile, 2023 [Untitled, from the series Day of Baile]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. Sem título da série Dia de Baile, 2023 [Untitled, from the series Day of Baile]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

5. Sem título da série Dia de Baile, 2023 [Untitled, from the series Day of Baile]. Lona [Canvas]. Coleção do artista.[Artist's Collection].

6. Sem título, da série Dia de Baile, 2023 [Untitled, from the series Day of Baile]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

7. Novo balanço, 2023 [New Balance]. Caneta hidrográfica sobre papel [Hydrographic pen on paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

8. Panfleto para um show de James Brown no The Showbox, 1980 [Broadside for a James Brown Concert at The Showbox]. Tinta em papel [Ink on paper]. Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian [Collection of the Smithsonian National Museum of African American History and Culture].

9. Muita luta, da série Traficando Arte, 2021 [Much Struggle, from the series Trafficking Art]. Cordão banhado a ouro 18k, resina e zircônia [18k gold plated chain, resin, and zirconia].Coleção do artista. [Artist's Collection]

10. Sem título, da série Traficando Arte, 2022 [Untitled, from the series Trafficking Art]. Câmera fotográfica, cimento e vergalhão [Photographic camera, cement, and rebar]. Coleção do artista [Artist's Collection].

11. Novo Balanço, 2023 [New Balance]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

12. Sem título, da série Dia de Baile, 2023 [Untitled, from the series Baile's Day]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

13. Balançando as barraquinhas, da série Dia de Baile, 2023 [Rocking the Stalls, from the series Baile's Day]. Lona [Canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Allan Farias, Diogo Santos, Josenstein Coletivo

Na Favela, Travessia, Construção e Perspectiva, 2023 [Favela, Crossing, Construction and Perspective]. Vídeos. [Videos]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Almir Veiga

Movimento Black Rio, 1976 [Black Rio Movement]. Série de fotografias em negativo 35 mm P&B [35 mm B&W negative photography]. Coleção particular de José Roberto Serra e Marcia Oliveira [Private Collection of José Roberto Serra and Marcia Oliveira].

Antonio Rudge *(Revista Manchete)*

Sem título, 1976 [Untitled]. Série de publicações impressas [Printed publication series]. MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro [MAR – Museu de Arte do Rio Collection / Rio de Janeiro City Culture Office].

André Vargas

1. É por isso que eu vivo no clube do Soul, 2023 [That's Why I Live in the Soul Club]. Tinta PVA sobre algodão cru [PVA paint on raw cotton]. Coleção do artista [Artist's Collection].
Agência de Fotografia Agence Rol [Agence Rol Photography Agency]

2. Coliseum Duque's dancing, 1920 [Coliseum Duque's dancing]. Fac-símile / Impressão fotográfica sobre papel [Facsimile / Photographic print on paper]. Acervo da Biblioteca Nacional da França - BnF [Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].

Arjan Martins

1. Sem título, 2023 [Untitled, 2023]. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Sem título, 2023 [Untitled, 2023]. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Acervo Instituto Inhotim [Instituto Inhotim Collection].

Autorias não identificadas
[Unidentified Authorship]

1. Billy Preston se apresentando na Soul Train, 1970-1971 [Billy Preston Performing on Soul Train]. Fotografia colorida / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Color photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Arquivos de Música e Cultura Afro-Americana da Indiana University / Coleção de Logan H. Westbrooks [Indiana University Archives of African American Music and Culture / Logan H. Westbrooks Collection].

2. Cartaz do Dia da Libertação da África, 1977 [Poster for African Liberation Day]. Papel, tinta de impressão [Paper, printing ink]. Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian / Cortesia de Catherine M. Bailey [Collection of the Smithsonian National Museum of African American History and Culture / Gift of Catherine M. Bailey].

3. 3º Concerto da Orquestra Afro-Brasileira, 1946 [Orquestra AfroBrasileira´s 3rd Concert]. Impressões em papel Canson photo matte papper 200 gsm [Print on Canson photo matte papper 200 gsm]. Acervo IPEAFRO [IPEAFRO´s Collection]

4. 1º Concerto em Niterói da Orquestra Afro-Brasileira, 1946 [Orquestra Afro-Brasileira´s 1st Concert in Niterói]. Impressão em papel Canson photo matte papper 200 gsm [Print on Canson photo matte papper 200 gsm]. Acervo IPEAFRO [IPEAFRO´s Collection].

5. Audição de música negra. Diário Trabalhista, Rio de Janeiro, 1946 [Black music audiction. Labor Diary, Rio de Janeiro]. Impressão em papel Canson photo matte papper 200 gsm [Print on Canson photo matte papper 200 gsm]. Acervo IPEAFRO [IPEAFRO´s Collection].

6. Informe confidencial do I Exército enviado para o DOPS solicitava o monitoramento dos bailes Black e das equipes de som, 1975 [A confidential report from the 1st Army sent to the DOPS requested the monitoring of Black dances and sound teams]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Print on Canson photo matte papper 200 gsm]. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. [Public Archive of Rio de Janeiro´s Collection].

7. Informe sobre "infiltração de grupos esquerdistas em favelas e associações de bairro", 1979 [Report on "infiltration of leftist groups into favelas and neighborhood associations"]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Print on Canson photo matte papper 200 gsm]. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro [Public Archive of Rio de Janeiro´s Collection].

8. Discoteca Hollywood, sem data [Hollywood Discotheque, undated]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

9. O melhor Funky da cidade, 1979 [The Best Funky in Town]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

10. Fred Hampton, 1948-1969, Quando um de nós cair, 1.000 tomarão seu lugar , sem data [Fred Hampton, 1948-1969, When One of Us Falls, 1.000 Will Take Their Place, undated] Impressão de cartaz cromolitográfico sobre papel [Chromolithographic poster print on paper]. Galeria Nacional de Retratos / Instituto Smithsonian [National Portrait Gallery / Smithsonian Institution].

11. Panteras Negras presas – Esta é uma fotografia de arquivo, sem data, do presidente nacional dos Panteras Negras, Bobby Seale, à esquerda, usando uma Colt 45, e Huey Newton, ministro da Defesa, com uma bandoleira e uma espingarda (1968-1969) [Black Panthers arrested – This is an undated file shot of Black Panther National Chairman Bobby Seale, at the left, carrying a Colt 45, and Huey Newton, Defense Minister, with a bandolier and shotgun]. Tinta sobre papel / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Ink on paper / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção San Francisco Examiner / AP Photo / Imageplus [San Francisco Examiner Collection / AP Photo / Imageplus].

12. Folheto de publicidade do Festival Badass Black da Soul Together, 1972 [Flyer Advertising the Soul Together's Badass Black Festival]. Fac-símile / Tinta sobre papel [Facsimile / Ink on paper]. Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian [Collection of the Smithsonian Institution's National Museum of African American History and Culture].

13. Pôster de James Brown, c. 1975 [Poster of James Brown]. Cartaz fac-símile / Tinta sobre papel [Facsimile poster / Ink on paper]. Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian [Collection of the Smithsonian Institution's National Museum of African American History and Culture].

14. Os Oito Batutas, 1919 [Os Oito Batutas]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Pixinguinha / Acervo Instituto Moreira Salles [Pixinguinha Collection / Moreira Salles Institute Collection].
15. Grupo Caxangá, 1918 [Grupo Caxangá]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Pixinguinha / Acervo Instituto Moreira Salles [Pixinguinha Collection / Moreira Salles Institute Collection].

16. Orquestra Tabajara, sem data [Orquestra Tabajara, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

17. As Frenéticas (capa de disco), c. 1978 [As Frenéticas (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

18. Jair Rodrigues ao microfone, 1975 [Jair Rodrigues at the microphone]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

19. Jair Rodrigues e Noite Ilustrada, sem data [Jair Rodrigues and Noite Ilustrada, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection]

20. Sem título, década de 1970 [Untitled, 1970s]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

21. Sem título, década de 1970 [Untitled, 1970s]. Reprodução fotográfica.[Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

22. Sem título, década de 1970 [Untitled, 1970s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

23. Sem título, década de 1970 [Untitled, 1970s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

24. Sem título, década de 1970 [Untitled, 1970s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

25. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

26. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

27. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

28. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

29. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

30. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

31. Jair Rodrigues e Os Originais do Samba / I Bienal do Samba, 1968 [Jair Rodrigues and Os Originais do Samba / 1st Samba Biennial]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

32. Roberto Ribeiro (capa de disco), c. 1977 [Roberto Ribeiro (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

33. Roberto Ribeiro, sem data [Roberto Ribeiro, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

34. Blecaute, sem data [Blackout, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

35. Sandra de Sá (capa de disco), 1980 [Sandra de Sá (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

36. Sandra de Sá (capa de disco), c. 1983 [Sandra de Sá (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

37. Sandra de Sá, c. 1984 [Sandra de Sá]. Fac-símile / Impressão em papel. Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles. [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

38. Sandra de Sá (capa de disco), c. 1980 [Sandra de Sá (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles. [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

39. Sandra de Sá (capa de disco), c. 1981 [Sandra de Sá (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

40. Noite Ilustrada (capa de disco), c. 1979 [Noite Ilustrada (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

41. Os Originais do Samba (capa de disco), c. 1979 [Os Originais do Samba (Album Cover)]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo

Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Instituto Moreira Salles Collection].

42. Almira Castilho e Jackson do Pandeiro dançando em programa de Carnaval comandado por Paulo Gracindo na Rádio Nacional, sem data [Almira Castilho and Jackson do Pandeiro Dancing on a Carnaval Program Hosted by Paulo Gracindo on Rádio Nacional, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

43. Ensaio do bloco Sôdade do Cordão na casa de Zé Espinguela, c. 1940 [Sôdade do Cordão Rehearsal at Zé Espinguela's House]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles Collection].

44. Sem título, década de 1990 [Untitled, 1990s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club] .

45. Sem título, década de 1980 [Untitled, 1980s]. Reprodução fotográfica [Photographic reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

46. Sem título, década de 1980 [Untitled, 1980s]. Reprodução fotográfica.[Photografical Reproduction]. Coleção Sir Dema – Clube do Soul [Sir Dema Collection – Soul Club].

Bárbara Wagner & Benjamin de Burca

Swinguerra, 2019 [Swinguerra]. Vídeo 2K, cor, som [2K video, color, sound]. Coleção dos artistas [Artists' Collection].

Bauer Sá

White Shoe, 1998. Fotografia / Impressão em papel Canson photo matte papper 200 gsm [Photography / Printing on Canson photo matte paper 200 gsm]. Coleção do artista. [Artist's collection].

Brígida Baltar e Vicente Baltar

Manto, 2024 [Cloak, 2024]. Bordado sobre tapete [Embroidery on carpet]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Brígida Baltar Institute collection].

Brígida Baltar *

1. Abrigo, 1996 [Shelter, 1996]. Vídeo [Video]. Duração: 17'39" [Duration: 17'39"]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Brígida Baltar Institute collection].

2. Sem título, 2022 [Untitled]. Bordado sobre linho [Embroidery on linen]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Brígida Baltar Institute collection].

3. A pele da planta, 2020 [The Skin of the Plant]. Bordado sobre algodão [Embroidery on cotton]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Brígida Baltar Institute collection].

4. As petéquias, 2016 [Petechiae]. Bordado sobre tecido [Embroidery on fabric]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Instituto Brígida Baltar Collection].

5. As petéquias, 2019 [Petechiae]. Bordado sobre linho [Embroidery on linen]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Instituto Brígida Baltar Collection].

6. Os hematomas e as petéquias, 2019 [Bruises and Petechiae]. Bordado sobre algodão [Embroidery on cotton]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Instituto Brígida Baltar Collection].

7. Autorretrato com pelos, 2016 [Self-Portrait With Hair]. Bordado sobre lenço [Embroidery on handkerchief]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Instituto Brígida Baltar Collection].

8. Autorretrato com pelos, 2016 [Self-Portrait With Hair]. Bordado sobre lenço [Embroidery on handkerchief]. Coleção Instituto Brígida Baltar [Instituto Brígida Baltar Collection].

Brenno Carvalho

Escola de Samba Salgueiro, 2022 [Salgueiro Samba School]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Brenno Carvalho / Agência O Globo [Brenno Carvalho Collection / Agência O Globo].

Bruno Lyfe

Tá OK, 2023 [It's OK]. Acrílica e óleo sobre tela [Acrylic and oil on canvas]. Coleção do artista [Artist Collection].

biarritzzz

B.I.A. – EX@ feat. Mun Há e Deize Tigrona, 2020 [B.I.A. – EX@ feat. Mun Há and Deize Tigrona]. Videoarte [Video art]. Duração: 3'24" [Duration: 3'24"]. Coleção da artista. [Artist's Collection]

Big Boy & Ademir

1. Baile da Pesada, sem data [Heavy Baile, undated]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

2. O Baile da Cueca – Uma tremenda zorra, sem data [A Tremendous Mockery, undated]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

Blecaute

1. Festa de Preto é pra se libertar, 2022 [The Black Party Is for Liberation]. Colagem e pintura digital [Collage and digital painting]. Coleção Festa de Preto [Festa de Preto Collection].

2. Filhos de Um Deus Que Dança, 2022 [Children of a Dancing God]. Pintura e colagem digital [Collage and digital painting]. Coleção Festa de Preto [Festa de Preto Collection].

3. Somente para pessoas de cor, 2022 [For colored only]. Pintura e colagem digital [Collage and digital painting]. Coleção Festa de Preto [Festa de Preto Collection].

Camisas de Galera, 1992-2022

[Shirts for the Crowd, 1992-2022] Técnica mista [Mixed media]. Acervo Luiz Fernando e Adalberto [Luiz Fernando and Adalberto Collection].

Caio Luiz

É o mundo, 2023 [It's the World]. Tinta acrílica, massa acrílica e terra sobre tela [Acrylic paint, acrylic putty and earth on canvas]. Coleção do artista [Artist´s Collection].

Charles W. White

Carta de amor, 1971 [Love Letter]. Litografia colorida sobre papel [Color lithograph on paper]. Galeria Nacional de Retratos, Instituto Smithsonian © / Arquivos de Charles White [National Portrait Gallery / Smithsonian Institution © / The Charles White Archives].

Creative Cinema Campaigns

Cartaz para "O Moisés negro do Soul", Especial de Isaac Hayes, 1973 [Poster for 'The Black Moses of Soul', Isaac Hayes Special]. Tinta litográfica fac-similada sobre papel (produto em fibra [Facsimile lithographic ink on paper (fiber product)]. Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian / Cortesia de Leith Adams [Collection of the Smithsonian Institution's National Museum of African American History and Culture / Courtesy of Leith Adams].

Daniel de Losques

Original Maxixe, 1914 [Original Maxixe]. Reprodução de publicação [Reproduction of publication]. Images Musicales / Coleção Frank Lateur [Images Musicales / Frank Lateur´s Collection].

Daniela Dacorso

1. Três meninas na VM, da série Totoma!, 2004 [Three Girls in VM, from the series Totoma!]. Fotografia em película positiva colorida 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

2. Vamos olhar e vamos debochar – MC Nem e MC Kátia (Amante e Fiel) [Let's Look and Let's Mock – MC Nem and MC Kátia (Lover and Faithful)]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

3/4. Lacraia dando autógrafos no aniversário da FM O Dia, 2003 [Lacraia Signing Autographs on the Anniversary of FM O Dia]. Fotografias digitais / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

5. Lacraia no Jacarezinho, 2003 [Lacraia in Jacarezinho]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

6. Lacraia e Serginho no Club 59, 2005 [Lacraia and Serginho at Club 59]. Fotografia em película positiva colorida 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

7. Agora eu vou te esculachar (Amante e Fiel), 2005 [Now I'm Going to Tear You Apart (Lover and Faithful)]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

8. Gaiola das Popozudas, 2005 [Gaiola das Popozudas]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

9. Big Mix na CDD (Baile Funk em clube na Cidade de Deus), 2003 [Big Mix at CDD (Baile Funk at a Club in Cidade de Deus]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

10. Catra e Silvia (Mr. Catra e sua esposa Silvia em casa, no Alto da Boa Vista), 2005 [Catra and Silvia (Mr. Catra and His Wife Silvia at Home in Alto da Boa Vista]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].
11. Catra e Tati Quebra Barraco no Club 59, Vila Mimosa, 2004 [Catra and Tati Quebra Barraco at Club 59, Vila Mimosa]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

12. Quero ver bater de frente (Amante e Fiel), 2005 [I Want to See You Go Head to Head, (Lover and Faithful)]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

13. Mr. Catra e Racionais MC's em Nilópolis, 2003 [Mr. Catra and Racionais MC's in Nilópolis]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

14. Bondinho no Borel (Baile Funk no Morro do Borel, Tijuca), 2003 [Bondinho (a party) in Borel (Baile Funk in Morro do Borel, Tijuca)]. Fotografia em película positiva colorida 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

15. Suadin (Dançarino do Bonde dos Negritos no Clube Vasquinho de Morro Agudo), 2002-2003 [Suadin (Dancer from Bonde dos Negritos at Clube Vasquinho de Morro Agudo)]. Fotografia em película positiva colorida 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

16. Tabajara Soundsystem (Montagem de parede de som na quadra do Morro dos Tabajaras), 2005 [Tabajara Soundsystem (Installation of a Sound Wall in the Morro dos Tabajaras Court)]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

17. Guerreiro de fé nunca gela: Menor do Chapa no Morro do Turano, 2004 [Warrior of Faith Never Freezes: Menor do Chapa in Morro do Turano]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

18. Bondinho no Borel (Baile Funk no Morro do Borel, Tijuca), 2003 [Bondinho (a party) in Borel (Baile Funk in Morro do Borel, Tijuca)]. Fotografia em película positiva colorida 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

19. AfroFunk – Taísa Machado (AfroFunk na Fundição Progresso, para livro Potência popular carioca), 2017 [AfroFunk – Taísa Machado (AfroFunk at Fundição Progresso, for the Book Potência popular carioca)]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

20. Castelo em chamas (faixa em frente ao Baile do Castelo das Pedras), 2004 [Castle on Fire (Banner in Front of the Baile of Castelo das Pedras)],. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

21. Valesca e a Gaiola das Popozudas, 2005 [Valesca and Gaiola das Popozudas]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

22. Dança da Bundinha (meninas dançam no Baile do Chapéu Mangueira, Copacabana), 1993-1994 [Dança da Bundinha (Girls Dancing at the Baile of Chapéu Mangueira, Copacabana)]. Fotografia em película positiva 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

23. MCs Gorila e Preto, 2004 [MCs Gorila and Preto]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

24. Danadinha (dançarina do Bonde das Danadinhas em apresentação na Danceteria Eskema, Duque de Caxias), 2004 [Danadinha (Dancer from Bonde das Danadinhas Performing at Danceteria Eskema, Duque de Caxias)]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection]

25. Vai, novinha!, da série Totoma!, 2004 [Go, Young Girl!, from the series Totoma!]. Fotografia em película positiva 35 mm / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35 mm color positive film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

26. Cerol na mão – Bonde do Tigrão na Oeste, 2001 [Cerol na mão – Bonde do Tigrão in Oeste, 2001]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

27. Tabajara Soundsystem 2, 2005 [Tabajara Soundsystem 2]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

28. Tati Quebra Barraco (Tati Quebra Barraco em baile no Clube Emoções da Rocinha), 2001 [Tati Quebra Barraco (Tati Quebra Barraco at a Baile at Clube Emoções in Rocinha)]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

29. Tabajara Soundsystem 3, 2005 [Tabajara Soundsystem 3]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm] Coleção da artista [Artist's Collection].

30. Mlks CDD, 2003-2004 [Mlks (abbreviation for brats) CDD]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

31. Tira a Camisa! (Dançarino do grupo Pé de Pano na danceteria Raio de Sol em Vila Isabel), 2002-2003 [Take Off Your Shirt! (Dancer from Pé de Pano Group at the Raio de Sol Dance Club in Vila Isabel)]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

32. Montagem de parede de som no Morro do Borel, 2004 [Installation of a Sound Wall in Morro do Borel]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

33. Montagem de parede de som no Morro do Borel II, 2004 [Installation of a Sound Wall in Morro do Borel II]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

34. Boladinho nos Prazeres (Equipe Pitbull no Morro dos Prazeres), 2008 [Boladinho nos Prazeres (Pitbull Team in Morro dos Prazeres)]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

35. Boladinho nos Prazeres, da série Totoma!, 2008 [Boladinho nos Prazeres, from the series Totoma!]. Fotografia digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital photography / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

36. Deize Tigrona na Cidade de Deus, 2003 [Deize Tigrona in Cidade de Deus]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

37. Quebra o meu barraco (Tati Quebra Barraco e Mr. Catra no Club 59, Vila Mimosa), 2004 [Break My Shack (Tati Quebra Barraco and Mr. Catra at Club 59, Vila Mimosa)]. Fotografia em película negativa 35 mm em preto e branco / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography on 35mm black and white negative film / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção da artista [Artist's Collection].

Deize Tigrona

Palco improvisado na caixa de cerveja, 2023 [Improvised stage in a beer box]. Caixas de cerveja, carpete, manequins, mdf, fone e pedestais [Beer boxes, carpet, mannequins, MDF, headphones and pedestals]. Coleção da artista [Artist's Collection].

Denise Garcia

"Sou Feia mas Tô na Moda", vídeo. ["I'm Ugly but I'm Fashionable", video]. Direção, Roteiro e Produção: João Mors, 2005 [Direction, Screenplay and Production: João Mors]. Montagem: Felipe Rodrigues, Maria Gorda Filmes. "Deixa na Régua" (Trailer) [Editing: Felipe Rodrigues, Maria Gorda Filmes. "Leave it to the Ruler (Trailer)"].

Emílio Domingos

Baile de Corredor (Passinho + Passista), 2023 [Corridor Baile (Passinho + Passista)]. Vídeo [Video]. Duração: 2'04" [Duration: 2'04"]. Coleção do artista [Artist's Collection].
Montagem: Yan Motta. Trilha Sonora: Vinimax. [Editing: Yan Motta. Soundtrack: Vinimax]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Elvis Almeida

1. intimidade, 2022 [intimacy]. Acrílica, nanquim, lápis de cor, marcador e pigmento ouro sobre papel Kraft [Acrylic, India ink, colored pencil, marker and gold pigment on Kraft paper]. Coleção Errante [Errante´s Collection].

2. domingo II, 2023 [sunday II]. Acrílica, nanquim, lápis de cor, marcador e pigmento ouro sobre papel Kraft [Acrylic, India ink, colored pencil, marker and gold pigment on Kraft paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. amor, 2023 [love]. Acrílica, nanquim, lápis de cor, marcador e pigmento ouro sobre papel Kraft [Acrylic, India ink, colored pencil, marker and gold pigment on Kraft paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. psiu, 2023 [shh]. Acrílica,

nanquim, lápis de cor, marcador e pigmento ouro sobre papel Kraft [Acrylic, India ink, colored pencil, marker and gold pigment on Kraft paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Emilio Domingos

Passinho / Passista, 2021 [Passinho (a dance style) / Passista, 2021]. Vídeo [Video]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Frank Edward Cox

Dança de Africanos, c. 1871 [African dance] Fac-símile / Aguada de nanquim, nanquim e grafite sobre papel [Facsimile / India ink wash, India ink and graphite on paper]. Coleção Martha e Erico Sticke / Acervo Instituto Moreira Salles [Martha and Erico Sticke Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Filipe Cordon

1. Baile da Nova Holanda, 2019 [Baile of Nova Holanda]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photographic print on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Montagem, Baile do P.U., 2019 [Assembly, Baile of P.U.]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photographic print on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Malha, Nova Holanda, 2019 [Mesh, Nova Holanda]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photographic print on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. Filipe Ret, Baile da Nova Holanda, 2017 [Filipe Ret, Baile of Nova Holanda, 2017]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photographic print on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].Coleção do artista [Artist's Collection].

Fon Fon

A Festa da Penha, 1912 [The Penha Festival]. Reprodução de publicação [Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection - Brazil].

Fotogracria

1. Abay Loirin Palmeia os Acessos, da série Loiro Pivete, 2021 [Abay Loirin Palmeia os Acessos, from the series Blonde Urchin]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Cultura & Tendência Brasileira de Descolorir os Cabelos Dentro das Favelas - Loiro Pivete [Brazilian Culture & Trend of Bleaching Hair in the Favelas - Blonde Urchin],

2. Bia Parando Tudo na Rua 1, da série Loiro Pivete, 2022 [Bia Stopping Everything on the Street 1, from the series Blonde Urchin]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Cultura & Tendência Brasileira de Descolorir os Cabelos Dentro das Favelas - Loiro Pivete [Brazilian Culture & Trend of Bleaching Hair in the Favelas - Blonde Urchin],

3. Salão do Maquininha, Onde a Mágica Acontece, 2022 [Maquininha's Barbshop, Where the Magic Happens]. Vídeo [Video]. Barbeiros e a Autoestima dos Menor de Morro [Barbers and the Self-Esteem of Kids from Favela].

Furacão 2000

Black Soul Discotheque. 1977 [Black Soul Discotheque]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

Gabriel Labarba

1.Nego, seu disfarce é arte, 2022 [Nego, Your Disguise Is Art]. Acrílica sobre MDF [Acrylic on MDF]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Prosperar e resistir, 2020 [Thrive and Resist]. Acrílica sobre MDF [Acrylic on MDF]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Pretinha, seu baby hair é arte, 2022 [Pretinha, Your Baby Hair Is Art]. Acrílica sobre MDF [Acrylic on MDF]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Genevieve Naylor

Manifestação do Sindicato dos Estivadores no Dia do Trabalho, c. 1941 [Docker's Union Demonstration on Labor Day]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Mate Paper 200 gsm [Facsimile / Photographic print on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Ermakoff [Ermakoff Collection]

Gê Viana

1. Radiola de promessa, da série Atualizações Traumáticas de Debret, 2022 [Radiola of Promise, from Debret's Traumatic Updates series]. Colagem digital [Digital collage]. Coleção da artista [Artist's Collection].

2. Radiola de promessa, 2023 [Radiogram of Promise]. Projeção e caixas de som [Projection and sound speakers]. Coleção da artista [Artist's Collection].

3. Despedida, da série Sapatona, 2020 [Farewell, from the series Butch]. Colagem digital sobre Couple Kissing at a Dance, Harlem, década de 1950, de Jay Maisel [Digital collage on Couple Kissing at a Dance, Harlem, 1950s, by Jay Maisel]. Coleção da artista [Artist's Collection].

4. Reencontro, da série Sapatona, 2018 [Reunion, from the series Butch]. Colagem digital sobre Bruce Davidson [Digital collage on Bruce Davidson]. Coleção da artista [Artist's Collection].

5. Quando você olha para a garota apaixonada e sente frescor na barriga, da série Sapatona, 2020 [When You Look at a Girl in Love and You Feel Butterflies in Your Stomach, from the series Butch]. Colagem digital sobre Joseph Szabo e Jean Depara [Digital collage on Joseph Szabo and Jean Depara]. Coleção da artista [Artist's Collection].

6. Garradin no reggae, da série Sapatona, 2018 [Holding to Reggae, from the series Butch, 2018]. Colagem digital sobre Carles Solís [Digital collage on Carles Solís]. Coleção da artista [Artist's Collection].

7. Um louco dia. Encarar com carinho, da série Sapatona, 2019 [A Crazy Day. Face It with Affection, from the series Butch]. Colagem digital sobre Colin Jones [Digital collage on Colin Jones]. Coleção da artista [Artist's Collection].

8. Que a gente não deixe de expressar nenhum sentimento nas ruas desse mundão, da série Sapatona, 2020 [May We not Fail to Express Any Feeling in the Streets of This Big World, from the series Butch]. Colagem digital sobre Seydou Keïta e Colin Jones [Digital collage on Seydou Keïta and Colin Jones]. Coleção da artista [Artist's Collection].

9. Ar, da série Sapatona, 2018 [Air, from the series Butch]. Colagem digital sobre Bruce Davidson [Digital collage on Bruce Davidson]. Coleção da artista [Artist's Collection].

Gerard

Blecaute, sem data [Blackout, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Gerson King Combo

Melô do Mão Branca, 1980 [White Hand Melody]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

Guilherme Kid

1. Existe vida do outro lado do túnel, 2022 [There Is Life on the Other Side of the Tunnel]. Tinta sobre tecido [Paint on fabric]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Paredão da Furacão, 2021 [Furacão Soud Wall (sound equipment). Acrílica sobre papelão [Acrylic on cardboard]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Paredão, 2023 [Sound Wall]. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Globe Poster Printing Company

Cartaz publicitário de um concerto de James Brown na Florida A&M University, 1969 [Poster Advertising a James Brown Concert at Florida A&M University]. Papel-cartão, tinta [Cardboard, ink]. Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian [Collection of the Smithsonian National Museum of African American History and Culture].

Guilherme Sofe

1. Talibã, da série Violento, sensível, 2022 [Taliban, from the series Violent, sensitive]. Afresco [Fresco]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Maldito homem que confia no homem, da série Violento, sensível 2022 [Cursed Is the man who trusts man, from the series Violent, Sensitive]. Óleo sobre tela [Oil on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Guga Ferraz

1. Eat Peace, 2011. Acrílica sobre papel [Acrylic on paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Totem A.K, 2014 [Totem A.K]. Desenho sobre papel Canson [Drawing on Canson paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Hebert

1. Hell de Janeiro, 2021 [Hell (Rio) of Janeiro]. Pintura / Colagem digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Painting / Digital collage / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Poder, 2021 [Power]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Faz frio na terra do sol, 2021 [It's cold in the land of the sun]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. Vivo de janeiro a janeiro, não só em dezembro, 2021 [I live from january to january, not just in december]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

5. Eu só vou rir quando eu quiser, 2021 [I'll only laugh when I want to]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

6. Sankofa, 2022 [Sankofa]. Pintura / Colagem digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Painting / Digital collage / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Igor Nunes

1. Kenner e Balãozada, 2022 [Kenner and Balãozada (Big Ballon)]. Óleo sobre tela [Oil on canvas]. Coleção particular [Private Collection].

2. Foda-se o clássico, 2023 [Fuck the classic]. Óleo sobre tela [Oil on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Bom dia Bb, 2022 [Good Morning, Baby]. Óleo e carvão sobre tela [Oil and charcoal on canvas]. MAR - Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro - Fundo Pedro e Gabriel Chrysostomo [MAR - Museu de Arte do Rio Collection / Rio de Janeiro City Culture Office - Pedro and Gabriel Chrysostomo Fund].

Ivan Cardoso

As Frenéticas, sem data [As Frenéticas, undated]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Ívanno José da Silva Brabo {Só Letra Braba}

Pouco fala, muito coRRReria, 2023 [Less talk, more RRRun] Esmalte e acrílica sobre ráfia [Enamel and acrylic on raffia]. Coleção do artista [Artist's Collection].

James Brown

1. Experimente-me, sem data [Try Me, undated]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

2. O melhor de James Brown, sem data [The Best of James Brown, undated]. LP [LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].

Janaína Vieira

1. Não adianta, de qualquer forma eu esculacho, 2022 [It doesn't matter, either way I'll rock it]. Colagem analógica sobre papel Canson [Analog collage on Canson paper]. Coleção da artista [Artist's Collection]

2. Construção, 2021-2022 [Construction]. Bloquinhos de madeira, soldadinhos de plástico, cartão plástico, capa de livro, latinha, argamassa, garrafa plástica, papelão e arame [Wooden blocks, plastic soldiers, plastic card, book covers, cans, mortar, plastic bottles, cardboard and wire]. Coleção da artista [Artist's Collection].

Januário Garcia

1. Marcha de 83, 1983 [March of 83]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

2. Dom Filó e Equipe Soul Grand Prix, 1976 [Dom Filó and Soul Grand Prix Team]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

3. Marcha de 83, 1983 [March of 83]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

4. Noite da Beleza Negra, 1982 [Night of Black Beauty]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

5. Marcha de 83, 1983 [March of 83]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

6/7/8. Dom Filó e Equipe Soul Grand Prix, 1976 [Dom Filó and Soul Grand Prix Team]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

9. Marcha de 83, 1983 [March of 83]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

10/11. Marcha de 88, 1988 [March of 88]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

12. Dom Filó e Equipe Soul Grand Prix, 1976 [Dom Filó and Soul Grand Prix Team]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

13/14. Noite da Beleza Negra, 1982 [Night of Black Beauty]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

15. Roberto Ribeiro, 1984. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

16 > 23. Noite da Beleza Negra, 1982 [Night of Black Beauty]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

24. Marcha de 88, 1988 [March of 88]. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

25. Leci Brandão, 1977. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

26. Leci Brandão, 1980. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

27. Leci Brandão, 1985. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

28. Roberto Ribeiro, 1983. Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

29. Marcha "Zumbi está vivo", 1983 ["Zumbi is alive" march]. Impressão contemporânea a partir de arquivo digital [Contemporary print from digital file]. Acervo Instituto Moreira Salles / Coleção Januário Garcia [Instituto Moreira Salles Collection / Januário Garcia Collection].

Jornal do Brasil

1. James Brown: o "blue" em ritmo de luta, 1973 [James Brown: the "blue" in fighting Rhythm]. Reprodução de publicação [Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection - Brazil].

2. Black Rio - Três amigos, três discos de "soul" / Está formado um núcleo do "Black Power", 1976 [Black Rio - Three Friends, Three "Soul" Records / A "Black Power" Nucleus Is Formed]. Reprodução de publicação [Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection - Brazil].

3. Black Rio, 1976. Reprodução de publicação [Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection - Brazil].

4. Às Cantoras, o sucesso, 1979 [To the Female Singers, Success]. Reprodução de publicação [Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection - Brazil].

Jota

Choro e correria, 2023 [Crying and Running]. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Ju Angelino

POC ART / Vai, Lacraia!, 2023 [POC ART / Go, Lacraia!]. Tinta acrílica, cola, purpurina e verniz em papel / Lambe-lambe [Acrylic paint, glue, glitter and varnish on paper / Paste-up]. Coleção da artista [Artist's Collection]

Juan Calvet

1 > 4. Das quadras para as ruas, Lacoste é sua polo preferida desde 1933, 2023 [From the Courts to the Streets, Lacoste Has Been Your Favorite Polo Since 1933]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

5. Olhares e olhares, 2022 [Gazes and Glances]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

6. Músicas para fumar balão, 2023 [Songs to Smoke Balloons]. Arte digital / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Digital art / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm] Coleção do artista [Artist's Collection]

La Parisienne Édition Musicale

Batutas - Pixinguinha: Samba danse brésilienne, 1905 [Batutas - Pixinguinha: Samba Brazilian Dance]. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção Pixinguinha / Acervo Instituto Moreira Salles [Pixinguinha Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Luizinho Disc Jockey Soul

O som dos Blacks, 1977 [The Sound of the Blacks] **LP** *[LP]. Acervo DISCOTERJ [DISCOTERJ Collection].*

Leid Ane

A Triplice Interior, 2022 [The Triple Interior]. **Tinta acrílica sobre tela** *[Acrylic paint on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

Le Miroir

Le Maxixe Brésilien, 1913 [Brazilian Maxixe]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication]. Acervo da Biblioteca Nacional da França – BnF [Biblioteca Nacional da França Collection – BnF].*

Leoa

1. Estouro, 2023 [Burst]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

2. Madureira, 2022. **Óleo sobre tela** *[Oil on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

Lucas Almeida

1. Blues de Alvina, 2020 [Blues of Alvina]. **Óleo sobre madeira** *[Oil on wood].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. Sem título, 2020 [Untitled]. **Óleo sobre madeira** *[Oil on wood].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

3. Cassiano – Faixa 6, 2022 [Cassiano – Track 6]. **Acrílica, óleo e giz pastel sobre madeira** *[Acrylic, oil and chalk pastel on wood].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

4. África Brasil – Faixa 3, 2023 [Africa Brazil – Track 3]. **Tinta acrílica e colagem sobre papelão fixado em chassi** *[Acrylic paint and collage on cardboard fixed to a chassis].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].* **S**
5. Gangsta Boogie, 2023 *[Gangsta Boogie].* **Tinta acrílica e colagem sobre papelão fixado em chassi** *[Acrylic paint and collage on cardboard fixed to a chassis].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

6. Músicas de amor, 2023 [Love Songs, 2023]. **Tinta acrílica, colagem e giz pastel sobre papelão fixado em chassi** *[Acrylic paint, collage and pastel chalk on cardboard fixed to a chassis].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Luna Bastos

1. Visão de futuro, 2023 [Vision of the future, 2023]. **Bordado com miçangas** *[Embroidery with beads].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

2. Lyra Dois Diamantes – Diretoria e sócios – Clube dançante da Cidade Nova, 1911 [Lyra Dois Diamantes – Board of directors and members – Cidade Nova Dance Club]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

Malvo

1. Reflexo, 2022 [Reflection]. **Acrílica e colagem sobre tela** *[Acrylic and collage on canvas].* **Coleção Tomás Toledo** *[Tomás Toledo Collection].*

2. Faixa rosa, 2022 [Pink band]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção particular de Ludwig Danielian** *[Ludwig Danielian's Private Collection].*

3. Dia de baile 3, 2023 [Baile's Day 3]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Manuela Navas

Metáforas do ser / vivendo de dança e sonho, 2023. [Metaphors of being / living on dance and dreams]. **Óleo sobre tela** *[Oil on canvas].* **Coleção particular** *[Private collection].*

Marcel Diogo

Carinhosa-Cafuné James, 2023 [Carinhosa-Cafuné James]. **Óleo sobre pelúcia** *[Oil on plush].* **Mitre Galeria** *[Mitre Gallery]*

Marcela Cantuária

Deize Tigrona, 2020. **Óleo e acrílica sobre tela** *[Oil and acrylic on canvas].* **Coleção particular de Fabiano Ribeiro Doyle** *[Fabiano Ribeiro Doyle's Private Collection].*

Maria Lídia Magliani

1. Retratos de Ninguém, 2003 [Portraits of Nobody]. **Desenho** *[Drawing].* **Acervo Estúdio Dezenove** *[Estudio Dezenove Collection].*

2. Em vão, sem data [In Vain, undated]. **Xilogravura** *[Xylograph].* **Acervo Estúdio Dezenove** *[Estudio Dezenove Collection].*

3. Dançantes, 2007 [Dancers]. **Acrílica sobre papel** *[Acrylic on paper].* **Acervo Estúdio Dezenove** *[Estudio Dezenove Collection].*

4. Príncipe, 2012 [Prince]. **Xilogravura** *[Xylograph].* **Acervo Estúdio Dezenove** *[Estudio Dezenove Collection].*
5. Sem Título (Dançante), 2007 *[Untitled (Dancer)].* **Acrílica sobre tela sobre madeira** *[Acrylic on canvas on wood].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection]*

6. Namorada vai chorar, 1986 [Girlfriend will cry] **Pastel seco e pastel oleoso sobre papel** *[Dry pastel and oil pastel on paper].* **Coleção MAM São Paulo / Doação São Marco S.A. Indústria Química** *[MAM São Paulo Collection / Donation São Marco S.A. Indústria Química].* **Acervo Estúdio Dezenove** *[Estudio Dezenove Collection].*

7. Da noite, 2010 [From the Night]. **Xilogravura** *[Xylograph].* **Acervo Estúdio Dezenove** *[Estudio Dezenove Collection].*

Márcia Falcão

1. Pesadona, 2021 [Heavyweight]. **Tinta acrílica, óleo e pastel oleoso sobre tela** *[Acrylic paint, oil and oil pastel on canvas].* **Coleção particular de Romero Pimenta** *[Romero Pimenta's Private Collection].*

2. Eu era a carne, agora sou a própria navalha, 2023. [I was the flesh, now I am the razor itself, 2023]. **Ferro e madeira** *[Iron and wood].* **Cortesia do artista e Fortes D'Aloia & Gabriel** *[Courtesy of the artist and Fortes D'Aloia & Gabriel].*

Maria de Lourdes Santiago

1. Oxum seduz Iansã, 2022 [Oxum Seduces Iansã]. **Técnica mista sobre tela** *[Mixed media on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

2. Sambalanço / Memória corporal, 2023 [Sambalanço (Sambaswing) / Body Memory]. **Técnica mista sobre tela** *[Mixed media on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

3. Vena Amoris, 2022 [Vena Amoris]. **Técnica mista sobre tela.** *[Mixed media on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

4. Neguinho Poeta, 2022 [Neguinho Poet]. **Técnica mista sobre tela** *[Mixed media on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

5. Sem título, 2023 [Untitled]. **Técnica mista sobre tela** *[Mixed media on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

Maria Buzanowski

1. Marielle, Primeiro Rio Parada Funk, Largo da Carioca, Rio de Janeiro, 2011 [Marielle, First Rio Funk Parade, Largo da Carioca, Rio de Janeiro]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

2. Yuri Mister Passista/Oz Crias, Passinho,Parque de Madureira, 2015 [Yuri Mister Dancer/Oz Crias, Little Dance, Madureira Park]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

3. Os Fabullosos, Baile do Passinho, Favela da Rocinha, 2013 [The Fabulous, Passinho Dance, Rocinha Favela]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

4. Batalha do Passinho, Chatuba da Penha, 2013 [Battle of Passinho, Chatuba da Penha]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

5. Johnny da Penha e Pelúcia Swing, Baile do Passinho, Viaduto de Madureira, 2014 [Johnny da Penha and Plush Swing, Passinho Dance, Madureira Viaduct]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

6. Marielle no Sarau da APAFunk, Ocupação Manoel Congo, Rio de Janeiro, 2013 [Marielle at the APAFunk Sarau, Manoel Congo Occupation, Rio de Janeiro]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

7. MC Shay, Baile do Passinho,-Viaduto de Madureira, 2014 [MC Shay, Passinho Dance, Madureira Viaduct]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

8. Ato pelo Dia Internacional da Mulher, Sarau da APAFunk, Ocupação Manoel Congo, Rio de Janeiro, 2013 [Act for International Women's Day, APAFunk Sarau, Manoel Congo Occupation, Rio de Janeiro,2013]. **Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

Matheus Abu

Catete Ouro, 2023. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Mari Stockler

Meninas do Brasil, 2002 [Girls of Brazil] **Série de fotografias impressas em papel fotográfico e montada em PVC** *[Series of photographs printed on photographic paper and mounted on PVC].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

Marta Neves

Me ama é o caralho, 2017 [Love me your ass]. **Impressão sobre papel.** *[Print on paper]. MAR - Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro [MAR - Rio Art Museum / Municipal Secretariat of Culture of the city of Rio de Janeiro].*

Maxwell Alexandre

1. A lua quer ser preta (diss), 2019 [The Moon Wants to Be Black (Diss)]
Látex, graxa, henê, betume, corante, acrílica, grafite, vinílica, carvão e bastão oleoso sobre papel pardo *[Latex, liquid show polish, henna, bitumen, dye, acrylic, graphite, vinyl, charcoal and oily stick on brown kraft paper].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. Sem título, 2021 [Untitled].
Látex, polidor de sapato, grafite e acrílica sobre papel pardo *[Latex, shoe polish, graphite and acrylic on brown kraft paper].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Maxixe Brésilienne

Maxixe Brésilienne, 1920 [Brazilian Maxixe]. **Reprodução de publicação**
[Reproduction of publication].
Acervo da Biblioteca Nacional da França – BnF *[Biblioteca Nacional da França Collection – BnF].*

Melissa de Oliveira

1. Sem título, da série QUEBRA, 2023 [Untitled, from the series QUEBRA]. **Fotografia digital** *[Digital photography].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. Sem título, da série QUEBRA, 2023 [Untitled, from the series QUEBRA]. **Videoarte 2'00"** *[Art Video].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Motown Records

1. Marvin Gaye, c. 1973. **Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. [Arquivos de Música e Cultura Afro-Americana da Indiana University, SC 111 / Coleção de Phyl Garland]* **Indiana University Archives of African American Music and Culture, SC 111 / Phyl Garland CollectionArtist's Collection]**

2. Jermaine Jackson, 1976. **Fac-símile de fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Facsimile of a photograph / Printed on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Arquivos de Música e Cultura Afro-Americana da Indiana University, SC 111 / Coleção de Phyl Garland** *[Indiana University Archives of African American Music and Culture, SC 111 / Phyl Garland Collection].*

Mingering Mike

FRACTURED SOUL, 1971.
Fac-símile / Técnica mista sobre papel cartão *[Facsimile / Mixed media on paperboard].* **Museu de Arte Americana Smithsonian / Cortesia de Mike Wilkins e Sheila Duignan e aquisição feita pelo museu por meio do Fundo de Doação Luisita L. e Franz H. Denghausen** *[Smithsonian American Art Museum / Gift of Mike Wilkins and Sheila Duignan and museum purchase through the Luisita L. and Franz H. Denghausen Endowment].*

Negast

1. O Hype, 2021 [The Hype]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. O quebrada, 2021 [The Block]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].*
Coleção do artista *[Artist's Collection].*

Novíssimo Edgar

1. Umbrella, 2023. **Pintura e assemblage** *[Painting and assemblage].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. Quase sem título, 2022 [Amost untitled]. **Impressão pigmentada sobre papel** *[Pigment print on paper].* **Cortesia do artista / A Gentil Carioca** *[Courtesy of the Artist / A Gentil Carioca].*
3. Isso não é um fuzil, 2023 *[That's Not a Rifle].* **Guarda-chuvas de náilon 70, estrutura de alumínio, tinta acrílica, verniz fixador fosco, pingentes, miniatura de metralhadoras em aço inox, franja de lã e crochê** *[Nylon 70 umbrellas, aluminum frame, acrylic paint, matte fixative varnish, pendants, miniature stainless steel machine guns, wool fringe and crochet].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection]*

O Bastardo

1. Rei da Putaria, 2023 [King of Whoring]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic paint on canvas].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. O Rei do Funk, 2023 [The King of Funk]. **Acrílica sobre linho** *[Acrylic on linen].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

O Mequetrefe

Chronicas da Bohemia (Um baile na Cidade Nova), 1880 [Chronicles of Bohemia (A Ball in Cidade Nova)]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].*
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

O Malho

"Choro" ao 13 de maio, 1906 ["Choro" on May 13th, 1906]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].* **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil** *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

O Mercurio

Chôro no Sacco do Alferes, 1898 [Choro in Sacco do Alferes].
Reprodução de publicação *[Reproduction of publication].* **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil** *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

O Pasquim

1. A Casa de Mãe Joana, 1980 [Mother Joana's House]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].* **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil** *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

2. O campeão (moral) do festival, 1980 [The (Moral) Champion of the Festival]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].* **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil** *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

3. Safari, 1977. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].*
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

4. Carta aberta ao Black Rio, 1977 [Open Letter to Black Rio]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].* **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil** *[Fundação Biblioteca Nacional Collection Brazil].*

O Jornal

Bach, Beethoven, Brahms e Mister Brown, super star, 1973 [Bach, Beethoven, Brahms and Mister Brown, Superstar]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication].* **Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil** *[Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

Bach, Beethoven, Brahms e Mister Brown, super star, 1973 [Bach, Beethoven, Brahms, and Mister Brown, Superstar]. **Fac-símile / Fotografia** *[Facsimile / Photography].* **Arquivo O Jornal / D.A Press** *[O Jornal Collection / D.A Press].*

Panmela Castro

1. MC Carol de Niterói, da série Vigília, 2021 [MC Carol from Niterói, from the series Vigil]. **Óleo sobre linho** *[Oil on linen].* **Coleção particular de MC Carol** *[MC Carol's Private Collection]*

2. Caixa de Catarse n.3: banheiro de festa, 2023 [Catarse Box No. 3: party bathroom]. **Acrílico espelhado, leds e tintas diversas** *[Mirrored acrylic, LEDs and various paints].* **Coleção da Artista** *[Artist's Collection].*

Paty Wolff

1. Nina Simone ou a liberdade é minha, 2023 [Nina Simone or Freedom Is Mine]. **Pintura acrílica e recorte manual sobre papelão** *[Acrylic painting and hand-cutting on cardboard].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

2. A cor do afeto, 2023 [The Color of Affection]. **Pintura acrílica e recorte manual sobre papelão** *[Acrylic painting and hand-cutting on cardboard].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

3. A cor do afeto II, 2023 [The Color of Affection II]. **Acrílica sobre folha de ouro e recorte manual sobre papelão** *[Acrylic on gold leaf and hand-cut on cardboard].* **Coleção particular** *[Private collection].*

Pedro Marighella

Templo, 2022 [Temple]. **Acrílica sobre lona** *[Acrylic on canvas].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Pirkle Jones

Panteras Negras de Sacramento, manifestação Free Huey, Bobby Hutton Memorial Park, Oakland, 1968 [Black Panthers from Sacramento, Free Huey Rally, Bobby Hutton Memorial Park, Oakland]. **Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian / Cortesia da Fundação Pirkle Jones** *[Collection of the Smithsonian Museum of African American History and Culture / Gift of the Pirkle Jones Foundation].*

Priscila Rooxo

1. Antes do baile, 2023 [Before the Baile]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

2. Bonde das Rooxos – Releitura, 2023 [Bonde das Rooxos – Rereading]. **Direção e edição: Louis** *[Directed and edited by Louis].* **Videoperformance. Coleção da artista** *[Artist's Collection]*

3. Protagonizando a cena, 2022 [Starring in the Scene]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção particular** *[Private Collection].*
4. Depois do baile, 2022 *[After the Baile].* **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

ProdTV7

Movimento Soul na linha do tempo, 2023 [Soul Movement in the timeline] **Video 9'58". Locução de Dom Filó.** *[Voiceover by Dom Filó.]* **Coleção Cultne TV** *[Cultne TV's Collection].*

PV Dias

1. Aparelhagem amarelada e marrom chegando, 2022 [Yellow and Brown Sound System Arriving]. **Guache sobre papel** *[Gouache on paper].* **Coleção particular de Paul Jenkins** *[Paul Jenkins' Private Collection].*

2. Paredão amarelado, 2022 [Yellow Big Wall]. **Guache sobre papel** *[Gouache on paper].* **Coleção particular** *[Private Collection].*

3. Aparelhagem azulada e violácea, 2022 [Yellow and Blue Sound System]. **Guache sobre papel** *[Gouache on paper].* **Cortesia Galeria Verve** *[Verve Galery's Courtesy].*

Revista da Semana

Lyra Dois Diamantes – Diretoria e sócios – Clube dançante da Cidade Nova, 1911 [Lyra Dois Diamantes – Board of directors and members – Cidade Nova Dance Club]. **Reprodução de publicação** *[Reproduction of publication]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil [Fundação Biblioteca Nacional Collection – Brazil].*

Rafael Baron

Se liga no flow, 2023 [Connect to the Flow]. **Acrílica sobre tela** *[Acrylic on canvas].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Rafaela Pinah - Coolhunter Favela

Baile Transcendental, 2023.[Transcendental party]. **Vídeo Mapping sobre lonas** *[Video mapping on canvas].* **Coleção da artista** *[Artist's Collection].*

Rainha Favelada

É LACRAIAS!, 2023 [IT'S LACRAIAS!]. **Videoperformance, 4:20". Coleção da artista.** *[Artist's Collection]*

Roberto Monteiro

INCORPORADO, 2022 [EMBODIED]. **Grafite e guache sobre papel Fabriano, gramatura 180** *[Graffiti and gouache on Fabriano paper, weight 180 gsm].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

Rodolfo Viana

1. Série Behind the Funk – Movimento da Sanfoninha (Reduc, RJ), 2014 [Behind the Funk series – Sanfoninha Movement (Reduc, RJ)]. **Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm** *[Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm].* **Coleção do artista** *[Artist's Collection].*

2. Série Behind the Funk – Anitta, Rei do Bacalhau (Reduc, RJ), 2014 [Behind the Funk series – Anitta, Rei do Bacalhau (Reduc, RJ)]. **Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200**

gsm [Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista. [Artist's Collection].

3. Série Behind the Funk – Batalha (Complexo do Alemão, RJ), 2014 [Behind the Funk series – Battle (Complexo do Alemão, RJ)]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Stephen Marc

Estados Unidos, da série A experiência transatlântica negra, 1988 [United States, from the series The Black Trans-Atlantic Experience]. Fotografia / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photography / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Impressão em gelatina e prata [Gelatin silver print]. Museu de Arte Americana Smithsonian e sua Galeria Renwick / Cortesia de Stephen Marc [Smithsonian American Art Museum and Its Renwick Gallery / Courtesy of Stephen Marc].

Stephen Shames

1. Angela Davis discursa no De Fremery Park em um comício do Free Huey em Oakland, Califórnia, EUA. Ao lado de Angela está James Burford, 1969 [Angela Davis Speaks in DeFremery Park at a Free Huey Rally in Oakland, California, USA. Standing Next to Angela Is James Burford]. Fac-símile / Fotografia sobre papel, gelatina/prata [Facsimile / Silver and photographic gelatin on photographic paper]. Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian / Cortesia da Galeria Steven Kasher [Collection of the Smithsonian National Museum of African American History and Culture / Courtesy Steven Kasher Gallery].

Stubb's BBQ

Menu do Stubb's BBQ anunciando um show de James Brown, 2006 [Menu from Stubb's BBQ Advertising a James Brown Concert]. Tinta em papel-cartão [Ink on cardboard]. Coleção do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian [Collection of the Smithsonian National Museum of African American History and Culture]

Tainan Cabral

1. Tambor Conga, 2023 [Drum Conga, 2023]. Acrílica, óleo e pastel sobre tela, cadarços e pelúcia [Acrylic, oil and pastel on canvas, shoelaces and plush]. Coleção particular [Private Collection].

2. Arrebatabaque, 2023 [Atabaque rapture, 2023]. Acrílica, óleo e pastel sobre tela, cadarços e pelúcia [Acrylic, oil and pastel on canvas, shoelaces and plush]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Beat bolha, 2023 [Beat Bubble]. Acrílica e pastel oleoso sobre tela, cadarços e pelúcia [Acrylic and oil pastel on canvas, shoelaces and plush]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Thaís Basilio

Boladona, 2023 [Bugged, 2023]. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Coleção da artista [Artist's Collection].

Thaís Iroko

Relíquia das relíquias: 3500 BPM depois de Cristo, 2023 [Relic of Relics: 3500 BPM after Christ]. Acrílica e óleo sobre tela [Acrylic and oil on canvas]. Coleção da artista [Artist's Collection].

Thales Leite

1. Astória Futebol Clube, 2023 [Astoria Football Club]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Belém Futebol Clube, 2023 [Belém Football Club]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Cascadura Tênis Clube, 2023 [Cascadura Tennis Club]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. Colégio F.C. (Coleginho), 2023. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

5. Grêmio Recreativo de Ramos, 2023. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

6. Guadalupe Country Clube, 2023 [Guadalupe Country Club]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

7. Magnatas F.S., 2023. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

8. Mesquita Futebol Clube, 2023 [Mesquita Football Club]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

9. Portelão, 2023. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

10. Renascença, 2023. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

11. Grêmio de Rocha Miranda, 2023. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

12. Social Clube dos Excursionistas de Belford Roxo, 2023 [Social Club of Belford Roxo Excursionists]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

13. Social Recreativo Apolo de Coelho da Rocha, 2023 [Social Recreational Apolo of Coelho da Rocha]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

14. Vitória Tênis Clube, 2023 [Vitória Tennis Club]. Impressão fotográfica em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Photo printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Thiago Ortiz

Pombagira Lacraia, 2022. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Vincent Rosenblatt

1. Baile da Providência, Rio de Janeiro, 2014 [Baile of Providência, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Os Teimosos, Quadra da Vizinha Faladeira, Santo Cristo, Rio de Janeiro, 2009 [Os Teimosos, Vizinha Faladeira Court, Santo Cristo, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Baile da Árvore Seca, Rio de Janeiro, 2010 [Baile of Árvore Seca, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

4. Pontilhão, Complexo da Maré, Rio de Janeiro, 2015 [Viaduct, Complexo da Maré, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

5. Piscinão de Ramos, Rio de Janeiro, 2011. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

6. Celly IDD, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, 2014. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

7. Oz Crias, Morro do Cantagalo, Ipanema, Rio de Janeiro, 2021. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

8. Morro dos Prazeres, Rio de Janeiro, 2007, Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

9. Lacraia, Nova Show, São Gonçalo, 2005. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

10. Fúria – Equipe CurtisomRio, Baile do Boqueirão, Rio de Janeiro, 2010 [Furia – CurtisomRio Team, Baile of Boqueirão, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

11. Baile do Boqueirão, Rio de Janeiro, 2011 [Baile of Boqueirão, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

12. Baile do Castelo das Pedras, Rio de Janeiro, 2005 [Baile of Castelo das Pedras, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

13. Cesanne, Yolo Love Party, Lapa, Rio de Janeiro, 2018. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

14. Morro do Turano, Rio de Janeiro, 2006. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

15. Jonathan "Neguebites" Santos & Ronald Sheick, Heavy Baile, Lapa, Rio de Janeiro, 2018. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

16. Ezequias, Yolo Love Party x Baile do Amor, Lapa, Rio de Janeiro, 2019 [Ezequias, Yolo Love Party x Baile of Love, Lapa, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

17. Wallace – Oz Crias, Cantagalo, Rio de Janeiro, 2021. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

18. Jessica Maurice, Batekoo, Lapa, 2016. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

19. Batekoo x Jamaicaxias, Porto Pirata, Vila Mimosa, Rio de Janeiro, 2017. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

20. Mister Catra, Lapa, Rio de Janeiro, 2008. Impressão fotográfica em papel FinArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

21. Rio Baile Funk #002, Rio Parada Funk, Lapa, Rio de Janeiro, 2012. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

22. Rio Baile Funk #091, Rio Parada Funk, Sambódromo do Rio de Janeiro, 2014 [Rio Baile Funk #091, Rio Funk Parade, Sambadrome of Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

23. Rio Baile Funk #151, Vira a Cara, Heavy Baile, Vila Mimosa, 2014 [Rio Baile Funk #151, Turn Your Face Away, Heavy Baile, Vila Mimosa]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

24. Rio Baile Funk #172, Os Hawaianos da Cidade de Deus, Rio de Janeiro, 2007 [Rio Baile Funk #172, os Hawaianos from Cidade de Deus, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

25. DJ Byano, MC Tikão e DJ Zebra, Baile do Chapadão, 2011 [DJ Byano, MC Tikão and DJ Zebra, Baile of Chapadão]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

26. Baile da Chatuba, o Maracanã do Funk, Complexo da Penha, Rio de Janeiro,2009 [Baile of Chatuba, the Funk's Maracanã, Complexo da Penha, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

27. Baile do DJ Byano, Chatubão Digital no Clube Fazenda F.C., São João do Meriti, 2011 [DJ Byano's Baile, Digital Chatubão at Fazenda F.C. Club, São João do Meriti]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

28. Funk Body #022, Morro do Andaraí, Rio de Janeiro, 2011. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

29. DJ Pernalonga, Baile da Boca do Mato, Complexo do Lins, 2007 [DJ. Pernalonga, Baile of Boca do Mato, Complexo do Lins]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

30. Sabrina Ginga, Viaduto de Madureira, Rio de Janeiro, 2017. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

31. Tati Quebra Barraco, Rio Baile Funk #004, Baile do Castelo, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, 2005 [Tati Quebra Barraco, Rio Baile Funk #004, Baile of Castelo, Rio das Pedras, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

32. MC Deise Loira, Baile da Furacão 2000, Campo do Ferroviário de Austin, RJ, 2005 [MC Deise Loira, Baile of Furacão 2000, Campo do Ferroviário de Austin, RJ]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

33. Jaula das Gostosudas, Baile Funk, dançarinas #017, Baile da Chatuba da Penha, Rio de Janeiro, 2009 [Jaula das Gostosudas, Baile Funk, dancers #017, Baile of Chatuba da Penha, Rio de Janeiro, 2009]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection]

34. Duda do Borel, 2008 [Duda do Borel]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

35. MC Leonardo roda a ApaFunk no Santa Marta, Botafogo, Rio de Janeiro, 2009 [MC Leonardo spins ApaFunk in Santa Marta, Botafogo, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

36. MC Gorila, Rio Baile Funk #005, Clube Ita Show, Itaboraí, 2005 [MC Gorila, Rio Baile Funk #005, Ita Show Club, Itaboraí] Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

37. DJ Fú, I Love Baile Funk no MAM Rio, Rio de Janeiro, 2009 [DJ Fu, I Love Baile Funk at MAM Rio, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

38. DJ Amazing Clay, Baile da CurtisomRio, implacável Clube do Boqueirão do Passeio, Rio de Janeiro, 2007 [DJ Amazing Clay, Baile of CurtisomRio, Implacable Boqueirão do Passeio Club, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

39. MC Gil do Andaraí, Rio de Janeiro, 2006 [MC Gil from Andaraí, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel fFineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

40. MC Marcinho, Morro do Tuiuti, Rio de Janeiro, 2021 [MC Marcinho, Morro do Tuiuti, Rio de Janeiro]. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção do artista [Artist's Collection].

41. Rio Night Fever #026, Batekoo x Jamaicaxias, Vila Mimosa, Rio de Janeiro, 2017. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção Quentin Richard [Quentin Richard Collection].

42. Morro dos Prazeres, Rio de Janeiro, 2007. Impressão fotográfica em papel FineArt Baryta [Photographic print on FineArt Baryta paper]. Coleção Rafael Drago [Rafael Drago Collection].

Victor Arruda

Uma noite no Rio, 1985 [A Night in Rio]. Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]. Gilberto Chateaubriand MAM Rio [Gilberto Chateaubriand MAM Rio Collection]

Victor Fidelis

Blondor, 2020 [Blonding]. Tinta acrílica sobre papel Canson [Acrylic paint on Canson paper]. Coleção particular de Lorena Silveira [Lorena Silveira's Private Collection].

Wilton Montenegro

Roberto Ribeiro, 1978. Fac-símile / Impressão em papel Canson Photo Matte Paper 200 gsm [Facsimile / Printing on Canson Photo Matte Paper 200 gsm]. Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles [José Ramos Tinhorão Collection / Instituto Moreira Salles Collection].

Zayre Ferro

1. Maria Rosa, travesti da minha paixão, 2023 [Maria Rosa, Transvestite of My Passion]. Acrílica, nanquim e PVA sobre MDF [Acrylic, India ink and PVA on MDF]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. ReCria, 2023 [ReCreate, 2023]. Acrílica e nanquim sobre tela [Acrylic and India ink on canvas]. Coleção do artista [Artist's Collection].

3. Por onde andei, 2021 [Where I've Been]. Acrílica e PVA sobre MDF [Acrylic and PVA on MDF]. Coleção do artista [Artist's Collection].

Zé Tepedino

1. Véspera de feriado, 2021 [Holiday's Eve]. Faixa de ráfia e costura [Raffia band and stitching]. Coleção do artista [Artist's Collection].

2. Concha, 2022 [Shell]. Lonas e costura [Canvas and sewing]. Coleção particular [Private Collection].

** ERRATA: A artista Brígida Baltar não esteve presente na exposição FUNK: Um grito de Ousadia e Liberdade.*

RIO, A DANCING CITY

In 1906, poet and chronicler Olavo Bilac wrote: "Rio is the city that dances". The statement is still relevant almost 120 years later, and in it, we find evidence that the phenomenon experienced today in the Bailes Funk has an ancient origin and is at the foundations of Rio de Janeiro's culture. Between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century, a variety of dance clubs and societies were founded, primarily formed by associations of low-income workers. Bilac called attention precisely to the fact that among Afro-descendant workers, the "fever" for dancing was strongest, and in the neighborhoods with predominantly Black workers, with scarce money resources and precarious structure, such as Cidade Nova, new and surprising rhythms emerged.

The writer also observed that "Botafogo does not dance like Catumbi, and Tijuca does not dance like Saúde", pointing out peculiarities and singularities such as those that we demarcate today by differentiating the Baile of Egito (in Chapadão) from the Baile of Paris (in Jacaré), located in Rio's North Zone. As well as ensuring the recreational rights of the workers, the bailes (dance events) of yesterday and today constitute Rio's multiple identities and our cultural diversity. Unique musicalities emerge in these places of entertainment that are also spaces for self-identification, belonging, and the construction of a sense of community.

BLACK ORCHESTRAS

At the end of the 19th century, Choro was born, created by groups that brought together European and African instruments and elements of European ballroom dancing. Its birthplace was the dive bars of Cidade Nova and the backyards of Rio's suburbs, and in the final years of the Empire, the rhythm became popular at the high society ballrooms. It was the ideal scenario for the appearance of the Oito Batutas group in 1918, exclusively formed by Black men: the original members were Pixinguinha on flute; Donga, Raul Palmieri and China on guitars; Jacob Palmieri on pandeiro; Luís de Oliveira on bandola and reco-reco; Nelson Alves on cavaquinho; and José Alves on mandolin and ganzá. The orchestra became an attraction in the lounge of Cine Palais as soon as the cinema reopened after the Spanish Flu pandemic. They were the first to bring Brazilian music abroad, performing in Buenos Aires and Paris in 1922, where they were enthusiastically received after their tour through Brazil. In the French capital, they had contact with Black orchestras and the US jazz groups, which influenced them profoundly – above all, they influenced Pixinguinha's compositions in the following years.

BLACK SOCIAL MOVEMENTS: UNITED STATES AND BRAZIL

The 1960s were marked by movements demanding civil rights in the United States, with the Black Power movement being one of the most significant. It erupted as a reaction to state and local laws that enforced racial segregation: the provision of bathrooms and drinking fountains for whites and Blacks; specific carriages or seats in public transport for Black people; separate schools for whites and Blacks, etc. In this context, the Black Panther Party for Self-Defense emerged in 1966 in California, providing community services and fighting against injustice and violence suffered by the Black population. The iconic Black Power hair, which consists of the acceptance and exaltation of natural Afro hair, became popular, becoming the main symbol of the movement, as well as the gesture of raising a clenched fist, immortalized in one of the most notable scenes in visual culture of the 1960s, when Black American athletes Tommie Smith and John Carlos reproduced it when they stood on the podium during the 1968 Olympic Games in Mexico, and were then expelled from the team as a result of the act. In Brazil, the Black movement had wide cultural reverberations, manifesting itself directly or indirectly in Bailes Soul; in the process of valuing African roots through Samba and carnaval; in the emergence of Afro blocks in Salvador, such as Ile Aiyê in 1974; the founding of the Institute for Research on Black Cultures in 1975, occupying a place of reference in research into the anti-racist struggle; the creation of the Unified Black Movement (MNU) in 1978. But the country was under military dictatorship between 1964 and 1985, which hindered the spread of any democratic ideal, especially with regard to racial issues. The military regime viewed the Black movement as unpatriotic (due to its American inspiration) and a communist threat, seeking to continuously silence it.

THE JAMES BROWN ERA

Born in 1933, American singer James Brown achieved success in the 1950s and became one of the greatest icons of Soul, drawing attention for his powerful voice and the way he incorporated elements of gospel music (also from Afro-American roots) into Soul and for his quirky way of dancing: he threw himself on the floor with his legs open, doing all the splits, and returned to the starting position very easily, in the blink of an eye, like a puppet. His style of dressing, his dancing and his singing inspired many generations, but especially young Black people from the 1960s and 1970s, up there and down here. The singer was in Brazil four times, in 1973, 1988, 1994 and 1996. On his first visit here, he was welcomed at the airport by the group Batuquejê and singer Wilson Simonal. On that occasion, he performed at the Municipal Theater of São Paulo and at Canecão, in Rio de Janeiro, which would later host Baile da Pesada, one of the main promoters of Soul here.

HI-FI PARTIES

Hi-fi parties are part of the cultural identity of the Rio suburbs, social events that have been present since at least the 1950s, and which, from the 1970s onwards, were influenced by rhythms such as Soul and Funk. Its name is associated with the popularization of home audio devices that promised to deliver high fidelity sound. Actually, the emergence of Hi-Fi parties in the United States took place through advertising events. Sellers of new stereos were encouraged to hold demonstration events in their homes in the American suburbs, inviting the neighborhood to witness the technical capabilities of the devices. The seller's neighbors were invited to bring their own vinyl records, to understand the differences between the new Hi-Fi devices and the old ones, such as the gramophone. These small commercial events, where snacks and refreshments were also distributed to participants, may have influenced the name of what we know here as a Hi-Fi party or American party, whose participants brought food and drinks and danced to the latest U.S. music inside their homes and in playgrounds of suburban buildings in Rio de Janeiro and,

~ Instituto Cultural Vale

The Instituto Cultural Vale (Vale's Cultural Institute), a proud partner of MAR, is pleased to present FUNK: Um grito de ousadia e liberdade (FUNK: A Cry of Boldness and Freedom). *This exhibition is an invitation to explore the history of Funk — not just as a sound, but as a powerful energy that emerges from the outskirts of Rio in all its artistic and social dimensions.*

As an institution committed to supporting those who make culture in Brazil, we work to promote the many forms of artistic expression and to expand access to art, culture, and education. In doing so, we share a common purpose with MAR and with other initiatives that celebrate and uplift Brazilian artistic production. These initiatives help connect diverse audiences to our history and creative strength through the celebration of the cultural movement of Funk.

From well-known projects to those still waiting to be discovered, Instituto Cultural Vale has created, supported, or sponsored over 600 initiatives since 2020 — such as FLUP (Favela Literary Festival), which brings literature and art to territories traditionally excluded from literary circuits; the Back2Black Festival, held in Rio's historic port region and in Madureira, in the city's outskirts; among many others that reflect the richness of our diversity and creative power.

As you flip through these pages, we hope you'll revisit old memories, uncover new stories—and maybe even sing and dance along with us. Enjoy!

~ Rodrigo Rossi
Director and Head of the OEI Representation in Brazil

~ Marcelo Velloso
MAR Executive Director

When the Museu de Arte do Rio (Rio Art Museum) set out to present the exhibition FUNK: Um grito de ousadia e liberdade (FUNK: A Cry of Boldness and Freedom), *it reaffirmed its commitment to being a museum that engages with diverse artistic genres and various segments of society. With* FUNK, *MAR offered the public an exhibition that connects with the everyday lives of people from many parts of Rio and Brazil.*

The exhibition was open for a year and a half and was visited by over 400,000 people. Featuring nearly 900 artworks by around one hundred Brazilian and international artists, MAR showcased the past and present of this musical – and dance – genre that, despite the prejudice it still faces, remains a powerful cultural expression with international recognition. The artworks narrate the story from the early Black bailes (dance parties) to the contemporary aesthetics of baile Funk, highlighting its many nuances and reflecting the strong sense of community in a movement that unfolds across musical, cultural, political, and economic dimensions.

As a cry of freedom, this exhibition is a pioneering effort. The decision to create it: bold. It reaffirms the importance of the favela culture as part of Brazil's artistic and musical heritage. Beyond that, its popular appeal crossed continental borders and reached France, marking MAR's first major international exhibition project. It stands as a milestone and a powerful opportunity to inspire reflection on the cultural diversity of Rio and Brazil—through the lens of the most carioca of museums.

Now, we invite you to experience FUNK: Um grito de ousadia e liberdade *through these pages.*

sometimes, even on the streets in front of their homes. If at first these informal parties, entertained only with the use of a record player and a set of vinyl, contrasted with the bailes that took place in clubs with the sound of live orchestras, later they grew significantly, to the point of leaving the domestic environment and occupying suburban clubs. These clubs and bailes, previously only set to sound by live groups, began to receive mechanical sound, opening a new chapter in the history of dancing events.

SOUL AS A STARTING POINT

Before we speak about what we know today as Funk, we must remember the importance of the Soul wave and the Bailes Black of the past. If Soul was the soundtrack of the Black population fighting for civil rights in the United States between the 1960s and 1970, here, in Brazil, it arrived during the military regime, having to dribble authorities' persecution who saw, in the Black movement, the power to mobilize the masses and feared a supposed threat to the order, represented by the ideals of the movement.

Dance events, such as A Noite do Shaft (later Soul Grand Prix), Cashbox, Santos Brazilian Soul (later, Mr. Funky Santos), Black Power, A Cova, Furacão 2000, Uma Mente numa Boa, Dynamic Soul, Modelo, JB Soul, Tropa Bagunça, Apoluisom, Vip, Alma Negra, Petrus, Revolução da Mente and Baile da Pesada, were the main disseminators of Soul music in Brazil, being venues of leisure to suburban workers and, at the same time, of awareness and Black representativeness. Foreign influences predominated in music, fashion, and vocabulary. A Noite do Shaft, which took place at Renascença Club (in Andaraí), was inspired by the film Shaft (1971) by the director Gordon Parks, one of the best examples of blaxploitation – the name given to the cinematography movement started in the 1970s in the United States, characterized by films starring or directed by Black people.

HOW A BLACK DANCES

The Black hairstyle, its clothes, its language and its symbols go beyond the bailes, being projected in the media (on album covers, TV appearances, photographs in newspapers and magazines) through singers of other rhythms, such as Samba, or football players from big clubs and even the Brazilian national team, finally reaching Black youth who lived on the peripheries. Sambistas such as Leci Brandão, Jorge Aragão, Roberto Ribeiro, João Nogueira, Arlindo Cruz, Marquinhos de Oswaldo Cruz, and Marquinho Sathan; MPB icons such as Wilson Simonal, Gilberto Gil, and Jorge Ben Jor; names more linked to Black music such as Sandra Sá, Tim Maia, and Tony Tornado; successful footballers from the 1970s onwards, such as Jairzinho, Júnior from Flamengo, Paulo Cézar Caju, Zé Maria, Marco Antonio. Remembering these names, even those not directly linked to Soul and bailes, paying attention to the looks they presented themselves between the 1970s and 1980s, helps us see the impact and reverberation of the Black movement. Writer Grada Kilomba states that hair is the most important instrument of political consciousness among African women and men in the diaspora, being a symbol of engagement in the anti-racist struggle and the decolonizing of dominated bodies in the diaspora. We can add to this the importance given by Blacks to the shoe called steel horse (a pointy platform shoe), with thick and high heels. The use of such flashy shoes was a kind of revenge for what happened in the past with enslaved people, who were prohibited from wearing shoes. Black Power hair and those shoes were seen as a cry for freedom and affirmation of identity, symbols of the recovery of self-esteem and the appreciation of blackness.

DISCO WORLD

The late 1970s were marked by the success of the Disco music genre, which was very well represented by the Brazilian soap opera Dancin' Days, the music group As Frenéticas, and the US film Saturday Night Fever. With the new Disco wave, Soul lost ground on the dance floors and phonographic market, overshadowed by a more commercial and predominantly white movement.

The Disco had the support of the mainstream media and developed into television products. In addition to the previously mentioned soap opera Dancin' Days, the rhythm was also present in the soundtrack for "Te Contei?" at the end of the 1970s as well. Meanwhile, the Black movement was stereotyped on TV, especially in comedy shows. This scenario proved favorable to the dictatorial power that was still in force at the time and had been trying to silence the Black movement for years.

PERIPHERY PARTIES: BAILES, BLACK PARTIES, CHARME PARTIES

The success of Bailes Black contributed to the beginning of a new chapter with the era of the sound teams. The bailes spread further and further into the suburbs, occupying clubs and samba school square compounds thanks to the work of teams such as Soul Grand Prix, the first to enter the phonographic market, who released their first LP, a commercial success in 1976, and the Furacão 2000, who at the time was surfing in the Soul wave and releasing its first records. The sound teams usually had a main DJ in charge of the record player and assistants responsible for the amplifiers and pickups. As well as setting up the stereo and making up a discotheque, they also implemented a professional lighting setup in the rooms that hosted the parties.

The clubs and Samba school square compounds occupied by Bailes Black were mostly located on the route of the railway line: Grêmio de Rocha Miranda (well-known as Palácio do Soul), Olaria Atlético Club, Madureira Esporte Club, Cascadura Club, Guadalupe Country Club, Botafoguinho (Guadalupe), Renascença Club (Andaraí), Casino Bangu, among others. The Sport Club Mackenzie, in Méier, hosted Rio's first Baile Charme. This event was followed by the Baile of Portela square compounds, even before the Baile of Viaduto de Madureira. The Bailes Charme of Disco Voador, in Marechal Hermes, were also outstanding.

We must put aside the idea of partying as something futile or mere fun. Rio's historian Luiz Antonio Simas often says we do not party because life is easy, but precisely because life is hard. In this way, the bailes are events of well-deserved leisure for twess. This spirit is unfolding in the actual days in Bailes Charme and parties aimed at LGBTQIAP+ and Afrocentric publics.

FUNK: A CRY FOR BOLDNESS AND FREEDOM

~ Amanda Bonan
~ Marcelo Campos

During an afternoon meeting with the curatorial and consultancy team for this exhibition, Deize Tigrona, one of our consultants, challenged us with the observation that Funk is "a cry for boldness and freedom". The story we will tell in this exhibition confirms this statement.

Rio de Janeiro boldly welcomed the association of Black people living downtown and on the peripheries, who organized themselves for leisure in clubs and gymnasiums. Entertainment has always been denied to Black men and women because Afro-descendants have been marked only by work. Furthermore, in the post-abolitionist context, Black people have had, and still have, their right to come and go questioned by racist police approaches and by looks and comments that seek to prevent them from circulating in some elite environments. As a result, clubs, gymnasiums, and athletic associations began to host Black parties, which started with the simple transportation of sound equipment to the so-called Hi-Fi parties and then reached the large structures, as well as the sound walls of today. Like that, from Soul to Funk, there were many stories of Black empowerment, protests, and cries for freedom incorporated into Black Power hair, pointy platform shoes, and, above all, the extraordinary way of dancing and reinventing freedom in body performances. Under the command of great sound teams such as Soul Grand Prix, Cash Box, Furacão 2000, and others, the Black and poor population filled the clubs in the North Zone and peripheries of the city. This is how the influence of James Brown came to permeate the Black movement, which was essential in organizing young people to confront social structures and the military regime with elegance and attitude.

From Soul more movements emerged, such as Hip-Hop and Break, with a strong international influence. However, another geography was drawn, because a large part of the population in Rio de Janeiro who did not have access to the elite areas found a way to entertain themselves. In this way a singular logic for holding bailes emerge, with tents, sound walls, audiovisual projections, and great music and dance stars. The sonority brought a beat generated by Hip-Hop, known internationally as Miami Bass, associated with the African ancestry already experienced by Maculelê and Avamunha beat in the terreiros of Brazil.

Funk art spreads through fashion, dance, women's empowerment, and the inclusion of the LGBTQIA+ community. The favela baile begins with the large corridors made up of strong expressions of dance and battle and expands to media produced by the community itself, which launches great personalities, born in the favelas and peripheries, onto the national and international Funk scene.

The artists gathered here critically reflect on the world in which they are immersed, in which Funk is an inseparable part. Portrayed in paintings, photographs, collages, and videos, we find the universe of Soul, the favela, and Funk, with the dances, the Black style, the bleached hair, the Gang pants, the Funkeira women, the party tents, the denunciation of violence, the famous paredão (high-power sound systems made up of several stacked speakers).

Therefore, FUNK in MAR is an exhibition that answers to popular clamor, finding in this museum another of its many sounding board.

BRAZILIAN BLACK MUSIC WAS BORN IN THE 70'S AND KEEPS MAKING HISTORY AND GENERATING A FORMIDABLE CREATIVE ECONOMY

~ Dom Filó

The 70's were disruptive in many aspects, specially in the music scene, from the shift in the black youth behaviour and the construction of racial awareness in Brazil. In this period were formed Black organizations such as the IPCN - Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (Black Cultures Research Institute) in Rio, the MNU - Movimento Negro Unificado (Unified Black Movement) in São Paulo, and the afro carnaval blocks Ilê Aiyê and Olodum in Bahia.

It's been more than 50 years from James Brown's Soul Music to Funk's "batidão", a period of reunion of many stories, sacrifices, challenges and achievements. We can say that the Soul Music had a major role in black creative economy, in the US such as other parts of the world, including Brazil, where the roots of Black culture are deep and reach a wide range of industries and economic sectors, such as the music industry, fashion and style, pop culture, activism and empowerment.

It's important to highlight the difference between 1960's Funk, from the US, and Brazilian Funk, that started to gain popularity in the 80's. North American Funk evolved from R&B and Soul Music and was influenced by artists such as James Brown, George Clinton and Sly & the Family Stone, among others. Brazilian Funk, however, known for it's heavy beats and - many times - explicit lyrics, with a emphasis on dance and party culture, is a musical genre that developed from Miami Bass, incorporating elements from electronic music and other local genres. By the end of the 1970's, Soul Music had a closure in Brazil with the end of the Movimento Black Rio (Rio Black Movement); at the same time, in the US, soul music became north american Funk.

Brazilian Black Music encompasses genres such as rap, Funk and hip-hop and has a significant role in the country's culture and economy, manifesting itself in the music industr - in events and performances -, in fashion and style, audio-visual production, musical entrepreneurship and streaming. This wide range of activities brings income and job opportunities, and also promotes diversity and black representation in Brazilian society.

The talented Funk singer, activist and producer Taísa Machado, one of the guest curators of this exhibition on MAR, said in an interview to the Maré de Notícias journal: "Funk is the picture of the urban ghettos in the country. It is young, bold and marginalized. It's the stage where our voices are heard, where our body is seen. It's where we can show our talent, make some cash and fulfil our dreams. Funk is a dream factory".

I absolutely agree with Taísa when she says that Funk's music industry in Brazil can be seen as part of the creative economy, as it wraps creation and the distribution of goods and services based on creativity and culture, creating jobs and economic opportunities in many sectors related to Funk's music and culture.

FUNK in MAR is an important action against the erasure of Black people history, as it promotes racial equality, recognition and celebration of Black community in all areas of society and awareness about racism and discrimination matters. That includes the implementation of public policies that provide racial equality, Afro-Brazilian culture appreciation and anti-racist education.

Let's ride the sound waves of Black Music!

FUNK'S RHYTHMS

What we know today as Funk carioca builds up its own characteristics during a process that began in the 1980s. When the rhythm started to attract attention, it was still marked by foreign influence, especially Electro Funk (that has its origin in the music "Planet Rock" by Afrika Bambaataa) and Miami Bass, both Hip-Hop subgenres developed with the incorporation of the Roland TR-808 electronic drum set, created in 1982. The first national Funk LP, called Funk Brazil, was produced by DJ Marlboro and was released in 1989, starting a relevant chapter in the history of the rhythm: after that, the MCs sang lyrics in Portuguese, giving Funk its first national features.

TAMBORZÃO

The process of nationalizing Funk was consolidated with the arrival of the rhythmic basis known as Tamborzão in the early 2000s. DJs from Rio de Janeiro started to incorporate the beat and percussion instruments present in capoeira, maculelê, and African religions (especially in Umbanda, such as the beat Congo de Ouro) into the basis of Volt Mix, creating a new and typically Brazilian rhythm. The use of samples from instruments like berimbau, conga, and atabaque became common. Since then, Funk has diversified, and new beats and rhythms have emerged: Proibidão, Funk Ostentação, new generations of Funk Melody, the 150 BPM, as well as other subgenres in different regions of Brazil.

SMALL MONKEYS

The monkeys in these works of art *(pg. 79)* are, originally, ornaments from Kipling brand bags, which are present in the fashion and behavior of the favelas and peripheries.

The reference to the brand symbolizes fun, irreverence, and adventure.

For Tainan Cabral, it goes back to his childhood memories and his desire to carry an icon highly coveted by the homegrowns of her generation. The people popularize the use and consumption of the brand by purchasing and circulating replicas of the original.

It is an allegory that holds aesthetic strength in the artist's work, which provides direction and materiality to the research, the study of color, the shapes and symbols of peripheral and suburban territories that repeat and multiply in everyday life.

FUNK IN THE 1990S: FROM BRIGÕES (BRAWLERS) TO REBOLÕES (TWERKERS WHO ACCOMPANY THE MCS)

The most successful beat in the 1990s was the Volt Mix, a derivation of Miami Bass created in the United States by DJ Battery Brain in 1988, and which rocked the crowd championships here. We can identify it in hits such as "Rap da felicidade" (MCs Cidinho & Doca), "Rap do Salgueiro" (Claudinho & Buchecha), "Rap do Silva" (MC Bob Rum), and "Rap das armas" (MCs Junior and Leonardo). At the same time, the sensuality of the dance, the clothes and the double meaning of the lyrics were influenced by the success of Axé Music and Pagode from Bahia, rhythms that were accepted at that time by the mainstream media. The 1990s were also marked by conscious Funk, which called for peace at the bailes and spoke about the problems of the favela, and by Funk Melody, with romantic lyrics that also helped to stifle the image of the baile as a violent place, created by the old corridor bailes – which were known by that name because the young people who attended divided themselves into groups to face each other during the parties, and often also outside them because they recognized each other as rival groups.

THE REPRESSION OF FUNK

Because it was a phenomenon that at first reached almost exclusively young people from the favelas and peripheries, Funk hardly appeared in the media until 1992. When it began to gain more space, most of its mentions were in police reports. A landmark of this period was an alleged mass robbery on Arpoador Beach on October 18, 1992, on a sunny Sunday. The media reported the riot on the beach with great exaggeration, blaming the youngsters attending Bailes Funk for the confusion. It was precisely when the Funk started to expand outside the favelas and peripheries, gaining visibility beyond the places where the bailes took place, that repressive measures became more frequent. By the end of the 1990s, Funk was already a phenomenon known by the middle and upper classes, as well as the public authorities. However, it continued to be discriminated against and often criminalized. In the book *O Funk na batida: baile, rua e parlamento*, the author Danilo Cymrot explains that the criminalization of Funk did not occur in the same way as Capoeira's at the end of the 19th century, when it was, in fact, prohibited. The repression of Funk and the Funkeiro began when the style was unfairly framed in criminal offences that already existed, such as drug trafficking, incitement to crime – it is necessary to take into account that incitement is considered an open concept under the law, which allows for many interpretations –, or minor offences. For this reason, the bailes were banned, with the justification of noise pollution and lack of proper authorization from public authorities for holding open-air events.

WOMEN IN FUNK

The success of Funk Melody in the 1990s contributed to dissociating the image of bailes from violence and attracting more women to the dance floors. The stage, however, was still male territory. The first woman launched as a singer in the Funk scene was MC Cacau. Her romantic songs were well received, but her fee was the lowest in this male-dominated environment.

A little later, there were emerging names that helped to leverage feminist protagonists, such as Tati Quebra Barraco, Deize Tigrona, and Gaiola das Popozudas (that had Valesca as lead singer), with double entendre lyrics, often of an explicit erotic nature, celebrating women's sexual freedom. They were the first ones to take Funk abroad, making it an international success. The legacy of these pioneers has been carried on, and women have gained more and more visibility in Funk, singing about their bodies, their experiences, their desires, and their struggles, as is the actual case with MC Carol, who declares that she is "100% feminist" in one of her lyrics.

FUNK, THE RHYTHM OF THE CITY

~ ***Taísa Machado***

Rhythm:

1 – regular and periodic movement in the course of any process; cadence.

2 – a succession of strong and weak tempos that alternate at regular intervals.

The terreiro teaches that rhythm is sovereign. "Every kind of work, all things, all sounds, everything is rhythm", and that is why we first exalt the all-powerful movement.

If the ogã does not play, Ògún does not dance, so when we think of God, we think of music. In the massive sound of the drum, in Congo de Ouro, in the cry sung by the berimbau, in the extended bass of the Miami Bass, in the chopped samples of the Gemini PDM 7008, in the bravery of the atabaque sounding out the four tempos of Maculelê. The meeting point between the ancestral and the machine in the heartbeat frequency elevated to its maximum power, 150 BPM.

Everything is rhythm, and the sound of the favela is the pulse of the city, which dances even when it refuses to enjoy the music. It comes from the peripheries, alleys, and narrow streets, the melody that draws the swing in the walk, the ginga (body sway), the beauty. Standing on the street corner, tapping the palm of his hand, the Carioca invents the city, mocks it, frightens it, and transforms it.

It is under a circus tent, in the sacred space of the baile, that the bodies ignite, the wave rises from the sound wall and chills the skin, bursts the joy that lives in the legs, and makes passinho (a dance style) a blast. Funk is the sound, the baile is the stage, and the favela is the place.

Funk resonates with a collective us, and to police violence, we respond with hits, we enter through the loudspeakers and travel back in time, unifying past and present, love and hate, denunciation and pride, lust and dreams.

"It is the sound of Black people, of favelado, but when it is played no one stands still". The language we create moves the daily life, the ombrinho (shoulder), and a lot of money. The motorcycle cab, the hairdresser, the stallholder, the artist, and the creative economy are strengthened by a beat and follow the dance creating fashion and trends.

Twerk is the sound that comes from the hip, the reflection in the form of balls (hairstyle) is the movement of beauty, and the gold chain is proof that nothing can stop us.

We are Funk, the sound of the masses, very fidgety.

This exhibition is a tribute to the transformative power of popular culture, to the inexhaustible creativity of the favelas, and to the music that has united generations of Cariocas. Explore, celebrate, and absorb the essence of Carioca Funk while we delve into the depths of its beats, rhythms, and vibrant culture.

THE CIRCLE

~ ***Sir Dema***

Circle of Samba, Capoeira, Jongo, Ciranda, Baião, Maculelê, Rhymes, Slam poetry, Religions of African matrices, Taba...

The roda (circle) takes us back to our ancestry, to a moment of joy, dancing, fraternization, but it is also a place of dispute, a battlefield, a place of decision-making.

On a random Saturday night in 1976, the Grêmio Social Esportivo de Rocha Miranda, located at Av. dos Italianos 282, in the Rocha Miranda neighborhood (with its red, blue and white colors, also known as the Soul Palace) would host another meeting of sound teams, the night of the most stylish Pisante (shoe) and the best dancer in the Roda.

In the hall the teams are Cash Box, A Cova, Soul Grand Prix, Petrus, Furacão 2000, Black Power and the guests Big Boy and Monsieur Limá (attractions of the night). The equipment takes up the stage, stands and the side walls. With their powerful speakers, the night promises, after all, the most stylish Pisante (shoe) and the best dancer will receive a savings account worth 500 cruzeiros as a prize.

In Rocha Miranda Square, hundreds of young people gather from all corners of the suburbs of the newly created State of Rio de Janeiro; they rehearse choreographies, show new steps and comment on their favorite teams and nightclubs. They are often searched by the Invernada de Olaria, police officers that stopped the black and white Veraneios cars and go down addressing the young people, always in an intimidating way; they search them, they entangle their hair (previously lined up), confiscate the forks made of wood and bicycle spokes, at the end, get into the car and drive away.

At the door of Grêmio, a long line at the box office shows the greatness of that night. Little by little the hall is occupied while the first team plays and warms up.

Soon the hall is full. In front of the teams there are human barriers of young Black men with their denim jackets, t-shirts, vests, all painted with the name and symbol of the team they are following.

It's already 10pm, the room is completely packed. A mass of people is trying to get around, others are trying to find a place to dance - which is almost impossible. Getting to the bar or the toilets is not easy at all.

In the center of the room, it is possible to dance. It is in the center of the room that the masters form the rodas, spaces disputed by excellent dancers: Ligeirinho, Piolho, Jornal, Lurdinha, Rejane 2000, Ângelo Branco and many others.

The roda is a true arena, there the competition takes place and on this night the performers were shining as there was a prize of 500 cruzeiros for the winner.

The roda is a magical arena. There the master chooses who will be the next to occupy the center and show their steps, their choreography. Walking sticks, a wide-brimmed hat, sunglasses, colorful tunics, a coat, a pipe to add charm, tight-fitting trousers with tight flares that make the person stand out.

We're at a festival of big teams; the dance floor is buzzing; someone steps on someone else's foot and a commotion starts. The DJ takes the microphone and says: "Calm down, guys! It's about peace over here, instead of fighting with the girl, stick to the side with her". And the baile goes on.

To the sound of the first chords of "Miss Funky Fox", screams can be heard in the hall; the master closes the roda with everyone holding hands and opens the roda in the center. Piolho, with his skillful legs and spectacular waist movement, dances splendidly. There, the DJ just nails it and the ancestral Soul spirit passes through the roda and enters the room.

This is Soul, this is Black Rio.

~ ***Marcello Bogo "DJ MBgroove"***

In the beginning, body and spirit.

That longing for home, for the Motherland...

In the strength of the stories passed on orally by Griô's voice, the songs that purged also praised the Gods, and the rhythm of their dances marked the Black rebirth, at the end of each day.

Songs and rhythm were present in the various daily activities; in washing clothes, cooking, harvesting, working, and dancing. Capoeira played a primordial role as an instrument of resistance and identity.

Rhythms, chanting, litanies and ginga, united.

FROM DANÇA DA BUNDINHA TO PASSINHO

Funk has always had the body and dance as central elements and, in addition to the more spontaneous steps, improvised at bailes, Funkeiros often launch trends and choreographies through their music: from the *Dança da bundinha* (MCs Xande and Cabeça), through the *Cerol na mão* (Bonde do Tigrão) and the different steps launched by the Havaianos, to the recent phenomenon of TikTok.

Little by little the dances became more complex: the quadradinho (a dance style) evolved into the quadradinho de quatro, which grew into the quadradinho de oito and also the quadradinho borboleta – popularized by the Bonde das Maravilhas – each one being more challenging than the other. The invitation to dance "Créu" at speed 5 is also provocative. But in recent years the scene that has gained more prominence is the passinho (a dance style). Its story begins in Jacarezinho, when dancers gathered in a circle to show their choreography, generating an atmosphere of competition, giving rise to the famous Batalha do Passinho. The dancers helped transform a free dance into a unique style, with original steps and sequences that absorb influences from Frevo, Capoeira, Kuduro and Hip-Hop. Social media played a fundamental role in strengthening the movement: it was first in Orkut communities that dancers shared their videos published on YouTube and made their names and choreographies known.

DJS AND MCS

The sound teams responsible for the bailes, from Soul to Funk, have as their pivotal figure the DJ (Disc Jockey for short), responsible not only for selecting and reproducing the repertoire that livens up the parties, but also for producing, mixing and creating hits. Their history collides with the history of radio, which emerged in the 1920s. We could say that the announcers of that time, who entertained listeners between one song and another, were the first DJs. But it was with the emergence of new technological devices in the 1970s that the movement was boosted. During this period, the first Brazilian DJs had to face the lack of proper equipment, due to its unavailability on the market or its high cost. Some used tricks to create their equipment, such as using a three-position telephone switch (an installation part from a telephone company at the time) and the "marmitinha", a mixer made from an aluminum lunch box.

The figure of the MC, first associated with Hip-Hop culture, emerged in Jamaica and only later did DJ Kool Herc, who was Jamaican, introduced it to the Bronx, a mostly Black and Hispanic neighborhood in New York. Kool Herc was responsible for the emergence of open-air block parties, which was already an old Jamaican custom, in 1967 on the streets of the Bronx, with a structure that might recall the Bahian trios elétricos (traditional electric car parades). The introduction of the MC into the world of Hip-Hop and bailes occurred when Kool Herc invited Coke La Rock (today considered the first MC-Rapper in Hip-Hop) to uplift the bailes of his soundsystem, called Herculoids. Therefore, contrary to what many think, the appearance of the MC precedes the emergence of rap in the Bronx. Its diffusion at the bailes comes from the perception of how difficult it is to play music and entertain the public at the same time. Then the masters of ceremonies, or controllers and microphones, generally well-known party goers, were hired due to their ability to entertain the public with local phrases and slang.

Mestres Pastinha and Bimba are in the pantheon of Afro-Brazilian culture, of a culture that went from the slaves' quarters to the favela hills, in a social confrontation until its collapse.

In Bahia, under the influence of Afro-based religions and a Black population from numerous parts of Africa, it was possible to bring together such rich cultural traits, shaping a robust part of our culture. Jongo, Coco, Maracatu, Congado, Tambor de Crioula, Baião and many other Afro-Brazilian cultural representations were generated from intersections in Brazilian cultural and historical processes.

In the same peripheral and discriminatory context, Samba, which has its genesis in Bahia de Todos os Santos, grows and flourishes in the Candomblé terreiros of Rio de Janeiro, in the regions of Estácio, Praça XI and Pequena África, at the beginning of the 20th century, having as pillars such characters as Pixinguinha, Donga, Tia Ciata, Heitor dos Prazeres, to name a few.

Just like all Afro-Brazilian representations, Samba was legitimized through many struggles... These struggles were also observed in the path of other Brazilian and global Black cultural representations, such as Rap, Soul, and Funk.

Samba opened doors for new discussions but faced a leaden period following the military coup and the nebulous period of dictatorship. In parallel, Frente Negra Brasileira and Teatro Experimental Negro reinforced a new moment in the fight for the rights of the Black population and the necessary reaffirmation of their identity.

Returning to the beginning of the 1950s, bands and orchestras emerged, spearheaded by the Orquestra Afro-Brasileira, conducted by maestro Abigail Moura, who emerged bringing a sound based on the mix of rhythms for the orixás with elements originating from Western Culture, such as saxophone and clarinet. Another extremely relevant Black maestro who leaves us an exquisite legacy for Brazilian music goes by the name of José Prates. His arranging work with Companhia de Dança Brasiliana, which toured more than 80 countries, presented shows based on Afro-Brazilian culture.

Prates' work became cult later, when Jorge Ben Jor inserted phrases from the song "Nãnã Imborô", from the 1958 album Tam... Tam... Tam! by José Prates in his 1963 song "Mas que Nada".

In a timeless bridge, we recognize the Orkestra Rumpilezz by Bahian maestro Letieres Leite as a direct descendant of the sound aesthetics of the arrangements based on percussion and wind instruments, created by Abigail and Prates.

Just like North American Blues and Jazz, Samba has gone through a century of mutations, mergers and experiments, being the catalyst for changes and breaks in social, cultural and marketing paradigms.

With the need to point to other issues, a new visual, behavioral and sound aesthetics emerged new watchwords, self-esteem in vogue,

Say it Loud – I'm Black and I'm Proud – sang James Brown in the late 1960s and echoed in the words of "Sou negro" (I'm Black), from 1970, by singer Tony Tornado, and "Uma vida" (A Life), by Dom Salvador and his group Abolição.

The moment arrives for the height of Black pride with "Black is Beautiful" and the Black Rio Movement! An avalanche of people at bailes spread across the North Zone of Rio de Janeiro who met to dance, and which had its "ground zero" in November 1969 at Astória Club.

From then on, the movement "gained momentum", invaded the radio, and record

companies began to understand that that sound full of groove, coming from the USA, had "wood to burn". In a short period of time, names like Banda Black Rio, Tim Maia, Carlos Dafé, União Black, Copa 7, Gerson King Combo, Cassiano, Diagonais, Simonal, Hyldon, Sound Teams like A Soul Grand Prix, Dynamic Soul, Furacão 2000, Equipe Black Power, Modelo, dragged thousands of people to clubs in the North Zone and West Zone of Rio. Considered Brazilian Intangible Heritage, the Black Rio Movement recently completed 50 years in 2019.

When looking carefully, we can identify a series of cultural and social developments, arising from the Black Rio Movement, which, in the same surprising way that it emerged, saw the market recalculate its route by bringing Disco Music to be the new niche of the industry.

In a chameleonic way and with the advent of technology, new formats appear. Disco Funk, Electro Funk, and Miami Bass came to shake up Black music and pave the way for melôs and samplings, a reality that begins to shape and pave the path opened for Funk Carioca.

~ Leonardo Moraes

Funk is one of the most played and consumed musical genres in the world. As a form of Electronic Dance Music (MEP), this musical genre is made up of rhythmic and melodic ostinatos, in which the pounding of the Tamborzão, the frenetic beats, and the daring samples promote schemes of transgression, liberation, and emancipation. Funk amplifies the sound diversity of the hood and diasporic bodily plurality in the act of constructing and reconstructing individual and collective memories to combat racism, sexism, and recently, LGBTQIAPN+phobia. Aesthetics, sound, and anti-racist politics are the paths that the genre travels on, especially in the Baile Funk scene, a movement from the favelas and communities. Among Funk Melody, Proibidão, Brega, and Ostentação, this genre, created and recreated by Funkeiras and Funkeiros, confronts the standard of the white-heteropatriarchal-bourgeois-Christian society because when the sound of Black and favela reaches the ears, no one stays still.

~ DJ TR

"We need a revolution in Funk Carioca. We need to talk about what is happening in the community and how to get out of it. We can still dance, but it is necessary to send a message"

[Afrika Bambaataa – interview with Rolling Stone magazine (19/07/2013)]

"Planet Rock"– The defining moment in the creation of the Funk Carioca rhythm.

The year was 1982, when the DJ and producer Afrika Bambaataa, with his group Soul Sonic Force, released "Planet Rock", credited as one of the most influential early Hip-Hop songs of all time. Instead of making Rap from the beats of the Funk Bands of the 1970s, as early artists such as The Sugarhill Gang and the Grandmaster Flash and The Furious Five, Bambaataa created a 100% electronic sound by sampling Kraftwerk (an influential German electronic music group formed by Ralf Hütter and Florian Schneider in 1970, in Düsseldorf), specifically, the success of "Trans Europa Express", the title track of the band's sixth album, released in 1976, and Yellow Magic Orchestra, a Japanese electronic music group formed in Tokyo in 1978, by Haruomi Hosono, Yukihiro Takahashi, and Ryuichi Sakamoto.

Using the resources of Roland TR-808, an

FASHION TRENDS AND BEHAVIOR

The economy driven by Funk unfolds in the consumption of products, mainly clothing from brands such as Bad Boy, HBS, Cyclone, Kenner, Oakley, often celebrated in song lyrics, such as the unforgettable "Gang Pants, every woman wants. 200 reais to make your ass stand up", by DJ Saddam.

"Rap da diferença", a big hit from the 1990s, by MCs Markinhos & Dollores describes how Funkeiros went to bailes: "I'm a Funk player, I wear a hat / Curly hair, little chain and ring / I dress in an international style / Reebok or Nike I always slay / Cyclone shorts, original brand / My imported cap is traditional / Pay attention to the fabrics of the national Funkeiro/ Rio-Funk fashion improved my mood". Since then, Funk fashion has changed, as has the music. Among women, the shorts and top duo never left the wardrobe, but shares space with short skirts, tight and low-cut short dresses, bodysuits – which are more comfortable for dancing and going down to the floor – and pieces with a lot of shine: sequins, beads and jewel embroidery. Some stick to high heels, while others prefer flats or even comfortable sneakers to make dancing easier. Accessories cannot be missing: golden or colorful pendants, chains, earrings, bracelets, often influenced by the Hip-Hop style.

BODY AND SENSUALITY: AGAINST THE HYPOCRISY

The cries for freedom and boldness are also represented through dance, fashion, and behavior. In the 2000s, we saw the success of "mulheres fruta" (fruit women), such as the dancer Mulher Melancia, who impressed audiences with her execution of speed 5 in the Créu dance. In the 2010s, the Bonde das Maravilhas released a daring choreography that went viral on the internet. Twerking your ass is also a political act, a way of demonstrating control over one's own body and connecting with African ancestry – proof of this is the presence of similar dance movements in different Black cultures in the diaspora. If, throughout the history of colonization, Black women have been sexually exploited and had their bodies displayed as a spectacle, the women today are expressing their ownership of their bodies and their power to decide over them..

LGBTQIAP+ PROTAGONISM

Today, we witness the presence and success of LGBTQIAP+ people in Funk, such as Pepita, MC Xuxú, MC Trans, MC Garota X, Mulher Abacaxi, and Bonde das Bonecas. The first icon of this movement was the dancer Lacraia, who had great success in the early 2000s when she formed a duo with MC Serginho. The duo's appearance on the television show Domingo Legal in 2003 resulted in the highest viewership ratings. For a long time, there were reservations about the presence of LGBTQIAP+ people in Funk and mentions of them in the lyrics oscillated between mockery and celebration. However, the recent strengthening of identity movements reverberated in the Funk scene, creating a more inclusive territory and a place of empowerment for different identities.

LACRAIA

A transvestite, born and raised in Jacarezinho, was one of the biggest icons of Funk Carioca in the 2000s. Dancer Lacraia achieved national success when she formed a duo with MC Serginho, after having worked as a chambermaid, hairdresser, makeup artist and drag queen. In a period when the cultural environment and society were much more hostile towards LGBTQIAPN+ people, especially towards transvestites and transsexuals, Lacraia, in her partnership with Serginho, scored hits in 2002 such as "Vai, Lacraia" and "Eguinha Pocotó", reaching record-breaking audiences in her appearances on TV programs on major broadcasters. The dancer passed away at the age of 33, in 2011, from pneumonia, but she opened doors and left a legacy that is followed by new names in the LGBTQIAPN+ scene.

REPORT AGAINST VIOLENCE

If the media and conservative society, from the 1990s onwards, chose the image of the Funkeiro as a threatening figure, this identity was circumvented by song lyrics that call for peace at the bailes, denouncing violence in favelas, injustices and the ills of peripheral population. Still in the 1990s, we could mention "Rap da felicidade", by Cidinho and Doca, and "Rap do Silva", by MC Bob Rum. Some names from the new generation have revived the conscious Funk that emerged in the 1990s with a new look based on Trap, like MC Cabelinho, who in the song "Reflexo" asks "who fooled you that the favela residents are safe in their own home?" and "who guarantees that a stray bullet during a shooting will never find me?". In "Maré" he plays someone who got into drug trafficking due to a lack of opportunities, saying "I delved into crime very early / Even though I knew it was dangerous / Unfortunately there was no other way / I needed to feed my son." MC Carol, in dialogue with rap, released "Delação premiada", which denounces police violence in the favelas, recalling cases such as that of the construction worker Amarildo and the dancer DG. Carol sings, in a denouncing tone: "On television, the truth doesn't matter / He's a Black man
from the favela / So he had a pistol" and "A rich and powerful criminal has a separate cell / VIP treatment and a plea bargain".

BAILE AND GOVERNANCE

As with the financing of samba schools by bicheiros (bookies for Jogo do Bicho), since the rhythm became popular, the financing of bailes Funk by drug dealers is a way of gaining respect and support from the community. This causes some people, mistakenly, to directly associate Funk with drug trafficking, ignoring the complexities that exist in both the identity of the Funkeiro and the drug dealer. To mention an example, with the advance of neo-Pentecostalism in Rio's communities, which face vulnerability and abandonment by the public power, it is common for drug dealers to create support networks for churches, finance paintings of biblical messages on walls and be seen listening to or singing Gospel music. This does not mean that Gospel is labeled as "thug music", contrary to what happens with Funk.

electronic drum presented by the DJ and producer Arthur Baker (who was the producer of the New Order group, one of England's most famous rock and electronic bands, formed in Manchester in 1980, and much in demand on dance floors around the world) in his studio, Afrika Bambaataa intensified the percussion bass and, with the help of the producer, brought the song "Planet Rock" to the world. With it, the Electro Funk style was born.

We should say that "Planet Rock" innovated Hip-Hop culture (spreading it all over the planet) and electronic music in several ways: one of the most notable was the use of Roland 808 beats in Rap music. That inspired many future musicians, from the Beastie Boys to Kanye West, who named his album 808s & Heartbreak in 2008 after the now widely used drum sounds.

The Black Rio Movement emerged in the 1970s in Rio de Janeiro based on counterculture, inspired initially by the revolution in African American Funk Music led by James Brown. The Brazilian movement mixed the rhythms from there with Brazilian Black Music such as Funk, Soul, Jazz, Samba, and Forró. With the decline of the Black Rio Movement in the 1980s, after being persecuted by the intelligence divisions subordinate to the military regime – who believed the cultural movement was inspired by the civil rights movement in the United States – the Electro Funk genre, by Afrika Bambaataa, emerged again under African American influences, through the classic "Planet Rock".

First, it is worth pointing out that the music and the genre became the raw materials for the emergence of electronic rhythms that rocked the dance floors in the 1980s, such as House from Chicago, Techno from Detroit, Latin Freestyle from Nova York (known in Brazil as Funk Melody) and Miami Bass, which, as its name implies, came from Miami. The last two genres were incorporated into the culture that would emerge at the end of the 1980s in Rio de Janeiro: the Funk Carioca.

In 1982, the DJ Marcão from the Cash Box sound team released firsthand "Planet Rock" by Afrika Bambaataa and Soul Sonic Force on Tropical FM radio and opened the door to a new post-Black Rio generation in the fresh suburban scene of bailes.

Without question, Planet Rock is the ground zero of Funk and electronic music. "I already played Kraftwerk at bailes, but it did not have the same weight as 'Planet Rock'", said DJ Marlboro in an interview with the newspaper O Globo (09/12/2012).

From "Planet Rock" to what we understand as Funk Carioca, there were many sound variations and experimentations that took place at the bailes in the courts, recreational clubs, and favelas, as well as on the radio programs (AM and FM), promoted by the sound teams of the time.

Meanwhile, Electro Funk, affectionately known as Balanço (Balance), took over the dance floors of the bailes until Latin Freestyle arrived in 1983, which was fondly known as Funk Melody. And speaking of Melody, both Electro Funk and Latin Freestyle received the nickname of melôs (short for melody in good Portuguese). Examples include "Light Years Away" by Warp 9 group, which became "Melô da Macumba", and "How Can We Be Wrong" by Trinere, which became "Melô do Anjinho".

Miami has finally come up with the glue that was needed to unify all these experiments that have come to define the identity of Funk Carioca: Miami Bass, a sub-genre of Hip-Hop. Miami Bass, or Booty Bass, was born

in 1989 and was based on groove lines generated by Roland TR-808 electronic drum, samples, strong synthesizers, and, at the time, the explicit lyrics that marked the musical style. This genre was the missing art for the birth of Funk Carioca since the similarity of the beats and body movements in Miami were very close to the characteristics from here – two coastal cities bathed in the warmth of the Sun.

That is how Fernando Luís Mattos da Matta, better known as DJ Marlboro, became the main figure responsible for the birth of the genre known as Funk Carioca. It was Marlboro who introduced electronic drums to the music genre, a technology that is the central hallmark of the rhythm to this day. In September 1989, he released the LP Funk Brasil (Funk Brazil) on the PolyGram label. As well as being the fundamental piece for Brazilian Funk, the record, whose artists were mostly DJs from the bailes who parodied some international hits from the suburban bailes, is also the Rosetta Stone of this culture, which today translates into many styles and forms of dance.

In fact, Funk Carioca and Hip-Hop, as well as sharing musical universes and social contexts, also share identifying nomenclatures: MC (Master of Ceremonies) and DJ (Disc Jockey).

Hit Me!

~ ***Deize Tigrona***

Funk is a favela culture and, that is why, it is so resistant and powerful.

Even though Funk has reached unlikely places, there is still prejudice against the genre. Some say it is because of the lyrics, or even its dance steps that sexualize the rhythm, the strong lyrics that portray the favela experience, the so-called Proibidão! However, because of its resistance, it is irrefutable that Funk is a social and political movement that has fierily reached the asphalt through the voices of favela's artists, previously silenced by society. Some artists, who fight for the genre, have even been arrested for singing Proibidão.

I was slapped in the face by the police for going to a baile in the favela, and today Funk is taken to the asphalt and to the world because of its resistance and because society sees Funk as a unique form of capital. Today Funk is part of the visual arts. Today Funk feeds the digital platforms, the phonographic market.

Funk moves the world.

WHETHER TWERKING THEIR ASSES, SINGING "DIVE INTO MY PUSSY" OR BEING THE PROTAGONISTS OF AN EXHIBITION, FUNKEIRAS MAKE "NOISE" FOR ALL WOMEN

~ ***Tamiris Coutinho***

Funkeiras are disruptive!

Yes, they are disruptive to a part of a sexist society that seeks to repress courageous women who use their voices and bodies to break with the oppressions to which they are subjected.

They are disruptive because they assume the lead role of their own stories and express relevant themes to their own reality and that of their fellow women.

For those who insist on seeing the world under the gray veil of sexism, the expression of Funkeiras is like a very bright color that causes an impact, a brilliant light that almost blinds. They are power, they are vitality. They shout, sing, and twerk their asses for freedom and respect.

So here is an invitation: remove the veil and see the Funkeiras without limiting blindfolds.

Whether twerking their asses, singing "dive into my pussy" or being the protagonists of an exhibition, they make "noise" for all women.

EXPOSURE TO RISK AND VIOLENCE

Actions often labeled as "vandalism" by the media are often motivated by the desire to mock and the pleasure of causing discomfort to others, by the necessity to prove, for example, that a beach in the South Zone is not the property of those who live there. Another point that can be added to this discussion is the taste for risk and competition. It was the case, for instance, with the train surfers. Putting themselves in danger in an exhibitionist way ends up expressing a feeling of social exclusion and indifference to trouble, since these are acts practiced by people who are on a daily basis subjected to the risks of urban violence.

FUNK AS LEISURE FOR WORKERS

The Baile Funk tends to be one of the few leisure options for young people who live in favelas and peripheries, given the lack of systematic actions by the public power in these territories with regard to culture. After long and tiring working hours, most of the time in places far from their homes, which require traveling on crowded public transport, workers find a form of fun in their own community at Bailes Funk. It becomes a place of possibilities for dating, making out, dancing and socializing among friends.

FUNK WORKERS

The Funk is fun for those who go to the bailes. But for a lot of people, it is synonymous with work: DJs, MCs, dancers, traders, waste pickers, motorcycle cabs, and those behind the scenes of the parties – such as the teams that set up the stages, the lighting and the sound system –, as well as barbers, manicurists, nail designers, seamstresses, stylists, and employees of the clothing stores that produce the look of those who participate the bailes, whether on stage or on the dance floor. Therefore, it is an economy that begins before the bailes and is involved in the macroeconomics of Funk.

THIS IS NOT A RIFLE

Produced on Afro-Latin and indigenous soil, this work *(pg. 161)* walks through plural metaphors that are found in a kind of Opaxorô (an instrument used by Oxalá that represents orality and the foundation for keeping culture alive).

In addition to the axé, it was also possible to absorb a sip of sarcasm that points to The Treachery of images by René Magritte, 1929. However, Novíssimo Edgar walks through the history of art again and assimilates it with the contemporary umbrellas used at bailes Funk in São Paulo, or in any other Brazilian periphery where any doll, skateboard, drill, or a simple umbrella can be mistaken with a rifle even without an exchange of fire or a police operation taking place. The problem is the social myopia intrinsic to the lack of preparation of the country's police.

Novíssimo Edgar makes the hunting and hunter alert glaring through the designer brand logos alternated by targets and weapons, creating a small hyperopia on top of the apparently dichotomous images, because what holds this entire staff/column suspended, creating the tension between falling and floating, is a miniature rifle. So we do not to forget the evil that sustains us and also remember that the Opaxorô represents orality itself (from the Yoruba

– scepter that speaks), also meaning tradition. This tradition that will rule the world through transmission, through the voice, through the body and through the wisdom of the ancestors – this is not a rifle, this is Funk.

FUNK EVERYWHERE

In 1997, major Jorjão of Unidos do Viradouro became the first drum major from a Samba school to include a "paradinha" (a brief interruption of the drum section) with the Funk rhythm in the samba-enredo. Since then, this practice has spread among Samba schools, but not just within them. It became common to mix Funk with other rhythms, even with classical music, which proves that tradition and novelty, the erudite and the popular, can coexist and come close together, producing unique sound experiences.

Other mixtures gave rise to regional subgenres, such as Brega Funk in Recife, which drew influences from Funk Carioca, and Eletrobrega, which has been highly popular in the Northeast since the 2010s. On the dance floors of Curitiba, in the south of the country, Eletro Funk became popular, which, as the name suggests, combines Funk with internationally influenced electronic music.

And speaking of international influence, it is not just us who incorporate rhythms from abroad into our music. The Brazilian Funk started to be increasingly exported and to influence the music made in other countries. Even international artists with long solid careers, such as Madonna, have already surrendered to the Carioca rhythm and included it in their songs and video clips. Curiously, it was an international star, Beyoncé, who first brought the Funk to the stage at Rock in Rio, one of Brazil's biggest music festivals in 2013, with her performance to the sound of "Passinho do volante" (MC Federado & Os Leleks). Less than ten years later, it was Funk's turn to make it to the Halftime Show of Super Bowl 2023, starring Rihanna using a mix of one of her songs created by the Bahian music producer Klean in her performance. In the last ten years, large national and international stages have opened themselves to Funk, especially with the success of singers like Anitta and Ludmilla.

However, we cannot forget that these new grounds were broken by names like Deize Tigrona, the first artist to take the Funk abroad. She performed a series of shows in Europe in the mid-2000s after her hit "Injeção" was sampled by English singer M.I.A. in 2005.

THE ERA OF LARGE STRUCTURES

There were several attempts to discipline Funk, but the movement only continued to grow. Today, we live in the era of the bailes with large structures which, as well as boosting the local economy, attract crowds from different territories – including celebrities and upper-middle-class people. For example, the Baile of Disney (in Vila do João) does not bear the name of the world's largest amusement park by chance. Its structure is worthy of big festivals, and today it is the biggest baile in Rio. The attractions include not only DJs and MCs but also groups and singers from Pagode and other rhythms, giving favela residents the chance to have access, in their own territory, to successful names in Brazilian music. The now-extinct Baile da Gaiola (in Penha) attracted as many as 25,000 people in a single 16-hour event. The Baile da Gaiola is also known for having been the main promoter of 150 BPM in Brazil.

~ ***Celly IDD***

Funk is one of the most played and consumed musical genres in the world. As an electronic dance floor music (MEP), this musical genre is made up of rhythmic and melodic ostinatos, in which the pounding of the Tamborzão, the frenetic beats, and the daring samples promote schemes of transgression, liberation, and emancipation. Funk amplifies the sound diversity of the hood and diasporic bodily plurality in the act of constructing and reconstructing individual and collective memories to combat racism, sexism, and recently, LGBTQIAPN+phobia. Aesthetics, sound, and anti-racist politics are the paths that the genre travels on, especially in the Baile Funk scene, a movement from the favelas and communities. Among Funk Melody, Proibidão, Brega, and Ostentação, this genre, created and recreated by Funkeiras and Funkeiros, confronts the standard of the white-heteropatriarchal-bourgeois-Christian society because when the sound of Black and favela reaches the ears, no one stays still.

~ ***Glau Tavares***

In the Funk movement, the DJ plays a very relevant role. At times in history, he has taken center stage in this manifestation. In the universe of the genre, the DJ does much more than accompany the MCs at shows. He is the one who runs the baile, brings musical novelties, launches trends and sound elements, creates new ways of mixing songs, communicates with the public, and often takes on the role of showman. Changing the beats, creating increasingly fast-paced tracks, and always keeping up-to-date with musical research are all skills founds in a Funk DJ.

The mixing techniques, sampling, melôs (melodies), remixes of songs from other styles, mashups with Arrocha, the Rave music, and Brega are the result of several DJs' musical research. In Funk, the originality of the technique guarantees prominence, and the vast majority takes the risk of producing their own beats to play at the bailes. In the history of the genre, several DJs have played a significant role in popularizing and consolidating the style, such as DJ Marlboro, who released the LP Funk Brasil *(Funk Brazil) in 1989. We can also mention DJ Cabide, who stands out as one of the creators of the Tamborzão beat, popularized in the 2000s. This is a beat that combines the Miami Bass with drums from religions of African origin and features the beatbox to mark the rhythm. Currently, we have names like DJ Polyvox, one of the creators of the 150 BPM rhythm, and DJ Renan Valle, both from Complexo da Maré. Other highlight names of this scene are DJ Zullu and DJ Ramon Sucesso, both of whom excel in their performance, originality in mixing and in the dynamics of their sets. In São Paulo, we have DJ R7 as one of the creators of the Funk beat that became popular throughout the rest of the country. DJ K stands out among the new generation. Recently, he released an album with a new creation from the flows of São Paulo, introducing the genre Bruxaria (Witchcraft). The album, titled* Pânico no Submundo *(Panic in the Underworld), caught the attention of the international music press, receiving good reviews.*

Funk is a cultural ecosystem wherein all the elements align and work together for growth. The dancers have a prominent role in popularizing and creating the passinhos (movements that become a dance style) and dance steps that take over social networks. The MCs stand out for their lyrics and create hits that mark generations. The DJs, on the other hand, represent a key foundation for sound creation and for the popularization of the bailes, bringing a constant flow of innovation and keeping the style always refreshed and ahead of its time.

FUNK INVENTS THE FUTURE

~ ***GG Albuquerque***

Talking about Black avant-garde is a paradox, says Afro-American poet and theorist Fred Moten. That is because the avant-garde is a Black thing, and Blackness is an avant-garde thing. For decades, Funk artists have been developing an artistic mindset of radical experimentation, but their musical innovations are often stifled and put on the back burner. The status of art is dominated and so besieged by the white elite that Funk is still often seen only for its social value, thus erasing all the disruptive creativity of the favelas and peripheries.

Without access to formal musical education, the Funk DJs and music producers worked on electronic equipment to invent their own creative methods and procedures. Everything becomes music in Funk's web of Afro-electronic rhythms: sounds of gunshots, soda bottles, moans, video game characters, and MCs breathing. At favela bailes, we hear the sound of music that is inventing the future – the future of music, party, and community.

FUNK IS MEDIA

It did not take long for the Funk to extend beyond the boundaries of the Bailes Funk. The sound gradually spread with the help of radios and TV programs and the release of CDs and DVDs. Its popularity reached every corner of Brazil, even giving rise to regional subgenres, such as Brega Funk in Recife and Funk Ostentação in São Paulo.

The Funk became part of the soundtrack for soap operas, movies, and TV series. The song "Baile de favela", by MC João from São Paulo, was played at the Tokyo Olympics in 2021, accompanying the performance of gymnast Rebeca Andrade. The rhythm has become practically obligatory at birthday parties and weddings and has become the most listened-to Brazilian musical genre in foreign countries. Clearly this diffusion was the result of the popularization of the internet, which securely played a fundamental role in this process. If online distribution of MP3 songs (and, more recently, streaming) has made Funk echo throughout the country and beyond, the music videos and the recordings of live performances, available on platforms such as YouTube, consolidated the image of Funk and the Funkeiro.

Media platforms, more than mere intermediaries, shape Funk according to its specificities. They play a role in adapting the vocabulary to radio and broadcast TV and in promoting the dances and mixes through, for instance, TikTok. Funk is everywhere and in constant transformation, proving to be as diverse in its style as it is in its range.

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO FUNK

TECHNICAL SPECIFICATIONS FUNK EXHIBITION

Amanda Bonan, Dom Filó Marcelo Campos, Taísa Machado
Curadoria
Curatorship

Amanda Rezende, Gabriel Moreno, Jean Carlos Azuos, Thayná Trindade, Thiago Fernandes e Waleska Oliveira
Pesquisa e Assistência
Curatorial Research and Curatorial Assistance

Celly Imperatriz, Deize Tigrona, DJ Zulu King TR, GG Albuquerque, Glau Tavares, Leonardo Moraes, MB Groove, Sir Dema, Tamiris Coutinho
Consultoria Curatorial
Curatorial Consulting

Felipe Maia, Iuna Patacho, Márcia Rego, Priscila Manfredini, Renato Alexandre, Renato Vieira, Saturno Douglas, Stella Paiva.
Produção
Production

Elen Machado, Mari Castanheira
Estagiárias de Produção
Production Interns

Andréa Zabrieszach dos Santos, Bruna Nicolau, Priscila Zurita
Museologia
Museology

Luana Santos, Davi Arcoverde, Graziela Simões, Taina Ribeiro, Yasmin Barros, Isabela Duarte
Estagiários de Museologia
Museology Interns

Karen Merlim
Acervo Bibliográfico
Bibliographic Collection

Gabriela Rodriguez, Tatiana Silva e Sthefany Lopes
Estagiárias de Acervo Bibliográfico
Bibliographic Collection Interns

Caio Corato, Fabiana Motta, Fernanda SanSil, Isabela Cruz e Tamine Gesualdi
Laudos Museológicos
Museological Reports

Marcos Inácio, Renato Dias e Kbedim
Montagem das Obras
Installation of Artworks

Gru.a
Projeto Expográfico
Expographic Project

Ívanno José Brabo {Só Letra Braba}
Design gráfico e Identidade Visual
Visual Identity and Graphic Design

Antônio Venâncio
Produção de direitos autorais
Copyright production

FR Cenografia
Cenotecnia
Scenotechnics

Raimundo Santos
Restauração e higienização de obras
Art Restoration and Cleaning

Barracão de imagens, Casa2 Imagens
Impressão Fine Art
Fine Art Printing

Barracão de imagens, Capricho Molduras, J Alves Telas e Molduras Ltda, Moldurax e Metara
Moldura
Frame

Marcelo Andrade, Bernard Gotelip, João Gabriel Peixoto, Luís Gustavo Carmo, Priscilla Casagrande e Renata de Almeida
Comunicação
Communications

Ginga Design e Lamp10
Plotagem e Sinalização
Plotting and Signaling

Numa Editora – Adriana Maciel, Lia Duarte Mota, Nicolas Casal e Rita Isadora Pessoa
Tradução e Revisão
Translation and Revision

Bernard Gotelip e Angélica Gotelip
Tradução adicional de textos
Extra texts translations

FCLD, Diana Joels e Luana Alves
Iluminação
Lightining

Art & Luz
Equipamentos de Iluminação
Lighting Equipment

Linha D Montagens Equipamentos
Audiovisuais
Audiovisual Equipment

Alves Tegam Company Log Millenium
Transporte de obras
Transport of Works of Art

INSTITUTO CULTURAL VALE

VALE CULTURAL INSTITUTE

CONSELHO ESTRATÉGICO

STRATEGIC BOARD

Malu Paiva
Presidente
President

Flávia Constant
Vice-presidente
Vice president

Hugo Barreto
Octavio Bulcão

DIRETORIA EXECUTIVA

EXECUTIVE BOARD

Hugo Barreto
Diretor Presidente
CEO

Luciana Gondim
Gisela Rosa

VALE

Eduardo Bartolomeo
Presidente
President

Malu Paiva
Vice-presidente de Sustentabilidade
Vice president of Sustentability

Hugo Barreto
Diretor de Clima, Natureza e Investimento Cultural
Director of Climate, Nature, and Cultural Investment

VALE / INSTITUTO CULTURAL VALE

INVESTIMENTO CULTURAL

CULTURAL INVESTIMENT

Luciana Gondim

PROJETOS E PATROCÍNIOS

PROJECTS AND SPONSORSHIPS

Gisela Rosa

Joana Martins e Flávia Dratovsky
Equipe
Team

AGRADECIMENTOS

SPECIAL THANKS TO

A Embaixada da França no Brasil, Ioná Zalcberg, André Fernandes, João Voo, Apavoramento Sound System, Gree Casua, Lado Sul produtora, Bob Rum, Vice (Felipe Larozza), restauradoras Rejane Oliveira dos Santos e Ana Mary Torres Amado. Agradecimentos especiais a Clarissa Diniz e Janaína Melo que acenderam a chama da ousadia no MAR, escutando os que vinham e performavam desejos. Desde que o MAR realizou a exposição sobre o Samba, a vontade de fazer Funk se desenvolvia. Agradecemos, também, ao jovem que nos interpelou em uma entrevista, dizendo, categoricamente, devia ter uma exposição sobre o Funk. Ao Hugo Oliveira que, quando gerente da Escola do Olhar, reaqueceu a chama nos estimulando a pensar o Funk.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS (OEI)

ORGANIZATION OF IBERO-AMERICAN STATES (OEI)

Mariano Jabonero
Secretário-Geral da OEI
General Secretary of OEI

Raphael Callou
Diretor-Geral de Cultura da OEI
General Director of Culture of OEI

Rodrigo Rossi
Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil
Director and Head of the OEI Representation in Brazil

Amira Lizarazo
Coordenadora de Administração e Finanças da OEI no Brasil
Administration and Finance Coordinator at OEI in Brazil

Telma Teixeira
Coordenadora de Cooperação e Desenvolvimento da OEI no Brasil
Cooperation and Development Coordinator at OEI in Brazil

Leandro Bertoletti
Gerente de Comunicação da OEI no Brasil
Communication Manager at OEI in Brazil

Luiz José da Silva
Gerente de Administração da OEI no Brasil
Administration Manager at OEI in Brazil

Fábio Ferreira Mendes
Gerente de Tecnologia da OEI no Brasil
Development Analyst at OEI in Brazil

MUSEU DE ARTE DO RIO

RIO ART MUSEUM

Marcelo Velloso
Diretor-Executivo
Executive Director

Marcelo Campos
Curador Chefe
Chief Curator

Gabriela Castilho
Coordenadora-Geral de Administração General
Administration Coordinator

Marcelo Andrade
Coordenador de Comunicação
Communication Coordinator

Patrícia Marys
Coordenadora de Educação do MAR e Escola do Olhar
Education Coordinator at MAR and Escola do Olhar

Amanda Bonan
Gerente de Curadoria
Curatorship Manager

Andréa Zabrieszach dos Santos Gerente de
Museologia Museology Manager

Carla Cal
Gerente de Relações Institucionais
Institutional Relations Manager

Carolina Cavalcanti
Gerente de Novos Negócios
Partnership Manager

Matheus Silva
Gerente de Planejamento e Projetos
Planning and Project Manager

Stella Paiva
Gerente de Produção
Production Manager

Adrielle Vieira
Educadora
Educator

Alan Martins Analista
Financeiro
Financial Analyst

Alverindo Borges
Oficial de Manutenção Hidráulica
Hydraulic Maintenance Technician

Amanda Minguta
Assistente Administrativa
Administrative Assistant

Amanda Rezende
Curadora Assistente
Assistant Curator

Ândrea Müller
Assistente de Relações Institucionais
Institutional Relations Assistant

Bernard Gotelip
Supervisor de Design
Design Supervisor

Bruna Nicolau
Museóloga
Museologist

Caroline Silva
Analista de Infraestruturas e Sistemas
Infrastructure and Systems Assistant

Claúdia Araújo
Assistente Administrativo da Escola do Olhar
Administrative Assistant at Escola do Olhar

Clarice Saisse
Educadora
Educator

Enzo Accioly
Assistente Financeiro
Financial Assistant

Felipe Viana
Educador de Projetos
Project Educator

Guilherme Carvalho
Educador Pleno
Mid-level Educator

Hugo Pansini
Assistente de Produção
Production Assistant

Isabela Cruz
Assistente de Gestão de Acervo Museológico
Museum Collection Management Assistant

Iuna Patacho
Produtora
Producer

Jean Carlos Azuos
Curador Assistente
Assistant Curator

João Gabriel Peixoto
Design Gráfico
Graphic Design

Josecleiton dos Santos
Oficial de Manutenção Elétrica
Electrical Maintenance Technician

Juliana Cazumbá
Educadora
Educator

Karen Merlim
Bibliotecária e Documentalista
Librarian and Documentarian

Luana Santos
Assistente de Gestão de Acervo Museológico
Museum Collection Management Assistant

Luciano Pereira
Oficial de Manutenção Elétrica
Electrical Maintenance Technician

Luís Gustavo Carmo
Assistente de Comunicação
Communications Assistant

Marcos Inácio Meireles
Supervisor de Montagem
Artwork Installation Supervisor

Maria Rita Valentim
Educadora de Projetos
Project Educator

Miguel Arthur
Supervisor de Operações
Operations Supervisor

Nana Rosas
Produtora da Escola do Olhar
Producer at Escola do Olhar

Nathan Gomes
Assistente de Operações e T.I
Operations and IT Assistant

Nicholas Bastos
Produtor
Producer

Priscilla Casagrande
Assessora de Imprensa
Press Advisor

Priscilla Souza
Educadora de Projetos
Project Educator

Priscila Zurita
Assistente de Museologia
Museology Assistant

Rafael Braga
Analista de Relações Institucionais
Institutional Relations Analyst

Renata de Almeida
Assessora de Comunicação
Communication Advisor

Renato Dias
Montador Artwork
Installation Technician

Renato Vieira
Produtor
Producer

Rodrigo Almeida
Produtor da Escola do Olhar
Producer at Escola do Olhar

Rosinaldo José de Oliveira
Oficial de Manutenção Hidráulica
Hydraulic Maintenance Technician

Saturno Douglas
Produtor Executivo
Executive Producer

Sidnei Gama
Mediador Literário
Literally Mediator

Tatiana Paz
Educadora
Educator

Thainá Nascimento
Assistente de Projetos
Project Assistant

Thayná Trindade
Curadora Assistente
Assistant Curator

ATENDIMENTO
VISITOR SERVICES

Nathália Gonçalves
Supervisora de Atendimento
Service Supervisor

Fernanda Cristina, Letícia Barbosa, Regina Barbosa, Thaís Carneiro, Yan Villarinho
Assistentes Operacionais
Operational Assistants

Arthur Dupim, Clara Hamamura, Dhandara Mariano, Firmino Pereira, Gabriel André, Gabriela Duarte, Jefferson Verissimo, Jonathan Soares, Juliana Antunes, Júnior Lima, Lennon Tibúrcio, Ludmyla Nascimento, Mylena Godinho, Rafael De Paula, Raquel Dos Santos, Reinan Queiroz e Silvia Amâncio
Monitores
Monitors

ESTAGIÁRIOS
INTERNS

Alice Nascimento, Carol Nunes, Davi Arcoverde, Sthefany Lopes, Graziela Simões e Taina Ribeiro

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO CITY HALL

Eduardo Paes
Prefeito
Mayor

Lucas Padilha
Secretário Municipal de Cultura
Municipal Secretary of Culture

Flávia Piana
Subsecretária de Cultura
Undersecretary of Culture

Heloísa Queiroz
Gerente de Museus
Museums Manager

CONSELHO MUNICIPAL DO MUSEU DE ARTE DO RIO (CONMAR)
MUNICIPAL COUNCIL OF THE RIO ART MUSEUM

Luiz Chrysostomo
Presidente
President

José Roberto Marinho, Geny Nissenbaum, Hugo Barreto, Luiz Paulo Montenegro, Marcelo Calero, Paulo Niemeyer Filho, Pedro Buarque de Holanda, Ronald Munk, Eduardo Cavaliere
Conselheiros
Counselors

INSTITUTO ARTECIDADANIA

CORREALIZAÇÃO
CO-REALIZATION

José Peixoto da Silveira Junior
Diretor Presidente
CEO

ANIMUS CONSULTORIA E GESTÃO

Michelle Ferraresso, Mariana Ximenes, Mariana Teixeira
Consultoria e Gestão Administrativa e Financeira
Administrative and Financial Consulting and Management

CQS/FV
CESNIK, QUINTINO, SALINAS, ITTIPALDI E VALERIO ADVOGADOS/ FABIO DE SÁ CESNIK

José Mauricio Fittipaldi, Aline Akemi Freitas, Flavia Manso
Assessoria Jurídica
Legal Advice

SQUIPP
CONSULTORIA E CONTABILIDADE NEUSELI VIRGENS

Assessoria Contábil
Accounting Advice

FICHA TÉCNICA
CATÁLOGO FUNK
TECHNICAL SPECIFICATIONS FUNK CATALOG

Marcelo Henrique Andrade
Coordenação editorial
Editorial Coordination

Amanda Bonan
Coordenação curatorial
Curatorial Coordination

Ívanno José Brabo {Só Letra Braba}
Projeto Gráfico, Visual, diagramação e capista
Graphic project, Visual, layout designer and cover artist

Bernard Gotelip
Designer Assistente
Assistant Designer

Bruno Albertim e Renata de Almeida
Produção de conteúdo
Content Production

Thales Leite
Fotografias
Photography

João Gabriel Peixoto, Luís Gustavo Carmo e Priscilla Casagrande
Colaboração - Comunicação MAR
Collaboration - MAR Communication

Numa Editora – Adriana Maciel, Lia Duarte Mota, Nicolas Casal e Rita Isadora Pessoa/ Angélica Gotelip e Bernard Gotelip
Tradução e Revisão final
Translation and Final Review

FICHA CATALOGRÁFICA FUNK

F647 FUNK: um grito de ousadia e liberdade / Museu de Arte do Rio ; Curadoria de Amanda Bonan, Dom Filó, Marcelo Campos, Taísa Machado. Coordenação editorial de Marcelo Henrique Andrade; — Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2025.

200 p .: il color; 2 cm

Catálogo publicado em decorrência da exposição realizada no Museu de Arte do Rio — MAR em Setembro de 2023 a Março de 2025.
ISBN 978-58-60226-20-7

1. Funk carioca — Exposições. 2. Música popular — Brasil — Funk. 3. Funk — História e crítica. 4. Cultura afro-brasileira. I. Campos, Marcelo. II. Bonan, Amanda. III. Machado, Taísa. IV. Dom Filó. V. Museu de Arte do Rio. VI. Organização dos Estados Ibero-americanos

CDU 78.035.2(81)"1980/..."
CDD 781.64

Bicliotecária: Karen Merlim — CRB-7 /7101

Este catálogo foi impresso na Solução em Produção no papel Alta Alvura 150 g/m2. As fontes utilizadas foram desenhadas por designers latinos. Basic Sans, por Daniel Hernández (Latinotype) e Bufalino, por César Puertas.

STEPHEN
ELZA SOAR

A exposição ***Funk: um grito de ousadia e liberdade*** fez sua primeira itinerância internacional em 2025. O Museu de Arte do Rio levou a mostra para o festival cultural *Lille3000* no Maison Follie Wazemmes, em Lille, entre junho e setembro como parte das celebrações do ano do Brasil na França.

MANTENEDOR

Lei Rouanet Incentivo a Projetos Culturais · vale cultura · INSTITUTO CULTURAL VALE

PATROCÍNIO MASTER

equinor · LATAM

PATROCÍNIO OURO

rede Itaú

APOIO

CESCON BARRIEU ADVOGADOS · globo · Instituto Machado Meyer · Wilson, Sons

PARCEIRO DE MÍDIA

curta!On CLUBE DE DOCUMENTÁRIOS

GESTÃO

OEI

CORREALIZAÇÃO

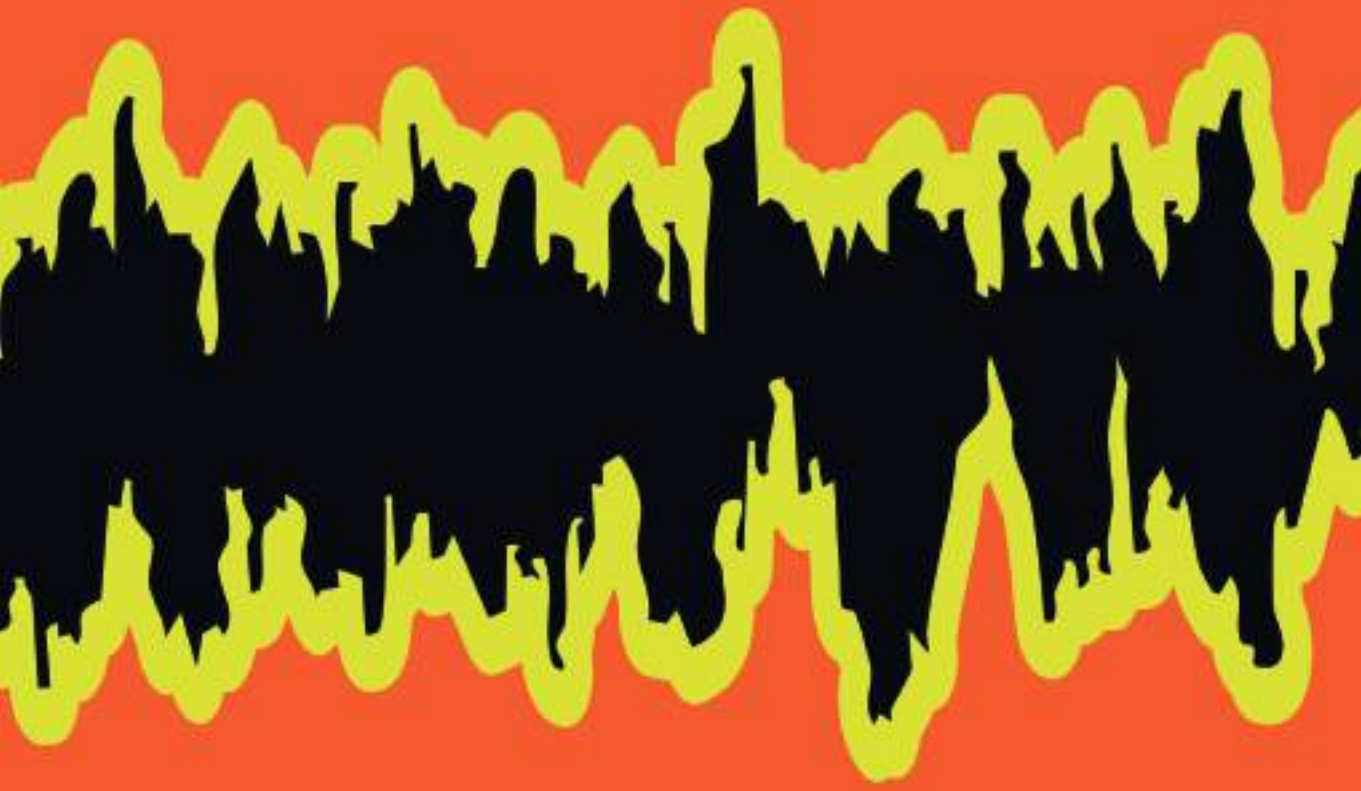
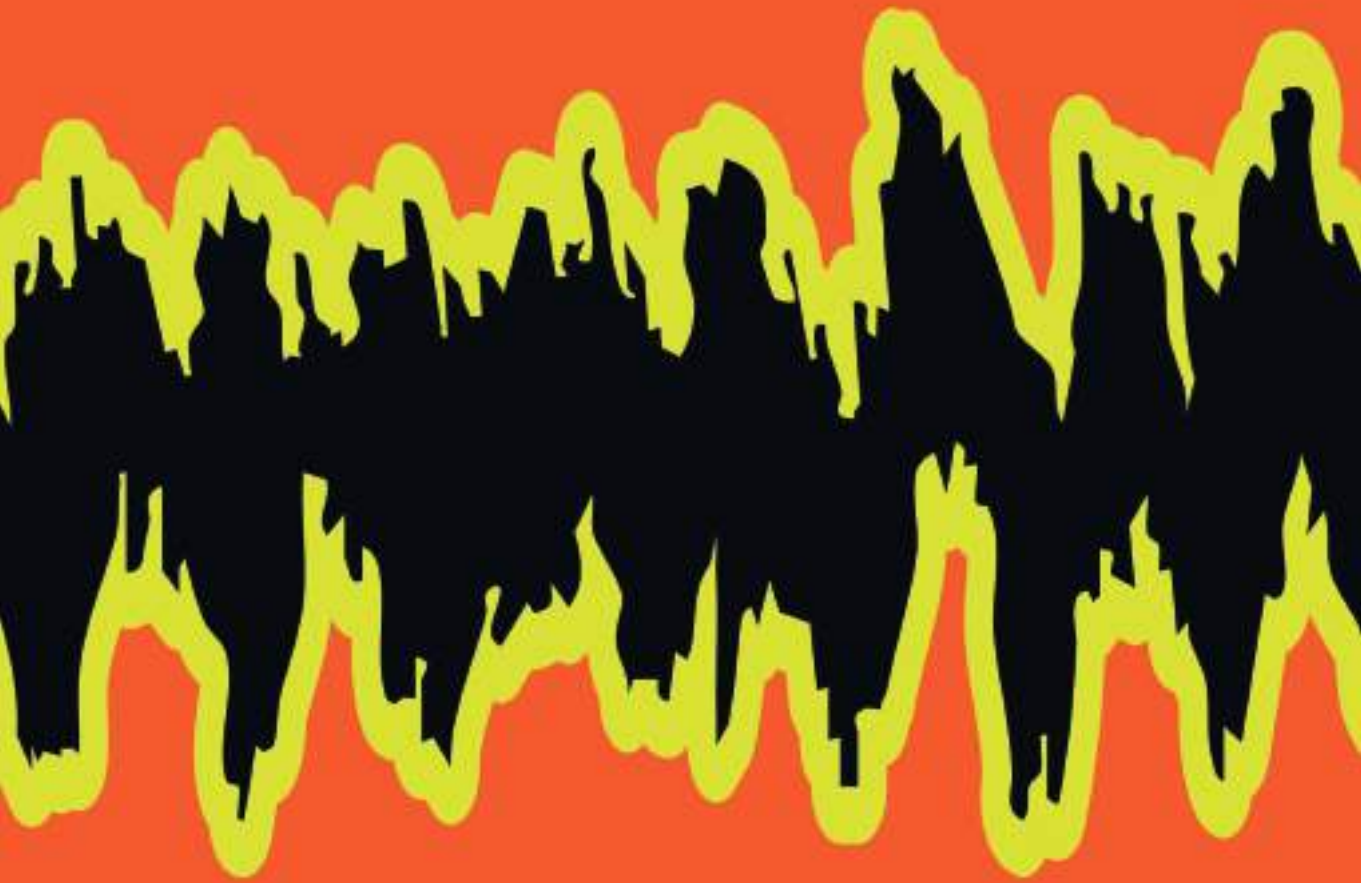
instituto artecidadania

APOIO

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

Fundação Roberto Marinho · RIO · PREFEITURA RIO Cultura

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA · GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO